

869.8
C1820
B238

A 468037



LIVRARIA ACADÉMICA
J. GUEDES DA SILVA
R. B. Mártires da Liberdade, 12
PORTO-PORTUGAL-TELEF. 20000

PROPERTY OF

The
University of
Michigan
Libraries

1817

ARTES SCIENTIA VERITAS



ANALYSE

DOS

LUSIADAS

DE LUIZ DE CAMÕES.



ANALYSE

DOS

LUSIADAS DE LUIZ DE CAMÕES

DIVIDIDA POR SEUS CANTOS
COM OBSERVAÇÕES CRITICAS SOBRE CADA UM D'ELLES

OBRA POSTHUMA

DE

Jeronymo Soares Barbosa

Deputado que foi da Junta da Directoria Geral
dos Estudos e Escolas do Reino
na Universidade de Coimbra,
Socio da Academia Real das Sciencias
de Lisboa, etc.

—
PROPRIETARIO E EDITOR

Olympio Nicolau Ruy Fernandes.

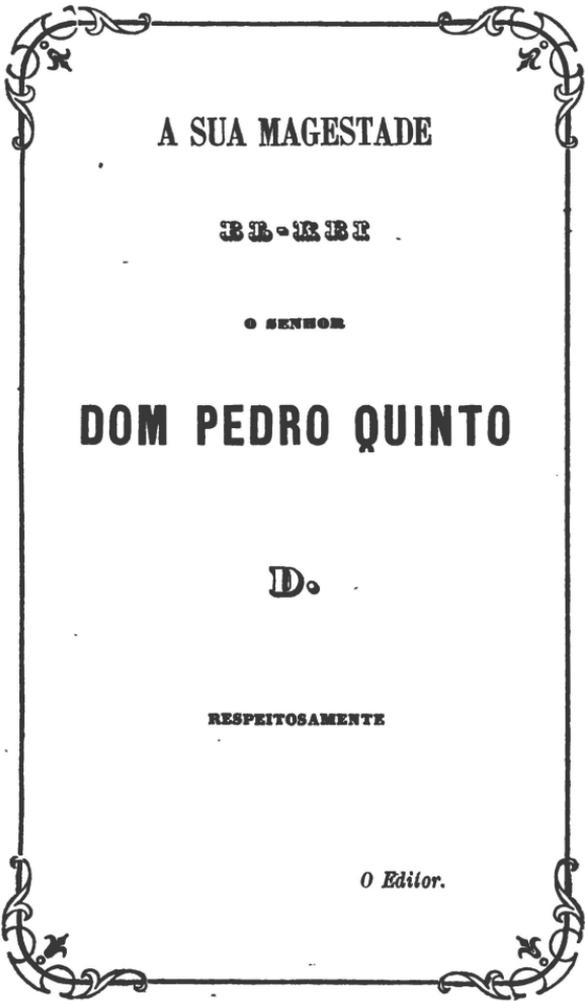
Alfredo Maya

COIMBRA

IMPRESA DA UNIVERSIDADE

1850.





A SUA MAGESTADE

III-III

o SENHOR

DOM PEDRO QUINTO

D.

RESPEITOSAMENTE

O Editor.

869.8
31520
19258

Stacks
Spanish
Liv. Academica
6-16-65
63-415947

CANTO I

ANALYSE.

Contém este canto 106 estancias, e se pôde dividir em quatro partes: a primeira é a Proposição, a segunda a Invocação, a terceira a Dedicatória, e a quarta o Principio da narração poetica.

Proposição.

A proposição vai incluída nas primeiras tres estancias. Nella diz que se propõe cantar tres cousas: 1.ª as guerras e barões assignalados, que na Asia fundaram e propagaram o novo imperio; 2.ª os reis de Portugal, que dilataram o imperio portuguez, assim na Europa como na Asia e Africa; 3.ª aquelles illustres portuguezes, que por suas acções nobres immortalisaram seu nome; em fim, o peito forte dos portuguezes, a que deve ceder tudo o que dos gregos e romanos refere a historia.

Invocação.

Na invocação implora a ajuda das nymphas do Tejo, para que, em recompensa dos versos que em louvor seu tinha feito, lhe dêem um novo ardor igual á grandeza do sujeito que vai a tractar: leva esta invocação a quarta e quinta estancias.

Dedicação.

As treze estancias que se seguem até á XIX, contêm a dedicação d'este poema ao sr. D. Sebastião, que representa na sua menoridade. A este pede (pois é a esperança de Portugal, o mais amado de Christo, o terror do mouro, o senhor poderoso d'um dilatado imperio) incline sua magestade seus olhos a vêr o nome de tantos heroes engrandecido e celebrado 'neste poema; — que cantará acções verdadeiras e não fabulosas, e que exceedem muito as que têm sido objecto das musas estranhas; que substituirá a um Rodamonte, Rugeiro, Orlando, aos doze pares, e a Carlos Magno, heroes e reis portuguezes em verdade e em tudo superiores; — exhorta-o depois a que tome o governo, e se faça temer na Africa e em todo o Oriente, e que renove em si as acções gloriosas de seu pae D. João III, e seu avô D. Manuel; e que, em quanto não chega este tempo, favoreça este seu atrevimento.

Fabula.

Designio. — *Principio do enredo, composto das causas d'esta acção (*).*

Na estancia XIX principia a narração poetica. Representa por entre as ondas os novos argonautas portuguezes, navegando ao descobrimento da India; e logo finge uma assemblêa dos deuses no céo, onde primeiro fala Jupiter em favor dos portuguezes, referindo brevemente a sua fama antiga, que tinha escurecido a dos

(*) As causas são: 1.º o designio de Vasco da Gama, que era descobrir a India; 2.º a vontade de Jupiter em favorecer estes navegantes, fundado no seu merecimento passado, e na grandeza da presente empreza; 3.º o estar isto mesmo destinado pelos fados; 4.º o empenho e interesse que 'nisto toma Venus, pelas razões que diz o poeta; 5.º o favor de Marte, empenhado pela deusa e pelos portuguezes em razão de seu esforço.

assyrios, persas, gregos e romanos; a sua presente empreza, nova e inaudita; como nos fados lhe estava destinado o imperio do Oriente; e que, em premio das suas fadigas, passadas 'naquella viagem, mereciam um bom agazalho na ilha de Moçambique. Depois d'alguns deuses darem o seu voto, levanta-se Bacco, e de todos os modos procura embaraçar esta jornada dos portuguezes, como contrária a seus interesses, que eram não deixar assombrar, pelas façanhas dos portuguezes na India, aquella gloria que elle tinha alcançado por suas emprezas militares, e ainda conservava no Oriente. Venus, porém, interessada pelos portuguezes, pela similhaça de valor, que reconhece entre elles e os seus romanos, e pela da lingua, e pelas honras que d'esta gente esperava no Oriente, sustenta vigorosamente o partido dos portuguezes contra Bacco, e, ajudada pelo voto e discurso de Marte, enfim conclue que mande Jupiter a Mercurio amostrar aos portuguezes a terra, onde da India se informem e descansem. Conduzidos por esta guia invisivel, continuaram os portuguezes com toda a paz e bonança a sua derrota entre a costa de Sofala e a ilha de Madagascar: passado já o promontorio, que os antigos chamaram Crasso, avistaram alguns batéis com gente preta, que se esforçava a abordar as náos portuguezas.

Primeiro episodio.

Recebidos 'nellas, e brindados com todos os refrescos, informaram a Vasco da Gama do nome da ilha, de seus costumes, e quem a povoava. Disseram que esta era a ilha de Moçambique; que os naturaes eram gentios; que 'nella se achavam muitos mouros, tudo governado por um governador; que este teria gosto de lhe falar, e facilmente lhe daria piloto para o conduzir á India. Partiram-se: no outro dia veio o governador, e, recebido pelos nossos, veio a conhecer serem christãos.

Primeiro obstaculo ou nó.

Desde este ponto lhe concebeu um intranhavel porém dissimulado odio, e não procurava outra cousa senão a occasião da sua perda. Aproveitando-se Bacco d'estas disposições, desce do céu em habito e sentimentos de mouro, persuade ao governador que aquelles navegantes eram piratas, e que não tinham outro fim senão maquinar a tomada e despojo d'aquella ilha; que o capitão determinava vir a ella com a sua gente; que atalhassem este engano, esperando-os armados para os desbaratar; que se isto lhe não sortisse, se servissem de um piloto astuto e manhoso, que os conduzisse ao precipicio.

Solução.

Conheceu Vasco da Gama o engano, pelos preparativos, que os mouros faziam nos batéis, e pela recusa do piloto offerecido. Desce á terra em tres batéis bastecidos de gente, dá nos inimigos, e os destroça, e põe todos em fugida; bombardêa a povoação, e tudo põe em terror. Commette pazes o mouro, ao parecer, arrependido, com o sentido solapado de lhe metter nas náos um piloto, que o entregasse em porto visinho, já para este fim avisado.

Segundo obstaculo.

Recebem os nossos o piloto: este, com falsas esperanças, os conduz ao dicto porto, persuadindo-lhes que era habitado de christãos, e que seguramente podiam entrar, determinando-lhes, se entrassem no porto, o preparado destroço.

Solução.

Venus, porém, que vigiava sobre a conservação da nossa frota, com ventos contrarios a aparta d'aquelle porto.

Terceiro obstaculo.

Vendo o mouro seus designios frustrados, com as mesmas enganosas esperanças, e com o mesmo perverso designio, a mette no porto da ilha e cidade de Mombaça.

A *solução* vai no II canto.

FIM DO I CANTO.

OBSERVAÇÕES.

Toda a boa epopeia tem quatro cousas: Titulo, Proposição, Invocação, e Narração; e assim estas quatro partes darão materia ás quatro seguintes observações.

1.^a

Título.

O titulo deve mostrar d'algum modo o sujeito do poema, e assim se póde tomar, ou do nome do heroe, ou da acção, ou do logar em que esta se passou. A *Eneida* de Virgilio, a *Iliada* de Homero, servem de exemplo: pelo que peccou 'nesta parte Camões, intitulado o seu poema *Lusiadas*. É este um termo vago, que, sendo commum a todos os portuguezes, não particularisa, como devia ser, nem o nome do heroe D. Vasco da Gama, nem o genero da acção do descobrimento da India, nem finalmente o do logar. O mais proprio e acertado seria, á imitação da *Odyssea* de Homero, tomar o titulo do mesmo heroe, intitulado-o a *Vasqueida*, ou o *Gama*.

2.^a

Proposição.

A proposição deve ser *breve, clara e simples*, expondo, em termos precisos e modestos, a acção que se deve cantar; e, como esta deve ser particularisada, junctamente deve incluir a proposição o nome do heroe, e muitas vezes tambem o lugar d'onde principia, ou onde se passa, ou onde se dirige a tal acção.

Como pois a proposição deve ser breve, não se deve carregar de circumstancias particulares; e, como a proposição é indicar a acção, e esta é *uma*, deve tambem a proposição ser *uma*, e não propôr senão a acção geral, despida das particulares, que compõem os episodios. Homero serve de exemplo 'nesta parte; Virgilio é justamente notado por fazer entrar na proposição as *guerras de Eneas*, e mesmo de pôr em primeiro lugar o que é só episodio, e tambem por ter mettido na mesma uma circumstancia superflua e posterior á acção, qual é

..... *genus unde Latinum*
Albanique patres, atque altae moenia Romae.

A proposição dos *Lusiadas* é *clara*. É viciosa porém: 1.^o porque não inclui individualmente a acção do seu poema, antes inclui às navegações de todos aquelles portuguezes, que passaram além da ilha de Ceilão, que os latinos chamaram *Taprobana* (como diz cantar Camões), e a qual ilha Vasco da Gama da primeira vez não passou, porque só chegou a *Calecut*, que fica antes: pelo que, bem longe de ainda em geral a incluir, parece a exclue; 2.^o porque a acção é o descobrimento da India, e assim não devia dizer que cantava as *armas*, como se a sua acção fosse alguma famosa guerra; 3.^o porque 'nella mette o que é tão sómente episodio: pois diz que ha de tractar dos reis de Portugal, das suas

guerras, com que dilataram a fé e o imperio, o que entra no poema só como episodio na conversa que Vasco da Gama teve com o rei de Melinde; 4.º porque cáe no mesmo vicio em que caeu Virgilio, incluindo na sua proposição o que é posterior á mesma acção, e só por consequencia póde entrar em episodio, como são as acções d'aquelles portuguezes, que, depois de Vasco da Gama, se fizeram illustres no Oriente:

E aquelles (*diz*), que por obras valerosas
Se vão da lei da morte libertando,
Cantando espalharei por toda a parte,
Se a tanto me ajudar o ingenho e arte.

5.º a terceira estancia, que faz parte da proposição, faz com que nem ainda tenha a simplicidade propria d'esta parte: ella é um pouco declamatoria, hyperbolica e inchada, cheia de jactancia e nada de modestia. Estou certo que ao paladar de Horacio havia de saber peor que a d'aquelle poeta Cycleio, que elle reprova

Fortunam Priami cantabo, et nobile bellum.

3.º

Invocação.

A invocação tem dois defeitos: um, impróprio d'um poeta christão, que é invocar as nymphas do Tejo, que na religião do paganismo eram aquellas deusas, que presidiam ás aguas. Se estas se invocaram na intenção dos Etnicos, é isto uma idolatria. Se isto se reduz ás idéas da verdadeira religião, é uma invocação ridicula e louca, por não ter o objecto que suppõe. Mas d'este defeito de Camões falaremos mais largamente.

O segundo defeito é, que, nem ainda no sentido da fabula, é boa a invocação. Os bons poetas gentios não

invocavam quaesquer deuses nos seus poemas, mas sim aquelles que eram mais proprios e adaptados ao seu assumpto. Assim Virgilio em uma ecloga invoca as musas sicilianas ; nas Georgicas os deuses campestres, Ovidio nas *Methamorphoses*, todos os deuses cujas transformações ía a cantar. A maior liberdade que tomavam era invocar em geral aquelles nûmes que presidiam á poesia. Todos os antigos-epicos invocaram as musas, como mais proprias dos poemas d'este genero. As tagides seriam proprias mais para uma ecloga que para uma epopeia.

4.ª

Narração.

Dedicatória.

A narração poetica deve seguir-se, quanto mais de perto poder ser, logo depois da proposição. Por isso é justamente criticado Camões por fazer uma dedicatória tão dilatada, que leva não menos que treze estancias, o que interrompe notavelmente o corpo do poema. Devia-se lembrar, que a dedicatória é uma cousa estranha ao poema, e que por isso nenhum dos antigos usou d'ella, e que só póde ter lugar quando fôr breve.

Fabula.

A narração, que faz o corpo do poema epico, deve ter quatro cousas, que são: *fabula, costumes, sentimentos e elocução*. A *fabula* deve ter: *unidade, integridade, grandesa, verosimilhança, enredo e solução*. Os *costumes* devem ser *bons, convenientes, semelhantes e eguaes*. Os *sentimentos* ou discursos, *convenientes* aos caracteres das pessoas, ao tempo, ao lugar, etc. A *elocução* finalmente, *bella, grave e magnífica*. Todas estas partes

iremos considerando em cada canto, conforme forem occorrendo; e em primeiro logar falaremos da fabula.

Como a fabula da epopeia é a imitação d'uma acção, vejamos, em primeiro logar, se a acção dos Lusíadas tem todas as qualidades e requisitos necessarios.

Acção.

As qualidades da acção epica são: *unidade*, — deve ser *heroica*, *importante*, *verdadeira*, de *justa grandeza* e com *exitto feliz*.

A escolha da acção dos Lusíadas é admiravel! Ella tem todas estas qualidades: 1.º tem *unidade*; porque, ou esta se considere no heroe, e este é um Vasco da Gama, ou na mesma acção principal, e esta tambem é *uma unica*, isto é, o *descobrimento da India pela navegação*. E ainda que para esta acção concorreram muitas, assim do mesmo *Vasco* como de seus companheiros, todas estas são incidentes, particulares e subordinadas, dependentes, e dirigidas á principal. — 2.º É *heroica*. O heroico, como diz Aristoteles, é aquillo que excede em virtude as forças ordinarias dos homens, e parece tem alguma cousa de divino, e em fim, parece ter o meio entre o humano e divino, e que eleva o homem a um estado de grandeza superior ao dos mais. A acção de Vasco da Gama é d'esta natureza: a empreza de descobrir a India, por mares até então desconhecidos, e o chegar a conseguir isto, apesar de tantos perigos, da desesperação de seus nacionaes e companheiros, para o fim de obedecer a seu rei, e descobrir o commercio de todo o Oriente, é uma acção atrevida, difficil, extraordinaria e quasi divina! — 3.º É *importante*. Que cousa mais importante, que descobrir uma navegação, que abriu as portas a um commercio, tão interessante ao imperio de Portugal, e á propagação da religião christã 'naquellas vastas regiões? — 4.º É *verdadeira*, tanto na acção principal, como em quasi to-

dos os episodios. Camões protesta isto logo no principio da estancia xi, e, de certo, desempenha o que promette. É admiravel este poema; pois soube tão bem ordenal-o o nosso poeta, que faz servir os mesmos incidentes verdadeiros de materia ordinaria a seus episodios, que nem por isso deixam de ser menos agradaveis, naturaes e bem ligados, menos um, de que falaremos mais adiante. — 5.º Tem *justa grandeza*. Para esta não ha regra certa como para a da tragedia e comedia. Aristoteles diz sómente no capitulo v, «que a epopeia não tem tempo determinado.» Pela practica porém dos melhores poetas se deve isto determinar. A Iliada de Homero dura só 47 dias. A acção da Odyssea estende-se a 50. A acção de Virgilio na Eneida, uns deram-lhe 8 annos, outros 16-mezes; mas, a contar o tempo desde a sahida dos troyanos da Sicilia no mez de julho até á morte de Turno, ao muito chegará a um anno. A acção de Vasco da Gama, tomando-a d'onde se deve tomar, que é d'onde a principia desde logo a contar Camões, isto é, depois que saíu a armada do porto dos *bons signaes* a 24 de fevereiro do anno de 1498 até á entrada de Vasco da Gama pela barra de Lisboa, que succedeu a 30 d'agosto do anno seguinte de 1499, tem de duração anno e meio, a qual não se provará que excede a justa grandeza, variando tanto 'nisto os antigos poetas. — 6.º Tambem é de *exito felix* por ordem ao heroe; porque, ainda que muitos dos companheiros morressem 'nesta jornada, e entre elles seu irmão Paulo da Gama, antes de chegar a Lisboa, comtudo Vasco da Gama não só descobriu a India, mas trouxe esta mesma alegre noticia a el-rei D. Manuel, que por elle foi recebida, e por todo o Portugal, com aquelle alvoroço e regozijo, que tal nova merecia.

Integridade da fabula.

A fabula deve ter *integridade*, isto é, *principio, meio*

e *fim*. *Principio*, é o que supõe alguma cousa depois de si; nunca d'antes. *Meio*, é o que d'antes, e depois de si, requer alguma cousa. *Fim*, é o que antes de si supõe alguma cousa; depois nada.

Principio, pois, em um poema epico, é o que contém o designio do heroe, e em que o poeta prepara todas as causas e maquinas d'aquella acção.

Meio, contém todos os esforços que faz o heroe para pôr em execução a tal acção, os embaraços, obstaculos, e difficuldades nascidas ou da sua ignorancia, ou da sua impotencia, que se oppõem á sua empreza, e como vence e triumpha d'estas difficuldades por seu valor, prudencia e ajuda celeste.

Fim, contém a solução total d'aquellas cousas, que se oppunham a pôr o fim á sua acção e empreza. O *principio* e *meio* fazem o que chamamos *enredo* da fabula; e o *fim*, aquillo a que chamamos *solução*. Neste primeiro canto dos *Lusiadas* se contém o *principio* da fabula e parte do *meio*, e por consequencia parte do *enredo*. Consideremos por ordem a estas partes, e, em respeito á *verosimilhança*, este primeiro canto, e depois, se acharmos alguma cousa que notar, falaremos dos *costumes*, *sentimentos* e *locução*.

Enredo da fabula.

O *principio* da fabula e do *enredo* deve preparar as causas d'uma acção; porque, não havendo acção alguma humana sem suas razões, motivos e causas, estas devem preceder as mesmas acções como causas a seus effeitos. Todo e qualquer *enredo* não se faz tambem sem se prepararem as linhas e os instrumentos em primeiro logar. Vejamos pois quaes são estas *causas*, estas linhas e instrumentos, na fabula dos *Lusiadas*.

Como a fabula deve ser *maravilhosa*, essencialmente na epopeia, e não pôde ser tal sem a intervenção das maquinas, já se vê que estas causas hão de ser de duas

especies, umas *humanas* e *naturaes*, outras *soberanas* e *sobrenaturaes*. Mais: como uma acção difficultosa tem *embaraços* ou *nós*, *solução* e *vencimento*, d'estes embaraços ha de tambem haver duas especies de causas, umas que produzam os *nós* da fabula, outras que produzam a *solução* d'elles. Vejamos quaes são as causas *naturaes* e *sobrenaturaes* da acção dos Lusíadas, quaes as *que produzem* *nos*, quaes as *que os desatam*.

Principio da fabula e do enredo que contém às causas.

A causa *natural* d'esta acção é o designio e vontade de Vasco da Gama em descobrir a India. As *causas sobrenaturaes* são o destino dos fados, e os deuses Jupiter, Venus, Marte e Bacco, que são as maquinas que 'nella se fazem interessar. As *causas naturaes* dos *nós* são a *ignorancia* e *fraqueza* humana de Vasco da Gama, que faziam que ignorasse aquella derrota, e não vencesse logo as difficultades que lhe offerciam ou os agentes naturaes ou os livres. — A causa *sobrenatural* dos mesmos *nós*, era Bacco. — As causas *naturaes*, que venciam os mesmos *nós* e lhes davam solução, eram a *prudencia* e *valor* de Vasco da Gama. As causas *sobrenaturaes* da mesma solução era Venus. Falemos agora da escolha d'estas causas; e logo tractaremos do modo com que Camões as prepara.

Juizo sobre a escolha das machinas.

Digo pois que esta escolha não só não é bem feita, mas indigna d'um poeta christão. No systema poetico do gentilismo, supposto o seu erro, tinha isto logar; porém em um poeta christão, que outra cousa é isto senão ou um verdadeiro ethnicismo, ou querer sacrificar toda a verdade e magestade da nossa religião, tão contraria á dos pagãos, a uma mal entendida estimação da antiguidade e mythologia, que mais se deve saber para

entender os poetas e escriptores gentilicos, que para usar d'ella?

Nem Ignacio Garcez Ferreira o defende bem, dizendo que Camões entendeu por estes deuses os planetas e causas segundas; pois a cada passo lhes dá attributos, paixões e acções, que de nenhum modo convêm a estas, mas sim ás falsas divindades, conforme o systema do gentilismo.

Melhor fizera pois, se, á maneira de Tasso, de Arjosto, de Pope, e outros épicos celebres, introduzisse por maquinas os máus e bons anjos, algum sancto, ou outra qualquer maquina, que, salvando-se a religião, podia fazer melhor ainda tudo o que fazem aquellas maquinas impias.

Juizo sobre o modo como as prepara.

Ainda supposto fosse licito usar de similhantes maquinas, é certo que, como cada uma tem differentes interesses, e estes em todo o espirito racional têm origem de diversos motivos, é preciso preparar bem estas maquinas, e fundar estes motivos, para tudo ficar verosimil.

Jupiter faz ajuntar os deuses, e fala no mejo d'elles a favor dos portuguezes; Venus o segunda, e toma a protecção dos mesmos, por tres motivos: pela similhaça de valor, que acha entre os portuguezes e os romanos, que ella favoreceu algum tempo; pela da lingua portugueza e latina; e pelas honras, que d'elles no Oriente esperava.

Marte, em respeito de Venus, e por affeição a esta gente valorosa, toma os mesmos interesses; Bacco, porém, oppõe-se a tudo isto, para que os portuguezes não vão escurecer na India, com as suas façanhas, a gloria militar que elle adquirira 'nessa região, e conservava.

O episodio da assemblêa dos deuses por mandado de

Jupiter, não foi preparado, e por isso inverosímil. Sempre fica o nosso espirito suspenso sobre as razões, que moveram Jupiter a esta acção. Os motivos de Venus não são bem fundades; porque: o primeiro é muito vago e geral, que deveria tambem interessal-a por muitas outras nações, e pelo mesmo Bacco, por serem similhantes aos romanos na força; o segundo é ridiculo: a similhaça da lingua não é um motivo, nem ainda racional, para um empenho tão forte; o terceiro é falso: que honras podia esperar Venus d'uns homens que, pela religião, abominavam o seu culto, e renunciavam a seus gostos illicitos?

Os motivos de Bacco e Marte são mais bem fundados.

Principio do enredo.

O enredo, que se segue neste canto, contém e episodio da entrada de Vasco da Gama em Moçambique, que quasi todo é historico; e as difficuldades, que aqui se lhe offercem da parte do governador e de Bacco, formam um bem atado nó, que Vasco da Gama dissolve pela sua prudencia e valor.

Segue-se outro nó sem episodio, nascido do designio e engano do piloto de Moçambique, que o persuadia se mettesse no porto de Quilóa, onde o esperavam para o destruir. Venus é que dissolve este nó, fazendo, com ventos contrarios, que não podessem surgir áquella ilha.

Finalmente, enreda-se outro nó pelo mesmo falso piloto, mettendo a armada no porto de Mombaça, e maquinando-lhe a intentada destruição. A solução d'este nó faz o principio do canto II, de que tractaremos. Todo este enredo está muito bem feito. O episodio é tirado da acção; é proprio e bem ligado; os nós bem naturaes; as soluções bem preparadas. E isto pelo que pertence ao enredo da fabula.

Unidade da fabula.

Além do *enredo*, *integridade* e *admirabilidade*, de que temos falado, deve ter mais a fabula *unidade*. Isto é, não só a *acção* é o *heroe* deve ser um só; mas ainda a mesma fabula, isto é, todas as suas partes devem unir-se de tal modo entre si, e tão natural e verosimilmente, que pareça um todo só e da mesma especie. Offende alguma cousa esta unidade, o não unir Camões bem os cantos uns com outros, mas antes dividil-os quasi sempre por alguma exclamação, exhortação ou digressão, o que interrompe consideravelmente a fabula, cujas partes devem mostrar-se dependentes umas das outras, e não como acabadas e perfectas. Para isto é necessario, que todos os episodios, que não são outra cousa mais que as partes da acção, estendidas com as suas circumstancias verosimeis, sejam tirados do fundo da mesma acção, sejam proprios d'ella, e bem ligados uns com os outros. Ora, todos os episodios dos *Lusiadas* são d'esta natureza, menos o dos doze cavalleiros portuguezes, no canto VI, que faz esta fabula episodica, do qual mais propriamente falaremos, quando tractarmos do dacto canto.

Grandeza da fabula.

Deve a fabula ter tambem *grandeza*, a qual é diferente da grandeza da acção; pois pôde muito bem haver uma sem outra.

A grandeza d'uma fabula, é o justo numero e proporcionada extensão das acções, que são como partes da fabula, e constituem o seu todo: sendo estas taes, que possam, sem fadiga, comprehender-se e conservar-se, com facilidade, na memoria.

As fabulas dramaticas; como proprias para serem representadas, pedem que a duração não seja mais de tres até quatro horas. A épica, porém, como consiste

na narração, e é para lêr, admite mais extensão e grandeza: alguns lh'a dão tal, que, pouco mais ou menos, se possa lêr em um dia (*). A fabula dos Lusíadas tem esta justa grandeza.

Verosimilhança da fabula.

Deve ter *verosimilhança*, e esta é a alma da fabula, assim como a fabula é a alma do poema. Já vimos que os interesses de Venus não estavam bem fundados, e por consequencia inverosímeis. As maquinas, que empregou Camões, fazem todo o seu poema inverosímil, porque, o que se tem por falso, é inverosímil. Ora, todas aquellas maquinas, suas acções, attributos, etc., são tidos por falsos, e umas méras palavras, vazias de todo o sentido: nem para isto servem de desculpa os poemas de Homero e Virgilio. Na religião ethnica se tinham aquellas divindades, e tudo o que lhes attribuem, por verdadeiro, ao menos para com o povo, o que basta para salvar 'nelles a verosimilhança. Camões escreveu em um tempo e nação, por graça de Deus, instruida nos principios da verdadeira religião, e persuadida da falsidade e extravagancia d'estas fabulas: Eis o que tinhamos para dizer da *fabula*: falemos já dos *costumes*, *sentimentos* e *dicção*.

Costumes.

Os *costumes* poeticos, que não são outra cousa senão a expressão d'aquellas inclinações, que mostram quaes hão de ser as futuras resoluções, e que partido tomará qualquer homem, estão 'neste canto bem guardados. Elles são *bons*, *convenientes*, *similhantes* e *iguaes*, quatro qualidades que devem acompanhar os costumes poeticos. Os costumes que elle dá a seu heroe, a Jupiter, Venus, Marte e Bacco, todos fazem perceber quaes

(*) Aristoteles, no cap. xxv da sua Poetica, é d'esta opinião.

serão suas futuras resoluções a respeito dos portuguezes em varios lances, que lhes succederam. Os que dá aos mouros de Moçambique, ao regente d'aquella ilha, todos nos deixam crêr por muito natural o que em consequencia d'elles lhes faz obrar; todos têm aquella bondade, que é compativel com o seu character. — São *convenientes*. Nada mais conveniente ao character de um Marte, que aquella ferocidade com que fala a Jupiter e enche de terror aos mesmos deuses, e a aversão, de que representa possuidos os mouros logo que conheceram serem christãos os nossos. O espirito de dolo, de estratagem e traição, tudo lhe é muito proprio e congruente. — São *similhantes*, porque em tudo são conformes ao que d'estes deuses e pessoas refere a fabula e a historia. — São em fim *eguaes*, porque não se desmentem.

Sentimentos.

Sentimentos são aquelles discursos que exprimem os nossos pensamentos: estes devem ser accommodados ás pessoas, ás circumstancias do tempo, logar, etc. Esta qualidade têm os discursos que 'neste canto põe Camões na bocca de Jupiter, de Marte, de Bacco, dos mouros e do piloto. Não a tem porém o discurso de Vasco da Gama ao governador da ilha de Moçambique. Sabia elle já que este era mahometano de religião, e não devia falar dos turcos como d'*uma geração de gentes enojosas*. Comtudo, assim o faz falar Camões; o que não é crível em um homem prudente e circumspecto. Camões cáe muitas vezes 'neste erro, como veremos; como tambem no que diz

Não sou da terra nem da geração
Das gentes enojosas da Turquia,
Mas sou da forte Europa bellicosa,

faz commetter um erro crasso de geographia a D. Vasco da Gama; pois, contrapondo Turquia á Europa, parece

quer fazer crêr que não ha Turquia Européa, o que é falso.

Dicção.

Mesta-nos ultimamente falar da *dicção*. Esta se considera ou nas palavras de per si, ou junctas. A dicção deve ser *clara*, deve ser *nobre*. A clarezá dão-lh'a as palavras proprias; nisto porém se deve evitar um perigo, bem commum, de cairmos na baixeza de estylo.

Escuridade.

Camões pecca algumas vezes por falta d'aquella propriedade; e d'este crime, por mais que se esforcem os apaixonados, nunca o poderão purgar. Que quer dizer na estancia IV

Por que de vossas aguas Phebo ordene
Que não tenham inveja ás de Hypocrene?

Parece-me que queria dizer :

Para que vossas aguas Phebo ordene
Que não tenham inveja ás do Hypocrene,

Furia sonora, na estancia V, tem o mesmo defeito; como tambem — *E a côr ao gesto muda*. — *Vós, que esperamos jugo e vituperio*, na estancia VIII, tambem não se explica bem. — *Mouro frio*, na estancia XVI; — *As maritimas aguas consagradas*, na estancia XIX; são obscuros pela impropriedade do epitheto *frio* e *consagradas*. 'Nestas palavras da estancia XXXIII — *Na grande estrella, Que mostraram na terra Tingitana* — a metaphora de *estrella* é tão arrastada, que apenas se deixa perceber.

Palavras barbaras.

A dicção toma a sua nobreza, como diz Aristoteles na sua Poetica, capitulo XXIII, das palavras estrangeiras,

das metaphoras, e dos outros ornamentos do discurso. D'estas palavras porém devemos usar com moderação, como ahi mesmo adverte o mesmo Aristoteles e Horacio na sua Poetica, dizendo:

In verbis etiam *tenuis cautus* que ferendis
 Dixeris egregie notum si calida verbum
 Rediderit junctura novum; si forte necesse est
 Indiciis monstrare recentibus abdita rerum.
 Fingere cinclutes non exaudita Cethegis
 Continget dabiturque licentia sumpta *pudenter*.

Em formar palavras novas, ou seja por composição, ou inventando-as de novo, deve o poeta ser muito recatado; *tenuis, cautus et pudens*. Sabemos que Virgilio usou de *gaza*, palavra persica; e de *mapalla*, voz punica; e mais exemplos são raros em seu poema.

Camões, porém, foi 'nisto immoderado: só 'neste primeiro canto emprega elle mais de vinte palavras latinas, como são — *exicio, ceruleo, lento* por vagaroso, *salso argento, lassa* por cançada, *dea, belligera, conto* pela hastea da lança, *cognito, obsequente, subita, collo* pelo pescoço, *avena, superno, descender* por descer, *insano, sibilat, cornigera, potente, natura, scala, etc.*; — e uma franceza, *rota*, de *route*, caminho.

Epithetos duros.

Tem bastantes metaphoras e epithetos duros, como — *terras viciosas da Africa e da Asia*, estancia 11; — *ferro a sermo esguita*, estancia xix.

Versos languidos.

Tambem é notado Camões de fazer os versos languidos e quebrados, pelo muito concurso das vogaes e

frequentes synalephas. O auctor do *Verdadeiro Methodo* já notou os versos seguintes 'neste primeiro canto:

O quarto e quinto Affonso e o segundo.
Em vós os olhos tem o Mouro frio.
Dai-me agora um som alto e sublimado.
E costumai-vos já a ser invocado.
Com uma corôa e sceptro rutilante.
Guerra Roma tanto se affamaram.
Onde o dia é comprido e onde é breve.
Da antiga tão amada sua Romana.
E outro pelas honras que pretende.
Deitando para traz medonho e irado.
Estrangeiros na terra, lei, e nação.
A natura sem lei, e sem razão.

Bellas pinturas.

Não se pôde negar, porém, que Camões tem ainda 'nesta parte muito boas qualidades. Sabia bem a lingua; e assim as suas palavras, de ordinario, são as mais expressivas. Tinha uma phantasia viva, e pintava excellentemente, o que em um poeta é uma virtude principal.

Que cousa mais natural que a pintura que nos faz d'um vento furioso, e do seu estrago, na estancia xxxv

Qual Austro fero, ou Boreas na espessura
De silvestre arvoredo abastecida,
Rompendo os ramos, vai da mata escura,
Com impeto e braveza desmedida.
Brama toda a montanha, o som murmura,
Rompem-se as folhas, ferve a serra erguida,

Não pintaria também melhor Homero a postura fera
e arrogante de Marte, do que a pintou Camões nas duas
seguintes estancias, onde diz d'este deus :

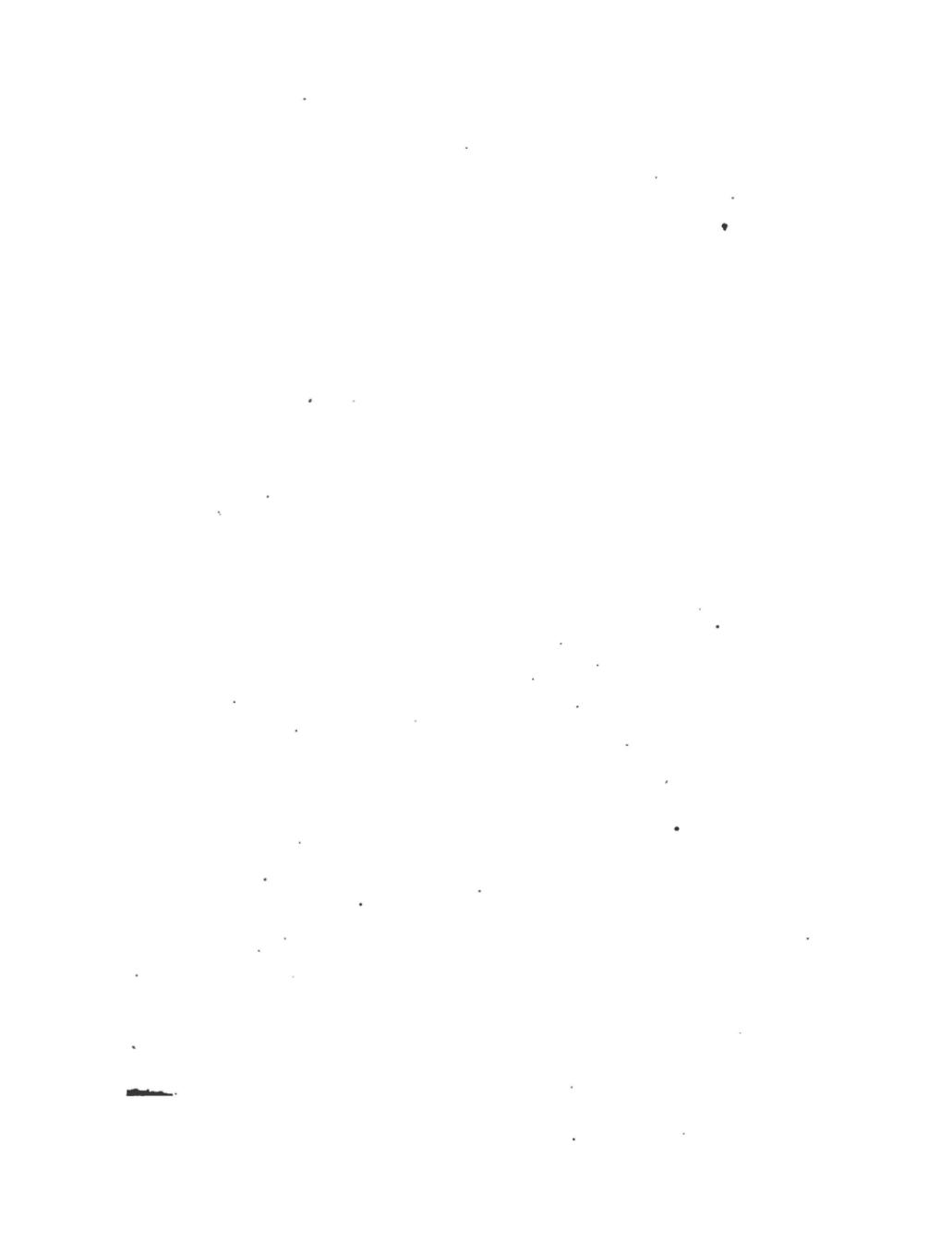
XXXVI

D'entre os deuses em pé se levantava,
Merencorio no gesto parecia,
O forte escudo ao collo pendurado,
Deitando para traz medonho, e irado.

XXXVII

A vizeira do elmo de diamante,
Levantando um pouco, mui seguro,
Por dar seu parecer se pôz diante
De Jupiter, armado, forte e duro :
E dando uma pancada penetrante,
Co'o conto do bastão, no solio puro,
O céu tremeu ; e Apollo, de turbado,
Um pouco a luz perdeu, como *infado*.

FIM DAS OBSERVAÇÕES DO I CANTO.



CANTO II

ANALYSE.

Segundo episodio, em que se continúa
o nó precedente.

Primeira difficuldade.

Tinham ancorado as náos defronte da ilha e cidade de Mombaça. O rei d'esta ilha, como estava já instruido e prevenido por Bacco, mandou alguns batéis de mouros abordar as nossas náos, e persuadil-os a entrar 'naquelle porto, dizendo-lhes o grande gosto que 'nisto tinha o rei; que alli poderiam descançar e refazer-se de mantimentos, e ainda levar as mercancias que iam buscar á India; e que alli havia muita gente de religião christã. Agradeceu-lhes Vasco da Gama o offercimento e a noticia; e que não entrava já no porto por ser noite; que no outro dia faria o gosto a seu rei. Entretanto remette os mouros com esta resposta, e, junctamente com elles, dois forçados condemnados a galés, que para similiahtes occasiões trazia, com presentes e agradecimentos ao rei, mandando-lhes ao mesmo tempo observar bem a cidade, seus costumes e religião. O rei os recebeu tão bonignamente como quem desejava enganar-os d'este modo, mais para conseguir seu intento, que era destruir as náos, uma vez que entrassem no porto d'aquella cidade.

Segunda difficuldade.

Observam a cidade, seus edificios e costumes. Finge Bacco um altar, em que representava a vinda do Espirito Sancto; finge-se sacerdote e christão. Os condemnados, alegres com aquelle novo objecto, adoram o mysterio, e muito consolados se tornam para as náos, acompanhados dos mesmos mouros com que foram. Relatam fielmente ao capitão o que tinham visto, o agrado do rei, a fidelidade e agazalho da gente, e que alli havia christãos. Confiado 'nisto, Vasco da Gama manda levantar as ancoras, e encaminhar as náos para o porto abalizado.

Principia a solução.

Vénus, porém, que via o manifesto perigo em que se iam metter os portuguezes, procura impedir este movimento. Desce do céu; manda ás nereidas que a ajudem. Todas promptamenté lhe obedecem; arrimam os hombros ás náos, e as fazem retroceder. Com este movimento iam a dar já em um penedo; alvoroça-se a gente, gritam. Os mouros e o piloto, que os tinha conduzido de Moçambique, julgando se tinham descoberto as suas siladas, saltam ao mar, uns nos batéis, outros nadando, e se refugiam á cidade.

Então cáe em si Vasco da Gama, e conhece todo o estratagemas, que se lhe maquinava. Levanta pois a voz ao céu, confessa a sua fraqueza e a necessidade d'uma guia e providencia que o dirija, e pede a Deus que o conduza a um porto seguro, d'onde possa chegar a descobrir a terra que deseja. Ouve Dione isto, e, movida de piedade, sobe ao céu, e, com um semblante formoso mas triste, fala a Jupiter em favor dos portuguezes. Conso-la-a Jupiter, e depois, descobrindo o segredo dos destinos, lhe diz muitas cousas que os portuguezes haviam de obrar para o futuro no Oriente; como haviam de

descobrir a India, subjugar seus povos, edificar fortalezas e cidades; como o mesmo mar, que agora lhes era tão rebelde, havia de tremer diante d'elles, e respeitá-los; como aquellas cidades e ilhas, que agora lhes negavam o abrigo, haviam de vir a ser seus portos; prophetisasse as victorias, que haviam de alcançar, no mar Róxo, dos mouros; na India, em Diu, e em Góá; como venceriam os reis de Calecut, de Cochim, e se fariam senhores de todo o Oriente.

Continúa a solução.

Manda ao mesmo tempo a Mercurio, mensageiro dos deuses, vá preparar-lhes em Melinde, cidade proxima, um porto seguro, e avisar Vasco da Gama, que se parta para elle. Não se demora; parte logo, acompanhado da Fama; apregóá em Melinde as façanhas dos portuguezes; arde já a cidade em desejos de vêr os que a Fama tanto celebra. Passa em seguida ás náos portuguezas; apparece em sonhos a Vasco da Gama; diz-lhe em quão pouco seguro porto se detinham; que partisse logo, se não queria com os seus ficar perdido; que em Melinde, que estava perto, acharia tudo quanto desejava. Acorda do sonho o illustre capitão, dá parte do avizo do céu, e, assoprando os ventos, manda levantar as ancoras e partir. Nesta diligencia acharam os nossos que os mouros, a favor da noite, estavam em ponto de cortar as amarras para deixar as náos á discrição dos ventos, e assim darem á costa. Á vista da nossa gente, desapparecem; os nossos mais promptamente se põem em derrota.

Terceiro episodio.

Depois d'um dia de jornada, viram ao longe dois návios: encaminham-se a elles, presumindo que eram de mouros; um, querendo desviar-se, dá á costa, ou, sem o poder fazer, cae em poder dos portuguezes sem

resistencia. Não achou 'nelle o Gama um piloto, que lhe podesse dar noticia da India, mas sim muitos que lh'a deram das boas qualidades do rei de Melinde, as quaes o capitão acredita, como em tudo conformes ao que lhe tinha dito Mercurio.

Era um domingo quando chegaram á vista da cidade de Melinde. Entra pelo porto a frota embandeirada e festejando o dia, á vista de innumeravel multidão de Melindenses, que tinha concorrido a vêr a armada. Ancoraram-se as náos; Vasco da Gama manda logo da sua parte ao rei um dos condemnados que trazia, para lhe dar parte da sua chegada. O rei recebe o mensageiro com grande alegria, e com muitos louvores dos portuguezes; manda a Vasco da Gama um grande presente, pedindo-lhe junctamente quizesse dar-lhe o gosto de o vêr na sua cidade e palacio. Manda-lhe este um embaixador, com um rico presente, a agradecer-lhe com vivas expressões o seu mimo e agazalho, e desculpar-se de ir á sua presença.

Executa o enviado a embaixada; recebe o rei a desculpa, e, querendo satisfazer o seu gosto, manda dizer ao capitão, que no outro dia pela manhã o iria visitar.

Amanhecendo o dia, parte o rei acompanhado da nobreza; sáo-lhe ao encontro Vasco da Gama nos batéis da sua embarcação; cumprimentam-se; e Vasco lhe testezunha vivamente o seu agradecimento. Festeja-se de uma e outra parte a chegada do rei; elle, acompanhado dos nossos e dos seus, revista toda a frota; depois, parando, conversa largamente com Vasco da Gama; pergunta-lhe pela sua terra, rei e destino; pede-lhe diga as regiões d'onde partiu, seu reino, a fundação e propagação d'elle; e os perigos que tinha padecido na sua dilatada navegação.

OBSERVAÇÕES.

Fabula e enredo.

Continúa Camões 'neste II canto a narração e enredo poetico. 'Nelle se contém dois episodias: o primeiro, desde a entrada em Mombaça até á sua sortida; o segundo, desde que safu até á fala que teve Vasco da Gama com o rei de Melinde.

O primeiro episodio compõe-se d'uns poucos de obstaculos, que formam este nó particular, e da solução de todos elles. Vasco da Gama, enganado pelo piloto de Mocambique, que lhe certificava haver 'naquella ilha christãos, e deseioso naturalmente de os vér, determina surgir a esta ilha. Bacco entretem e confirma, per seus artificios, este engano. Pretende Vasco entrar no porto: primeiro obstaculo; Venus o dissolue, tomando a protecção de seu heroe, e afastando as náos. Detem-se Vasco da Gama deante de Mombaça; procuram os mouros cortar-lhe as amarras, para darem á costa as náos: segundo obstaculo; dissolve-o Niobe, impetrando de Jupiter, que mande Mercurio a fazer-lhe favoravel o rei de Melinde, e avisar o Gama das traições que lhe maquinavam.

Este episodio é bem ligado com os antecedentes, proprio e tirado da acção: os obstaculos nascem do enredo geral, e são naturaes. Vasco da Gama podia deixar-se persuadir que allí haviam christãos; isto não era inscrivel, principalmente depois da conversão do rei do Congo, no tempo de D. João II, no anno de 1491, que fica na costa occidental da mesma Africa, na mesma altura de Melinde.

A solução do nó tambem é natural. Vasco da Gama implora 'naquelles apêrtos a ajuda do céo. É natural, que a deusa, sua protectora, o ouvisse; com effeito,

Niobe, deusa do mar, ou seja a mesma Venus, ou sua mãe, lastimada das suas queixas, sobe ao céu, fala a Jupiter, que condescende com seus rogos, e manda Mercurio a livrar Vasco da Gama, e conduzi-lo a porto seguro. Esta solução é boa, e parece foi imitada do livro I da Iliada, onde se diz, que, apartando-se Achilles dos principes gregos pela injuria que lhe fazia Agamemnon, triste se recolhêra ás náos, que estavam na praia troiana, e que alli, lastimando a sua desventura, o ouvira sua mãe Thetis, que logo subiu ao céu, e falou a Jupiter para o consolar, fazendo adversas e transformando as cousas dos gregos em sua ausencia.

Ainda mais, parece que Camões imitou isto do livro I da Eneida, onde Venus, lastimada dos troianos, fala a Jupiter. Este a consola, e lhe descobre os fados e destino dos romanos, e envia Mercurio a preparar os animos dos carthaginezes e de Dido, a qual, como Vasco ao Ruy de Melinde, conta tudo, etc.

O segundo episodio é mais simples, e quasi todas as circumstancias, que lhe dão extensão, são verdadeiras, mas muito verosimeis, e por isso proprias a formal-o. Elle nasce naturalmente do primeiro, e é tirado da natureza e entranhas da mesma acção. O recebimento que lhe faz o rei de Melinde, é verosimil, porque tinha sido preparado por Mercurio e pela Fama: d'outro modo seria este incidente incrível. Isto porém não tira que não seja um pouco improprio da fabula e enredo. Este, para bem, deve ir sempre crescendo nos obstaculos e difficuldades, porque d'este modo parece a acção mais maravilhosa, tem em suspensão os espiritos dos leitores, e a solução depois é mais inesperada, e por isso mais admiravel.

Para bem devia Camões fazer d'esta boa acceitação do rei de Melinde um novo embaraço, diferente dos precedentes, e por isso mais agradável: como fez Virgilio do agasalho que Dido fez a Eneas, fingindo 'nelle um novo e mais difficultoso obstaculo á sua chegada á

Italia. Não se pôde negar que o nosso espirito, vendo o favor que um rei proximo á India, faz a Vasco, que o apresta de tudo, que lhe dá um piloto déstro e experimentado 'naquelles mares, e na navegação da India, lhe parece que vai já a descobrir a terra desejada, e a dissolverem-se todos aquelles obstaculos, que se lhe oppunham; o que é vicioso em um enredo, cujo fim é ter cada vez mais em suspensão o espirito do leitor, ou do espectador.

A fabula ou segue a historia quando ella é conforme á verosimilhança, ou a ficção confôrme o preceito de Horacio

Aut famam sequere, aut sibi convenientia finge (*).

O recebimento de Vasco da Gama em Melinde, parece que não é conforme ao que sabemos da historia. D'esta sabemos, que não foi o rei de Melinde o que o veio a receber, o qual não podia por sua idade, mas sim o principe seu filho.

Eis o que temos que observar quanto ao enredo da fabula d'este canto. Passemos agora ás mais partes.

Costumes.

Quanto aos costumes, todos têm a bondade compativel: são *convenientes*, e são *similhantes*; menos o dizer Camões, que a Venus o poder do mar lhe obedecia, porque do mar tinha nascido. Não sei que da fabula conste que a Venus tocasse o imperio do mar, o que era necessario para ella despoticamente convocar e mandar as Nereidas.

Tambem são os costumes *iguaes e constantes*. O piloto de Moçambique, Bacco, e os mouros de Mombaça, todos obram em consequencia do caracter que se lhe tinha dado. Só em Vasco da Gama não acho esta

(*) Sobre este preceito de Horacio, ha um opusculo inedito, feito pelo mesmo sr. Jeronymo Soares Barbosa.

conformidade: fal-o Camões christão, como era, e por isso inclinado a vêr povos da mesma religião. Para que é pois fazel-o idolatra, invocando o nume falso de Niobe, que se diz o soccorreu? Esta ouviu as suas orações: logo a ella eram dirigidas; e senão, para que se interessa por elle?

Sentimentos.

Passemos aos *sentimentos*, isto é, examinemos os pensamentos, assim na narração do poeta como nos discursos, que attribue ás suas pessoas. O discurso de Jupiter a Niobe, é natural; porém na estancia XLVII é um pouco declamatorio quando diz:

Pensamentos { Oh caso nunca visto, e milagroso!
inchados. { Que trema e ferva o mar, em calma estando!
 { Oh gente forte, e de altos pensamentos,
 { Que tambem d'ella hão medo os elementos!

O poeta não seguiu aqui o movimento que Jupiter poderia, e deveria ter, mas sim o seu, que é sempre de exagerar e encarecer por si, ou pelas pessoas interpostas, as acções dos portuguezes. Mr. Rapin, seguindo a outros, nota-lhe justamente este vicio, dizendo nas suas *Reflexões sobre a Poetica*, n.º 16: «Camões não tem cuidado mais que em exprimir a soberba de sua nação, em seu poema da conquista das Indias.»

Esta critica é em parte falsa, por ahí dizer que este é o unico poema epico que temos, e em parte demasiada; pois, tirado este e outros defeitos, Camões é um poeta de grande merecimento: nota-se-lhe porém esta falta.

O esplendor das acções grandes, deve-se deixar vêr mais nellas mesmo, que pelas inculcas repetidas e encarecidas do poeta. Além de que aqui fala Jupiter da nossa artilheria e fogo dos canhões, com que os nossos abrazaram o mar nas costas da India, ainda estando este em calma (*). Veja agora o leitor socegado, se isto era

(*) Fala do terramoto. Veja-se João de Barros, Dec. 3.ª, liv. IX, cap. 1.

bastante para se dizer, que o mar estando em calma temeria e ferveria, e teriam medo os elementos á vista d'um nunca visto milagre. Camões, como advertiu o mesmo Garcez, seu commentador, affecta ser sentencioso, e 'nisto muitas vezes referia demasiado; o que se vé 'neste lugar, e na estancia XLIX, onde, continuando o mesmo discurso, faz dizer a Jupiter :

Pensamentos { É vereis o mar Róxo tão famoso,
frios. { Tornar-se-lhe amarello de inflado.

Para dizer, que tambem o mar Róxo temeria as nossas armas, exprimiu isto por um pensamento juntamente falso e pueril; falso, porque sempre ficou com a sua côr; e pueril, porque todo elle joga nas palavras *róxo, amarello e inflado*. E, para me conter no mesmo discurso, a comparação que Camões faz de Leucate, onde se deu a batalha entre Augusto e António, em que este ficou vencido, e o mar fervendo acceso com os incendios da nossa artilheria, é em tudo *incoherente, obscura e pueril*, como se vé nas seguintes estancias :

LXIII

Nunca com Marte instructo, e furioso,
Se vio ferver Leucate, quando Augusto
Nas civis Actias guerras animoso,
O capitão venceo Romano injusto;
Que dos povos da Aurora, e do famoso
Nilo, e do Bactra Scythico, e robusto,
A victoria trazia, e presa rica,
Preso da Egypcia linda, e não pudica.

LIV

Como vereis o mar fervendo acceso
Co' os incendios dos vossos pelejando,
Levando o Idolatra, e o Meuro preso,
De nações differentes triumphando.
E sujeita a rica Aurea-Chersoneso,
Até o longinquo China navegando,
E as ilhas mais remotas do Oriente,
Ser-lhe-ha todo o Oceano obediente.

Tambem não sei como podia Camões ignorar, que a

a luz das estrellas não é, como a dos planetas, alheia e emprestada, para dizer na estancia LX :

Pensamentos falsos	}	Meio caminho a noite tinha andado ; E as estrellas no céu, co'a luz alheia, Tinham o largo mundo allumiado ;
-----------------------	---	--

Qualquer, mediocrementemente instruido na physica, sabe que as estrellas brilham e alumiam com luz propria, e não alheia ; e assim, este pensamento é falso. É isto que temos que notar de vicioso.

Bellissimas imagens.

Não falta, porém, que louvar e admirar Camões nas seguintes estancias :

XX

Já na agua erguendo vão com grande pressa,
Com as argenteas caudas branca escuma ;
Doto co' o peito corta, e atravessa
Com mais furor o mar do que costuma.
Salta Nise, Nerine se arremessa
Por cima da agua crespa, em força summa :
Abrem caminho as ondas encurvadas,
De temor das Nereidas apressadas.

XXI

Nos hombros d'um Tritão, com gesto acceso,
Vai a linda Dione furiosa ;
Não sente quem a leva o doce peso,
De soberbo com carga tão formosa :
Já chegam perto d'onde o vento teso
Enche as velas da frota bellicosa ;
Repartem-se, e rodéam 'nesse instante
As náos ligeiras, que iam por diante.

XXII

Põe-se a deusa com outras em direito
Da proa capitaina, e alli fechando
O caminho da barra, estão de geito,
Que em vão assopra o vento, a vela inchando :
Põe no madeiro duro o brando peito,
Para detraz a forte não forçando ;
Outras em derredor levando-a estavam,
E da barra inimiga a desviavam.

XXIII

Quaes para a cova as providas formigas,
Levando o peso grande accommodado,
As forças exercitam, de ini nigas
Do inimigo inverno congelado ;
Alli são seus trabalhos, e fadigas,
Alli mostram vigor nunca esperado :
Taes andavam as nymphas estorvando
À gente portugueza o fim nefando.

XXIV

Torna para detraz a não forçada,
A pezar dos que leva, que gritando
Maream velas; ferve a gente irada,
O leme a um bordo, e a outro atravessando :
O mestre astuto em vão da pópa brada,
Vendo como diante ameaçando
O estava um maritimo penedo,
Que de quebrar-lhe a não lhe mette medo.

XXV

A celeuma medonha se levanta
No rudo marinheiro que trabalha ;
O grande estrondo, a Moura gente espanta,
Como se vissem horrida batalha :
Não sabem a razão de furia tanta,
Não sabem 'nesta pressa quem lhe valha ;
Cuidam que seus enganos são sabidos,
E que hão de ser por isso aqui punidos.

Toda aquella pintura das Nereidas e do alarido dos marinheiros, nas estancias XXI a XXV, é incomparavel! Com que delicadeza não exprime elle o desvelo, ligeireza e alegria com que, para obedecer a Venus, vão correndo para as náos? Que belleza a de Dione, de quem diz que

Não sente quem a leva o doce peso,
De soberbo com carga tão formosa :

Como pinta a fadiga das mesmas nymphas, rodeando as

nãos e afastando-as do porto? Que similitude mais natural que a das formigas? Pois que direi da pintura que nos faz da consternação e gritos dos marinheiros?

Similitudes.

A similitude de que usa para significar mais o medo dos mouros, que se deitavam a nado ao mar, é propriíssima, como se vê na seguinte estancia :

XXVII

Assim como em selvática alagoa
As rãs, no tempo antigo Lycia gente,
Se sentem por ventura vir pessoa,
Estando fóra da agua incautamente,
D'aqui e d'alli saltando, o charco soa,
Por fugir do perigo que se sente ;
E acolhendo-se ao couto que conhecem,
Só as cabeças na agua lhe apparecem.

A descripção que o poeta faz da formosura de Dione é sim viva e expressiva ; mas obscena e indigna não só d'um poeta christão, mas ainda d'um gèntio, que nunca deve separar o util e honesto do deleitavel.

O fim da poesia não deve ser outro, senão fazer mais amavel a virtude, pintando-a com as côres que a arte lhe empresta, e odioso o vicio, mostrando a sua fealdade.

Quem pois pinta o vicio formoso e amavel, está bem alheio d'este nobre fim, como se deixa vêr nas seguintes estancias :

XXXIV

E como ia affrontada do caminho,
Tão formosa no gesto se mostrava,
Que as estrellas, e o céo, e o ar visinho,
É tudo quanto a via, namorava.
Dos olhos, onde faz seu filho o nição,
Uns espiritos vivos inspirava,
Com que os pólos gelados accendia,
E tornava de fogo a esphera fria.

XXXV

E por mais namorar o soberano
Padre, de quem foi sempre amada, e cara,
Se lh'apresenta, assim como ao Troiano
Na selva Idea já se apresentára ;
Se a vira o caçador, que o vulto humano
Perdeo, vendo Diana na agua clara,
Nunca os famintos galgos o mataram,
Que primeiro desejos o acabaram.

XXXVI

Os crespos fios d'ouro se esparziam
Pelo cóllo, que a neve escurecia ;
Andando, as lacteas tetas lhe tremiam,
Com quem amor brincava, e não se via :
Da alva petrina flammam lhe salam,
Onde o Menino as almas accendia ;
Pelas lisas columnas lhe trepavam
Desejos, que como era se enrolavam.

XXXVII

Co' um delgado cendal as partes cobre,
De quem vergonha é natural reparo ;
Porém nem tudo esconde, nem descobre
O véo, dos roxos lyrios pouco avaro :
Mas para que o desejo accenda, e dobre,
Lhe põem diante aquelle objecto raro.
Já se sentem no céo, por toda a parte,
Ciumes em Vulcano, amor em Marte.

XXXVIII

E mostrando no angelico semblante,
Co' o riso, uma tristeza misturada ;
Como dama, que foi do incauto amante
Em brincos amorosos mal tractada,
Que se aqueixa, e se ri, 'num mesmo instante,
É se torna entre alegre magoada :
D'est'arte a deusa, a quem nenhuma iguala,
Mais mimosa que triste ao Padre fala.

Discursos bellos.

O discurso de Dione a Jupiter, é digno de se notar.
É elle vehementissimo, e toda a sua força lhe vem da
ironia que 'nelle reina. A paixão da dôr 'nelle se vê

vivamente pintada, principalmente na estancia **XLI**, que é admiravel, onde diz :

Mas morra em fim nas mãos das brutas gentes,
Que pois eu fui... E 'nisto de mimosa,
O rosto banha em lagrimas ardentes,
Como co' o orvalho fica a fresca rosa :
Calado um pouco, como se entre os dentes
Se lhe impedira a fala piedosa ;
Torna a seguil-a ; e indo por diante,
Lhe atalha o poderoso, e grão Tonante.

A fala do embaixador, que Vasco da Gama mandou a saudar o rei de Melinde, é bella, e, como diz Camões, feita

Com estylo que Pallas lhe ensinara.

Ella consta brevemente d'aquelles motivos, que naturalmente se podiam presentar a uns homens estrangeiros e perseguidos, e que só procuravam achar asylo na protecção do rei. Diz pois assim, nas seguintes estancias :

Imitações.

LXXIX

Sublime Rei, a quem do Olympo puro
Foi da summa justiça concedido
Refrear o soberbo povo duro,
Não menos d'elle amado que temido :
Como porto mui forte, e mui seguro,
De todo o Oriente conhecido,
Te vimos a buscar, para que achemos
Em ti o remedio certo que queremos.

LXXX

Não somos roubadores, que passando
Pelas fracas cidades descuidadas,
A ferro, e a fogo, as gentes vão matando,
P'ra roubar-lhe as fazendas cobiçadas :
Mas da soberba Europa navegando,
Imos buscando as terras apartadas
Da India grande e rica, por mandado
D'um Rei que temos, alto, e sublimado.

LXXXI

Que geração tão dura ha ahi de gente?
Que bárbaro costume, e usança feia,
Que não vedem os portos tão sómente,
Mas inda o hospicio da deserta aréa?
Que má tenção, que peito em nós se sente,
Que de tão pouca gente se arreceia?
Que com laços armados tão fingidos,
Nos ordenassem ver-nos destruidos?

LXXXII

Mas tu, em quem mui certo confiamos
Achar-se mais verdade, ó Rei benigno,
E aquella certa ajuda em ti esperamos,
Que teve o perdido Ithaco em Alcino;
À teu porto seguros navegamos,
Conduzidos ao Interprete divino:
Que pois a ti nos manda, está mui claro,
Que és de peito sincero, humano, e raro.

LXXXIII

E não cuides, ó Rei, que não saísse
O nosso capitão esclarecido
A ver-te, ou a servir-te, porque visse,
Ou suspeitasse em ti peito fingido:
Mas saberás que o fez, porque cumprisse
O regimento, em tudo obedecido,
De seu Rei, que lhe manda que não saia,
Deixando a frota em nenhum porto, ou praia.

LXXXIV

E porque é de vassallos o exercicio,
Que os membros têm regidos da cabeça,
Não quererás (pois tens de Rei o officio)
Que ninguem a seu Rei desobedeça:
Mas as mercês, e o grande beneficio,
Qu' ora acha em ti, promette que conheça
Em tudo aquillo, que elle e os seus poderem,
Em quanto os rios para o mar correrem.

Todo este discurso está eloquentissimo; é porém um pouco inverosimil, e contra o decoro, falando com um rei barbaro e ignorante, usar de exemplos tirados da

mais recondita antiguidade, como aqui faz Camões na estancia LXXXVIII :

E aquella certa ajuda em ti esperamos,
Que teve o perdido Ithaco em Alcino :

Camões soube servir-se de bom modelo: quasi todo elle é tirado da fala que fizeram os troianos a Dido, no livro I da Eneida. Confrontemol-os: a primeira e a segunda estancias, são imitadas desde verso 526 até 545.

O Regina, novam cui condere Jupiter urbem,
Justitiaque dedit gentes fraenare superbas :
Troës te miseri, ventis maria omnia vecti,
Oramus : prohibe infandos à navibus ignes :
Parce pio generi, et propius res aspice nostras.
Non nos aut ferro Lybicos populare penates
Venimus, aut raptas ad littora vertere praedas :
Non ea vis animo, nec tanta superbia victis.
et caet.

Quod genus hoc hominum? quaeve hunc tam barbara morem
Permittit patria? hospitio prohibemur arenae;
Bella cient, primaque vetant consistere terrâ.

O comprimento, que Vasco da Gama fez ao rei de Melinde, quando se encontra com elle, tambem está bem feito, como se vê nas seguintes estancias :

civ

Ó tu, que só tiveste piedade,
Rei benigno, da gente Lusitana,
Que com tanta miseria, e adversidade,
Dos mares experimenta a furia insana :
Aquella alta, e divina Eternidade,
Que o céu revolve, e rege a gente humana,
Pois que de ti taes obras recebemos,
Te pague o que nós outros não podemos.

cv

Tu só de todes, quantos queima Apollo,
Nos recibes em paz, do mar profundo;
Em ti dos ventos horridos de Eolo
Refúgio achamos bom, fido, e jucundo.
Em quanto apascentar o largo pólo,
As estrellas, e o sol dér lume ao mundo,
Onde quer que eu viver, com fama e gloria,
Vivirão teus louvores em memoria.

Vejamos o modelo no mesmo Virgilio I, verso 601:

O sola infandos Trojae miserata labores!
 Quae nos reliquias Danaum terraeque marisque
 Omnibus exhaustos jam casibus, omnium egenos,
 Urbe, domo socias: grates persolvere dignas
 Non opis est nostrae, Dido; nec quicquid ubique est
 Gentis Dardaniae, magnum quae sparsa per orbem.
 Dii tibi, si qua pios respectant numina, si quid
 Usquam justitiae est, et mens sibi conscia recti;
 Praemia digna ferant: quae te tam laeta tulerunt
 Saecula? qui tanti talem genuere parentes?
 In freta dum fluvii current, dum montibus umbrae
 Lustrabunt convexa; polus dum sidera pascet,
 Semper honos, nomenque tuum, laudesque manebunt;
 Quae me cunque vocant terras.

Dicção.

Já é tempo de passarmos a falar da dicção, ou elocução poetica, no que toca a este canto. Primeiramente o genero de verso de que usou Camões é o mais proprio da epopeia. O nosso endecasyllabo é o que tem mais similhaça com o verso heroico dos gregos e latinos, e 'neste nos ensinou Homero a tractar as grandes acções e guerras dos reis e heroes. Usa tambem da oitava rima, em que o primeiro verso joga com o terceiro e quinto, e o segundo, com o quarto e sexto, e os dois ultimos entre si. Camões foi o primeiro entre nós, assim em compôr epopeia, como em o uso d'esta rima, e por seu exemplo tem mostrado ser muito propria d'este genero de poesia. Gabriel Pereira a seguia na sua *Ulisséa*,

Versos com synalephas viciosas.

E já que falámos do verso endecasyllabo, não falta quem note de liberdade, 'neste genero, a Camões, em fazer synalephas de duas vogaes, tendo a primeira accento agudo e sendo longa, como 'nesta verso na estancia v:

Que a mais, por tal senhor, está obrigade.

e em ajunctar, pela mesma synalepha, tres vogaes em uma, quando parece deviam ser só duas em uma, o que se vê nestes versos :

A qual bem ao contrario em tudo estava.

Levando o idolatra e o mouro preso.

Que em tanta miseria e adversidade.

Camões costuma fazer isto a cada passo. Ora, como testifica Rengifo, na sua Arte Poetica, capitulo xvi, *da synalepha*, o commum que praticam os mais classicos poetas, é que, para constancia do verso e numero d'elle, se ajuncte em uma só vogal as duas primeiras, com esta distincção, que, se a primeira fôr longa, excluirá a segunda, e se fôr breve, ficará excluida.

Jogos de palavras.

Acha-se tambem em Camões uma affectação de querer fazer jogos de palavras e equivocos, o que em uma epopeia é intoleravel. Na estancia xi diz elle, falando dos Apostolos :

Como os que só das *lingoas* que caíram
De fogo varias *lingoas* referiram.

E na estancia xxiii, falando das formigas e do desvelo com que fazem os seus provimentos para o inverno, diz :

As forças exercitam de *inimigas*
Do *inimigo* inverno congelado.

Palavras improprias.

Tambem lhe noto algumas expressões improprias e forçadas, como quando diz na estancia vi: *cauta phantasia*, por suspeita ; na estancia lxi, usa da palavra *insolente*, por nobre e animoso ; o que diz na estancia

LXXXVII, *para observar a usada preeminencia*, não se entende; como também dizer na mesma:

Nem eu consentirei que a excellencia
De peitos tão leaes, em si desfaça.

E esta expressão na estancia LXXII:

Era no tempo alegre, quando entrava
No roubador de Europa a luz phebea:
Quando um e outro corno lhe aquentava,
E Flora derramava o de Amalthea:

para dizer que nascia o sol, é demasiadamente procurada e refinada, e ainda falsa. Jupiter, convertido em touro, com Europa, trespassou os mares, como diz a fabula, e não ficou 'nelles, para se poder dizer que o sol nascendo entrava 'nelle e lhe aquentava um e outro corno. Esta metalepse é pois durissima, dissimilhante e affectada.

Palavras barbaras.

Não menos cáe Camões no vicio, que já lhe notámos, de usar immoderadamente de termos latinos, como são *infidas, salsa, aurifero, prestante, rubido, cerulea, noto, amara, vulto, bellacissimos, exalçada, instructo, revocar, galero, inusttado, lanigeros, crastina, altisonos*, e outros.

Verum ubi plura nitent in carmine ii ego paucis
Offendar maculis quas aut incuria fideie
Aut humana parum cavit natura.....

HORAT. in Art. Poet.

FIM DO II CANTO.



CANTO III, IV E V

ANALYSE.

Estes tres cantos contêm todos um episodio. Este não é outra cousa mais que uma parte da acção extendida com as suas circumstancias verosimeis. E estes tres cantos contêm aquella parte da viagem e acção de Vasco da Gama, em que este falou com o rei de Melinde. Esta fala se póde dividir em duas partes: uma em que narra a terra d'onde era, e os reis que 'nella tinham governado; e a segunda, toda a série dos successos, que lhe tinham acontecido, desde a partida da barra de Lisboa, até ao porto de Melinde. Vamos a fazer um breve sumario de ambas.

Primeiramente, para Vasco da Gama explicar melhor ao rei a situação de Portugal, lhe faz Camões descrever a Europa. Diz-lhe como esta é aquella parte da terra, que está na zona temperada, entre o circulo polar arctico, e o tropico cancro; como pelo poente e norte é cercada do Oceano; pelo meio-dia, do Mediterraneo; e pelo Oriente, dividida da Asia pelo rio chamado antigamente Tanais, e agora Don. E, principiando por esta parte, descreve os montes Hyperboreos, que ficam debaixo do pólo; como a estes se segue a Scythia, que faz agora o imperio da Russia, a Thracia, a Macedonia, a Grecia e a Dalmacia, que todas hoje estão incluidas na Turquia Europea; como logo se seguem os estados de Veneza, e

os montes Apeninos, ficando de lá a Itália, e de cá a França, cingida, pelo poente, dos montes Peryneos; e que, passados estes, se segue a nobre Hespanha, que pelo meio-dia intesta com o reino de Fez na Africa, e com esta quasi vem a fechar o Mediterraneo, deixando-lhe communicar-se com o Oceano pelo estreito de Gibraltar; que 'nesta vasta região se acham varios povos, os Tarragonezes, os Navarrezes, os Galegos, os Castelhanos, os Leonezes, etc. Que, como em remate da Hespanha e Europa, se achava Portugal, banhado do Oceano, sua amada patria, d'onde tinha partido, e que se chama Lusitania, de Luso, filho de Bacco, que com seus filhos primeiro a habitou; que 'nesta nascêra o celebre Virriato; e como esta fôra dada ao conde D. Henrique, a quem falsamente chama Ungaro, pois foi de origem francez, por Affonso, rei de Hespanha, em premio dos serviços que lhe tinha feito na guerra contra os Sarracenos, casando-o com sua filha D. Thereza; que a este succedêra seu filho D. Affonso Henriques. Relata depois como este se fez reconhecer principe, e senhor de Portugal, contra as pretenções de sua mãe, que lhe queria usurpar o reino; as guerras, que teve por este motivo com Castella; como foi cercado em Guimarães, e libertado pela fidelidade de Egas Moniz; como venceu os cinco reis mouros no campo de Ourique; como depois d'isto foi conquistando as mais praças de Portugal, Leiria, Arronches e Santarem, e finalmente Lisboa, ajudado da armada dos cruzados, que da Allemanha, França e Inglaterra, iam a conquistar a Terra Santa; como conquistou todo o Alemtêjo; como depois de ter cercado e tomado Badajoz, 'nelle, por castigo do céo, foi cercado dos Leonezes, vencido e preso. Como, libertado, veio a Coimbra; e como, depois de soccorrer a seu filho, cercado em Santarem pelos mouros, morreu cheio de annos e victorias.

Succedeu-lhe seu filho Sancho I, que ajudado d'uma semelhante armada, que passava, a ajudar a Friderico

na conquista da Terra Santa, tomou Silves, capital do Algarve.

Sucedeu-lhe seu filho Affonso II, e a este Sancho II, príncipe ocioso, descuidado, e entregue aos vícios mais vergonhosos, de modo que foi necessario que seu irmão tomasse a regencia do reino; e que depois da morte de Sancho II lhe succedeu no reino, tomando o nome de Affonso III. Este acabou de conquistar o Algarve, e exterminal os mouros d'aquellas terras.

A estes se seguiu el-rei D. Diniz, sexto na ordem dos reis de Portugal. Este príncipe, forte, sabio e prudente, fez florescer Portugal pelas leis sabias, que promulgou; pela Universidade de Coimbra, que fundou; e por muitas praças, villas e fortalezas, que edificou. Succedeu-lhe seu filho Affonso IV, formidavel aos castelhanos e sarracenos. Seu sógro, rei de Castella, lhe mandou pedir, por sua mesma filha, que o soccorresse contra os mouros. Elle foi com suas tropas, e se distinguiu 'nesta guerra.

No seu reinado succedeu a morte tragica de D. Ignez de Castro em Coimbra, ao pé do Mondego. Todo o seu crime era ser amada do príncipe D. Pedro, filho de D. Affonso; e como se dizia casada com elle, e por isso, impedimento para se casar o príncipe segunda vez, Affonso, indignado, parte de Montemór a vir assistir á morte de D. Ignez.

Venceu-o esta, primeiro com a sua formosura, e com as lagrimas e lastimas de seus netos; porém, cedeu depois ás instigações de seus conselheiros Alvaro Gonçalves, Pedro Coelho, e Diogo Lopes, que, feitos algozes, lhe tiraram cruelmente a vida.

Não se póde explicar o sentimento de D. Pedro, que passou a ser furor. Elle nunca se esqueceu, nem do seu amor, nem da sua injuria. Feito rei, coroou aquelle, declarando rainha a D. Ignez; vingou esta, castigando d'um modo cruel seus inimigos.

A D. Pedro succedeu el-rei D. Fernando, tão remisso

e descuidado, que esteve Portugal em perigo de ser tomado pelo castelhano.

CANTO IV

A D. Fernando succede D. João, 1 d'este nome, filho bastardo d'el-rei D. Pedro. Toma primeiro a regencia do reino, e achando depois favoraveis o povo, os grandes, e o mesmo céo, nos prodigios, que em seu favor obrava, consentiu o declarassem rei.

Encontrou as injustas pretensões do rei de Castella, que pretendia o reino, por pertencer a sua mulher D. Beatriz, filha legitima de D. Fernando e de D. Leonor, rainha de Portugal. Mata no mesmo palacio a Andeiro, conde de Ourém, confidente da rainha, e que favorecia o partido de Castella. Houve muitas mortes e crueldades 'nestas guerras civis: muitos, pelo cego furor do povo, morreram innocentemente. Leonor, sentida intimamente da morte do seu amante, o conde de Ourém, destina vingar-se de D. João, movendo contra elle Castella, que entra com todas as suas forças por Portugal. D. Nuno Alvares Pereira foi o que se distinguuiu, mais que todos, na defesa da liberdade e d'el-rei D. João, que não mostrou menos animo e esforço na celebre batalha de Aljubarrota, que venceu, desbaratando os castelhanos, entre os quaes, os mesmos irmãos de D. Nuno, infelizmente, pereceram pelejando contra sua patria.

A D. João succedeu D. Duarte, em cujo reinado seus irmãos os infantes D. Pedro, D. Henrique e D. Fernando, fizeram uma expedição á Africa, e cercaram Tanger; porém, sobrevindo os mouros, os combateram e á sua gente, de modo tal, que se viram obrigados, não só a largar a empreza, mas a pactuar com elles a entrega de Ceuta, para o que lhes deram, em refens, seu irmão

D. Fernando, que, depois de seis annos, morreu no captiveiro, não querendo nem os infantes, nem o Papa, que se entregasse Ceuta.

Sucedeu no reino o filho primogenito de D. Duarte, D. Affonso v. Este tentou a guerra de Africa com melhor successo: toma Alcacer-Ceguer, Arzila e Tanger. Depois, passa com tropas a Castella, para defender a princeza Joanna, declarada herdeira d'este reino pela morte do seu pae D. Henrique, contra as pretensões de Izabel, irmã de D. Henrique, e mulher do rei de Aragão. Bateram-se as tropas d'este rei e as portuguezas, que ficaram vencidas.

Seguiu no reino seu filho D. João II. Este por varias vezes mandou náos a descobrir a navegação da India. A primeira vez se descobriu a Guineia; pela segunda o reino de Congo, por Jaime Cane; e pela terceira, se chegou a dobrar o cabo da Boa-Esperança, e se chegou até á ilha da Santa Cruz. Bartholomeu Dias foi o conductor d'esta viagem. Expediu finalmente alguns cavalleiros por terra a descobrir a India, que a acharam; correram as costas orientaes da Africa até Sofala; e, não podendo tornar a Portugal, informaram exactamente o seu rei das suas descobertas.

Finalmente, estava esta grande empreza reservada a el-rei D. Manuel, o qual, animado dos passos que nella já tinham dado seus antepassados, concebeu o nobre pensamento de descobrir a viagem e navegação do Oriente, até áquelle tempo desconhecida. Deitando-se uma noite com este pensamento (ficção linda do poeta) em sonhos se lhe fingiu, que subira ao céo, e d'ahi vira todos os reinos e nações; e que virando os olhos para o Oriente, vira dois grandes montes cheios de brenhas, e inhabitados desde o principio do mundo até alli, d'onde nasciam duas claras fontes, que davam origem aos dois grandes rios Ganges e Indo; que d'ellas sahiram dois velhos orvalhados, denegridos e hirsutos, dos quaes, um mais venerando lhe falára, e dissera que

já era tempo que mandasse a receber d'elles grandes tributos, e que, inda que lhe havia de custar, comtudo emfim o conseguiria. Este era o rio Ganges. 'Neste ponto accorda o rei, chama a conselho, propõe o sonho; approva-se a tentativa de descobrir o Oriente; apparellham-se as náos, e entrega em fim o governo d'ellas, e a execução d'este grande designio, a D. Vasco da Gama, fazendo-lhe uma fala cheia de louvor, confiança, e promessas, para o animar a esta empreza. Destina-lhe por companheiros Paulo da Gama seu irmão, e Nicolau Coelho, que com 148 homens e tres náos, depois de varias ceremonias, acompanhados d'uma luzida procissão, com la-gramas dos seus e lastima de toda a côrte, se dirigiram ás náos em que embarcaram a 8 de julho de 1497. 'Nesta occasião foi notavel a fala com que os despediu um velho, ponderando-lhes a temeridade d'aquella acção.

CANTO V

Partidos pois, seguiram esta derrota navegando sempre para o Sul; deixando á esquerda a Mauritania, e á direita a America, de que ainda não havia certeza, mas suspeita, como diz Camões. Passaram á ilha da Madeira e ás ilhas Canarias, chamadas antigamente Fortunatas, e chegaram á ilha de S. Thiago, principal das de Cabo-Verde, que se julga eram as Hesperidas e Gorgones dos antigos. Ellas tomaram o nome do promontorio e cabo fronteiro, formado pelo rio Senegal no principio da Guinea, chamado Cabo-Verde pela amenidade e frescura d'aquella região. Foram costeando a Guinea; e, passando o cabo das Palmas e ilha de S. Thomé, que fica defronte do reino de Lopo, ultimo da Guinea, e de baixo da linha equinocial, estando na altura do reino de Congo, se lhe descobriu a estrella do Sul.

Aqui experimentaram grandes perigos e viram prodigios nunca vistos, como o fogo chamado de S. Elmo,

e as nuvens formarem uma columna do-céo ao mar, e sorverem a agua. Passado o tropico de Capricornio, depois de tres mezes, desde que partiram de Lisboa, descobriram terra na costa da Cafraria.

Aqui um soldado da armada, chamado Fernão Velloso, entrou pela terra dentro a reconhecer o paiz; mas, saindo-lhe os negros moradores d'elle ao encontro, o obrigaram com tiros de pedras e settas a recolher-se ás náos, onde Vasco da Gama, tendo saído a acudir-lhe, foi ferido em uma perna. A esta terra chamaram os nossos Angra de Sancta Helena, e ao rio, que faz a angra, rio de S. Thiago.

Cinco dias depois de partirem d'aqui, uma noite, vi-giando, lhes appareceu uma nuvem negra e carregada, e logo um monstro disforme, de estatura desmedida, rosto carregado, olhos encovados, bocca negra, dentes amarelllos, pallido, medonho e terrivel; o qual, com uma voz grossa e horrenda, os reprehende da sua ousadia em passar os limites vedados, e navegar aquelles mares até então desconhecidos; cominando-lhes os males e tormentos, que haviam de padecer, assim elles, como os que depois imitassem a sua ousadia; prediz-lhes a desgraça de Sepulveda e de sua mulher Leonor, que naquellas partes dariam á costa e seriam despojados de seus vestidos, e, depois d'outros males, pereceriam ambos miseravelmente. Perguntado este monstro quem era, respondeu que era Adamastor, um dos gigantes, que attentaram o céu pondo montes sobre montes; mas, pretendendo os amores de Thetis, mulher de Neptuno, os quaes cuidando lograr uma vez por beneficio de Doris, em castigo se vira convertido em um monte duro, a quem para maior castigo seu, andava sempre Thetis cercado com as suas aguas. Este é o Cabo Tormentorio, ou das tormentas, assim chamado pelas muitas que, ao pé d'elle, padecem os navegantes, agora Cabo da Boa-Esperança.

Este avistaram os nossos aos cinco dias, depois que

partiram da Angra de Sancta Helena, e o dobraram; e tornando a demandar a linha que tinham passado, costeando a ponta da Africa, tomaram terra no golfo chamado de S. Braz. A gente era preta, mas mais humana no trato, pois os receberam com grande agasalho. D'aqui foram costeando e deixando o ilheo da Sancta Cruz, onde tinha chegado Bartholomeu Dias, no reinado de D. João II; ainda que por muitos perigos, pelas arrebatadas correntes d'estes mares, chegaram, em dia de Reis, a um rio, a que por isso deram o mesmo nome. Aqui se refizeram de agua e mantimentos; de lá passaram ao paiz chamado Zanguebar, e, deixando atraz o reino de Sofala, o mais abundante em ouro de toda a Africa, foram abordar a uma terra, cujos habitantes eram muito menos negros e mais civilizados que todos os que tinham visto.

Estes povos lhes dffseram que ás suas costas vinham navios semelhantes aos nossos, o que causou uma tão grande alegria a Vasco da Gama, que deu áquelle rio o nome dos Bons Signais. Antes de deixar este paiz, mandou arvorar uma columna em honra de S. Raphael, com as armas d'el-rei D. Manuel. No tempo de vinte e dois dias, que se deteve 'neste sitio, mandou dar pendor ás náos, e aqui adoeceu a maior parte da gente, da que morreu não pouca. D'aqui passaram a Moçambique, e depois a Mombaça, onde foram mal tractados, até que em Melinde acharam um porto seguro.

OBSERVAÇÕES.

Da fabulã.

1

Para explicarmos o artificio poetico d'estes tres cantos, é preciso fazermos uma distincção, adoptada por todos os auctores, e é, que ha duas especies de narraçãõ, uma *natural*, e outra *artificial*.

A *natural* é a que segue a ordem dos tempos, contando em primeiro lugar, aquellas cousas que primeiro succederam, e em segundo, as que se seguiram. Em semelhantes narrações se acha descripta uma acção do mesmo modo que succedeu. Ali se vê primeiramente o seu principio, depois o seu meio, e ultimamente o seu fim.

A *artificial* não segue a ordem dos tempos e dos successos; mas propõe desde logo o meio da acção, e depois narra os principios d'ella, e o seu fim. A *natural* é mais propria dos historiadores, que dos poetas. Aquelles têm por objecto representarem nos escriptos os successos passados, segundo a verdade, sem mais nem menos; e assim nol-os devem representar nos mesmos logares, e nos mesmos tempos em que se passaram. Estes têm por fim o deleitar; e como um grande meio para isso é excitar a curiosidade, e ter suspensos sempre os animos dos leitores, levam estes desde logo ao meio da acção, na qual, uma vez interessados, lhes faz desejar saber os principios e causas d'ella e suas antecedencias, e o fim d'ella. Isto não tira porém que o poeta não possa usar d'este modo de narraçãõ natural, principalmente em acções de pouca duração. Homero a seguiu no seu mais bello poema, a Illiada, cuja acção dura 47 dias.

Não ha duvida porém, que a artificial é a mais propria aos poetas, principalmente nas acções de maior duração. — «Homerus, diz Macobrio, vitans in poemate historicorum similitudinem, quibus lex est incipere ab initio rerum et continuam narrationem ad finem usque perducere; ipse poetica disciplina a rerum medio cepit, et ad initium post reversus est: ergo Ulyssis errorem non incipit a Troiano Littore describere: sed facit eum primo navigantem de insula Calipsonis et ex persona sua perducet ad Phaeacas. Illic in convivio Alcinoi Regis narrat ipse quem admodum de Troia ad Calypsonem pervenerit. Post Phaeacas rursus Ulyssis, navigationem usque ad Ithacam ex persona propria describit poeta. Quem secutus Maro Aenea de Sicilia perducit ad Libyam. Illic in convivio Didonis narrat ipse Aeneas navigationem suam de Troia usque ad Siciliam (*).» — Em fim o poeta mostra, desde logo, que vai a acabar; e, suppondo já o seu leitor instruido em tudo o que lhe vai contar, leva-o de repente ao meio das cousas, que é o preceito que já nos deu Horacio na sua Poetica, propondo-nos e louvando-nos o exemplo de Homero:

*Semper ad eventum festinat, et in medias res
Non secus ac notas auditorem rapit...*

Seguindo pois esta regra, costumam os bons poetas principiar a contar d'aquelle ponto da acção que está perto do fim, e depois em algum episodio, por alguma circumstancia verosimil, introduzir o seu heroe a contar as causas que houve para tomar aquella empreza, e tudo o que até então precedeu. Virgilio o faz fazer a Eneas no banquete da rainha Dido, desde o principio do segundo livro até o fim do terceiro, que ambos gasta 'nesta narração. Homero do mesmo modo na sua Odyssea introduz a Ulysses no convite de Alcinoos, rei dos

(*) Saturn., liv. v, cap. II.

Pheacos, a contar as suas aventuras depois da saída da ilha Ogygia, na qual gasta os livros IX, X, XI e XII do seu poema.

Camões faz o mesmo depois de nos contar no primeiro e segundo canto o que succedeu a Vasco da Gama, desde o cabo das Correntes, entre as costas de Monomopata na Africa, e a ilha de Madagascar (mais de meia jornada, feita depois de Lisboa) até á entrada no porto de Melinde: na entrevista que teve com o rei d'esta cidade, movido pelos rogos d'este o introduz a narrar 'nestes tres cantos a terra d'onde tinha partido, os reis que a governavam, os seus designios 'nesta navegação, e as difficuldades e successos, que desde Lisboa até ali tinham passado.

II

É costume dos bons poetas invocarem as musas não só no principio de seu poema, mas pelo meio das suas obras, quando hão de tractar algum argumento mais grave e elevado do ordinario. «Nemo miratur, diz Quintiliano, poetas maximos saepe fecisse, ut non solum initiis operum suorum Musas invocarent, sed proVecti quoque longius, cum ad aliquem graviorem venissent locum, repeterent vota et veluti nova precatone uterentur (*)». Virgilio não só o faz ao principio, mas tambem, começando no livro VII a tractar da guerra de Eneas com Turno, diz a versos 37 e 41:

*Nunc age, qui reges, Erato, quae tempora rerum,
Tu vatem, tu Diva, mone: dicam horrida bella.*

Do mesmo modo, Camões, havendo de fazer contar a Vasco da Gama os illustres feitos dos reis de Portugal, principia o terceiro canto, invocando Calliope para que lhe inspire o que 'naquella occasião disse o Gama ao rei.

(*) *Inst. Orat. lib. IV, in proëm.*

Esta invocação porém é intoleravel, assim por ser inteiramente gentilica (o qual defeito é commum a todo o poema), como pela jactancia com que diz Camões, que já se vê banhado por Apollo nas aguas do monte Parnazo, e que se Calliope lhe não conceder o que lhe pede, dirá que tem receio se escureça com a sua gloria a do seu querido Orpheo:

Deixa as flores de Pindo, que já vejo
Banhar-me Apollo na agua soberana;
Senão direi, que tens algum receio,
Que se escureça o teu querido Orpheio.

III

Tornando porém á narração de Vasco da Gama, incluída no episodio do recebimento que fez o rei de Melinde áquelle illustre capitão, deve-se observar que semelhantes narrações, são narrações da acção, e não de cousas estranhas a ellas. Do que consequentemente se segue, que não deve subir mais alto esta narração do que sobem os principios da mesma acção que se relata, e as causas proximas, que a fizeram conceber, e não as remotissimas, que não têm com ella connexão necessaria ou verosimil. E isto não só quando a narração poetica é natural, como fez Homero na Iliada, a qual principia logo pela ira de Achilles sem subir á primeira origem d'aquella celebre guerra, mas ainda quando é artificial. Homero, na Odyssea, principia a sua narração diante do rei Alcinoo, desde a sua saída de Calypso, que é o principio da sua acção. Virgilio faz contar a Eneas a sua viagem sómente desde a destruição de Troia, que é a que fez nascer em Eneas o pensamento de vir estabelecer-se na região de seus ascendentes. Estes são os nossos modelos, e não um Antimaclo, que em seu poema sobre a tornada de Diomedes da guerra de Troia, vai tomar o principio desde a morte de seu tio Maleagro; nem um auctor da pequena Iliada, que para

contar a guerra de Troia, sobe até os primeiros e mais remotos principios, começando dos dois ovos de Leda, dos quaes um continha Pollux e Helena, a qual foi a primeira causa d'esta guerra, por isso justamente censurados por Horacio:

*Nec reditum Diomedis ab interitu Maleagri,
Nec gemino bellum Troianum orditur ab ovo.
Semper ad eventum festinat...*

Seguindo esta regra, devia Camões principiar a narração d'onde principia a sua acção. O principio da acção de Vasco da Gama, isto é, do descobrimento da navegação á India, foi o desejo d'el-rei D. Manuel de continuar as descobertas do principe D. Henrique, nas costas da Africa, as de seu antecessor D. João II, para propagar os seus dominios, o commercio e a religião, de que tracta Camões no fim do canto iv. Tudo pois o que Camões conta antes d'isto, a descripção longa que faz da Europa, da historia antiga da Lusitania, da fundação do reino de Portugal, e da successão e feitos principaes de seus reis até o reinado de D. Manuel, tudo isto, digo, é de mais. Uma acção deve ser inteira, isto é, deve ter principio, meio e fim, e esta integridade pede não menos que se não falte com alguma d'estas partes, do que não sobeje nem tenha nada de mais. Ora, principio de uma acção, conforme Aristoteles, é aquelle que antes de si não suppõe nem pede nada necessariamente, mas depois de si alguma cousa. Antes de D. Manuel nada ha que tenha connexão necessaria ou verosimil com esta empreza, que toda se deve a seu feliz reinado.

A acção que Stacio se propoz na sua Thebaida, é a contenda dos dois irmãos Etheocles e Polynices sobre o reino de Thebas, e justamente é censurado da irregularidade em que cáe de contar tudo o que havia precedido, subindo até á fundação da mesma Thebas. Camões caiu no mesmo defeito; pois parece que quiz comprehender no seu poema a historia de Portugal até seu

tempo: no III, IV e V canto tracta a historia até el-rei D. Manuel, e no canto X, desde D. Manuel até o seu tempo.

IV

As ficções do poema são necessarias no poema epico: 1.º para encher os vazios da historia; 2.º para ornato da fabula; 3.º para a fazer mais maravilhosa; 4.º porque é propria do poeta a ficção: 'nella é que elle se mostra creador e inventor; 5.º para dar á fabula a devida extensão, e episodiar a acção. Homero é louvado, entre outras cousas, por Horacio, por ter sabido nos seus poemas de tal modo misturar a verdade com a ficção, que tudo junto fizesse um corpo bello, cujas partes entre si ajustassem e unissem.

*Atque ita mentitur, sic veris falsa remiscet,
Primo ne medium, medio ne discrepet imum.*

Não faltou Camões a este preceito; pois ornou esta narração com duas bellissimas ficções: uma no fim do canto IV, estancia LXVIII; e outra no canto V, estancia XXXVII. Na primeira finge que o Ganges e Indo, na figura de dois velhos venerandos, falam a D. Manuel, e o exhortam a vir tomar os tributos que lhe offercem no Oriente. A pintura d'estes dois rios é bem feita, e conforme ao que a fabula fingia de qualquer rio, que se representava ser um velho, que recostado sobre uma urna descancava brandamente ao estrondo das agoas que derramava.

A segunda é a celebre ficção de Adamastor, da qual diz Voltaire (-) «ser uma das ficções, a qual, ousado dizer, deve ter um bom successo em todos os tempos, e em todas as nações. Quando a frota está perto de dobrar o cabo de Boa-Esperança, continúa elle, chamado então

(*) *Essai sur le poëme épique.*

o Promontorio das Tempestades, viu-se de repente um objecto formidavel : uma personagem se levanta do fundo do mar, sua cabeça toca nas nuvens ; as tempestades, os ventos e os trovões se acham em torno d'elle ; seus braços se estendem ao longo da superficie das aguas. Este monstro, ou este deus, é a guarda d'este Oceano, cujas ondas nenhum navio até então tinha sulcado. Elle ameaça a frota ; queixa-se do atrevimento dos Portuguezes (que vêm disputar-lhe o imperio dos mares ; prediz-lhes todas as calamidades que têm de soffrer 'nesta empreza. Isto é grande em todo o paiz, sem d'vida.»

V

Tambem é uma regra que nem tudo o que a historia diz, se pôde tractar em um poema epico. Nella ha uns incidentes, que estão bem á magestade do poema, e que por isso podem tomar lustre nas mãos d'um bom poeta ; e ha outros, que são improprios e indecentes da sua grandeza, os quaes, postos em uma epopeia, serão como nodos em um vestido. Aristoteles diz que Homero não é menos admiravel no que deixou de dizer, do que no que disse. Horacio, entre os seus louvores, põe tambem o de saber dar de mão a certos incidentes, que não podem servir de ornato, mas de deslustre a um poema :

*Et quas
Desperat tractata nilescere posse, relinquit.*

Camões não se esquece d'esta regra. Pela historia sabemos que a frota portugueza, no dobrar o cabo da Boa-Esperança experimentou tão grandes prejuizos, que julgaram todos que iam perecer ; pelo que a gente toda, e ainda os officiaes, pediram instantemente a Vasco da Gama quizesse tornar para traz. Elle insistiu sempre na sua empreza : vendo pois os soldados, que nem os seus rogos, nem o terror do perigo faziam impressão no

coração de Gama, se conjuraram para o matar, o que fariam, se Paulo da Gama, seu irmão, não descobrisse a conspiração. Vasco da Gama mandou pôr em ferros alguns. Este successo occulta Camões no seu poema com muita razão, porque a narração de Vasco da Gama, em que elle naturalmente devia ter logar, faz-se diante do rei de Melinde, á vista e na presença de quasi todos os portuguezes, que tinham acompanhado o Gama, e muitos dos quaes eram comprehendidos 'naquella fraqueza e perfidia. Seria pois uma cousa incoherente, depois de Vasco ter exaltado até ao céu a magnanimidade, esforço e intrepidez dos portuguezes, contradizer-se diante do rei por um exemplo tão contrario; e seria uma grande impolitica, inverosimil 'num capitão tão prudente, envergonhar diante d'um rei, tão ignominiosamente, muitos de seus companheiros, descobrindo-lhes uma fraqueza tão estranha á sua nação, e uma conspiração tão negra, como era conspirarem-se contra a vida d'um general tão forte, e que executava as ordens de seu rei.

Pelo contrario, na desgraça que faz prognosticar a Adamastor a respeito de Manuel de Sousa e Sepulveda, e de sua mulher D. Leonor, se afasta um pouco da verdade da historia, quando, para fazer aquelle caso mais lastimoso, diz que D. Leonor morrera abraçada com seu marido. Tanto é certo que o auctor d'um poema dilatado deve fazer escolha do que se lhe presenta, servindo-se d'uns incidentes e deixando outros, conforme o que diz Horacio:

Hoc amet, hoc spernat promissi carminis auctor.

Oxalá se tivera tambem lembrado d'isto Camões, quando refere a prisão de Vasco da Gama no canto VIII, estancia XIII, e que, para poder ser solto,

Escrevê a seu irmão, que lhe mandasse
A fazenda com que se resgatasse

O que tudo se devia encobrir, por não desmentir o character do seu heroe, que sempre devia ser sublime, e não abatê-lo aquella miseria e vilesa. Mas d'isto falaremos no seu lugar.

Costumes.

I

A narração poetica é differente da historica, não só na ordem e estylo, mas tambem nos costumes. A historia tem obrigação de representar os homens como elles foram na realidade. A poesia representa-os como elles deveriam ser; e esta é a razão por que Aristoteles, na sua Poetica, diz que a poesia é mais moral e instructiva que a historia; porque aquella, propondo-nos os homens como deviam ser, nos dá modelos dignos da nossa imitação; esta, sendo uma pintura das paixões e acções dos homens como na verdade foram, offerece-nos ordinariamente exemplos, ou inteiramente indignos, ou em parte defeituosos. É verdade que na poesia os costumes tambem devem ser *similhantes*, quero dizer, conformes ao que dos homens nos diz, ou a historia ou a fama. *Aut famam sequere.* Porém esta regra nos põe na obrigação sómente: 1.º de, dando nós ás nossas personagens, costumes bons ou máos, não sermos 'nesta parte contrarios á historia, e de não fazermos v. g., um D. Affonso Henriques pussilanime; um Egas Moniz infiel, ou Affonso IV obediente; 2.º de; 'naquelles costumes máos, que são necessaries ao enredo da fabula, seguirmos o que a fama commum nos ensina. Mas excepto estes costumes, que são de necessidade precisa para formar o contraste de interesses e caracteres em que se funda o enredo de qualquer fabula, nada nos obriga a lhe não dar costumes bons, quando a historia, pelo seu silencio, nos não impede, e muito mais quando ella nos auctorisa, ou a lhe dar máos quando podemos

e devemos occulta-los, por não nos serem necessarios; pelo que a *bondade de costumes*, que é a primeira qualidade que requer Aristoteles, pede primeiro que, não se declarando a historia contra isto, dêmos ao character, qualquer que elle fôr, a condição moral de que o tal character pôde ser acompanhado; segundo, que declarando-se contra isso a historia, occultemos os vicios e más costumes que elle lhe dá, visto não serem necessarios.

Isto supposto, que necessidade tinha Camões de nos representar D. Affonso Henriques impio contra sua mãe; Sancho II, ocioso, descuidado e deshonesto; D. Pedro, rebelde e cruel; D. Fernando, remisso e descuidado? Camões não tanto faz um elogio quanto á historia d'estes principes. Não era muito melhor relatar os feitos gloriosos d'estes reis, com os quaes fundaram e foram estabelecendo a nossa monarchia, não os imitando por aquella parte em que eram defeituosos, pois que sem isto era mais bella e decorosa a sua relação, principalmente sendo esta alheia da acção dos Lusíadas, e por consequencia da fabula, e não ter necessidade d'este contraste de costume para tecer o enredo d'ella? Virgilio obrou de modo muito differente na narração de Eneas a Dido. Elle lhe faz louvar as personagens, assim dos Gregos na destruição de Troia, como dos reis, por cujas terras passou na sua peregrinação. Chama a um Ulysses forte e terrivel, *dirum*, representa-nos a Heleno, religioso. Se na sua bocca um Sinon é perfido, um Pirrho, cruel e deshumano, um Polymnestor infiel, é porque estes caracteres eram necessarios para se saber a causa da entrada dos Gregos em Troia, do fim de Priamo, e da morte de Polydoro. Peccou pois Camões na *bondade de costumes*.

II

Quanto á similitude, 'nesta parte não faltou Camões, porque pinta os reis e grandes homens com as mesmas

feições com que nos offerece a historia de Portugal. Talvez por seguir escrupulosamente a verdade da historia, como elle protestou no canto i, estancia xi, faltou elle em fazer alguns caracteres menos eguaes. Que cousa mais inconstante do que, depois que D. Affonso mandou prender sua mãe, que lhe queria usurpar o reino, dizer Camões no canto iii, estancia xxxiv, que era nas guerras contra Castella

.....
Ajudado da angelica defesa,
Não só contra tal furia se sustenta,
Mas o inimigo asperrimo affugenta. (!)

E logo depois no mesmo canto, estancia lxi, dizer :

Mas o alto Deus, que para longe guarda
O castigo d'aquelle que o merece,
.....
Agora lhe não deixa ter defesa
Da maldição da mãe que estava presa. (!)

Sentimentos.

Passemos aos sentimentos, ou aos discursos, que declaram os nossos pensamentos. Nestes, assim como em tudo o mais, se deve escrupulosamente guardar o *decóro*, e este se póde considerar : 1.º em relação á materia de que se discorre; 2.º em relação ás paixões do que falla; 3.º em relação aos costumes do orador; 4.º em relação ao lugar e pessoas, diante das quaes se falla.

I

Apostrophes ineptas.

Quanto á materia d'esta falla de Vasco da Gama ao rei de Melinde, o discurso é decente, menos nas repeti-

das, longas e vehementes apostrophes, que elle faz pelo meio da narração, como no canto III, estancia LXII:

E vós tambem, ó terras Transtaganas,
Afamadas c'ò dom da flava Ceres,
Obedeceis ás forças mais que humanas,
Entregando-lhe os muros e os poderes :
E tu, lavrador Mouro, que te enganas,
Se sustentar a fertil terra queres ;
Que Elvas e Moura e Serpa conhecidas,
E Alcacer-do-Sal, estão rendidas.

Na estancia LXXI do mesmo canto faz outra apostrophe a Pompeio, em que gasta trez estancias :

LXXI

Ó famoso Pompeio, não te pene
Do teus feitos illustres a ruina ;
Nem vêr que a justa Némesis ordene
Ter teu sogro de ti victoria indina :
Posto que o frio Phasis, ou Syene,
Que para nenhum cabo a sombra inclina,
Ó Bootes gelado e a Linha ardente
Temessem o teu nome geralmente ;

LXXII

Posto que a rica Arabia, e que os ferozes
Heniochos e Colchos, cuja fama
O véu dourado estende ; e os Cappadoces
E Judea, que um Deus adora e ama ;
E que os molles Sophenes e os atroces
Cilicios, com a Armenia, que derrama
As águas dos dons rios, cuja fonte
Está noutro mais alto e sancto monte ;

LXXIII

E posto emfim que desd'ò mar de Atlante
Até o Scythico Taure, monte erguido,
Já vencedor te vissem : não te espante
Se o campo Emathio só te viu vencido ;
Porque Affonso verás, soberbo e ovante,
Tudo render, e ser depois rendido.
Assi o quiz o Conselho alto celeste,
Que vença o sogro a ti, e o genro a este.

**Outra a Progne e Medea, no mesmo canto; estancia
xxxii:**

Ó Progne crua ! ó magica Medea !
Se em vossos proprios filhos vos vingais
Da maldade dos pais, da culpa alhea,
Olhai que inda Teresa pecca mais:
Incontinencia má, cobiça fea,
São as causas d'este erro principais:
Scylla, por uma, mata o velho pai,
Esta, por ambas, contrá o filho vai.

Outra no mesmo canto, estancia xli:

Ó grão fidelidade Portugueza
De vassallo que a tanto se obrigava !
Que mais o Persa fez 'naquella empreza,
Onde rosto e narizes se cortava ?
Do que ao grande Dario tanto peza,
Que mil vezes dizendo suspirava,
Que mais o seu Zopyro são prezára,
Que vinte Babylonias que tomára.

**Outra a Sertorio e a Coriolano, no canto iv, estancia
xxxiii:**

Ó tu, Sertorio, ó nobre Coriolano,
Catilina, e vós outros dos antigos,
Que contra vossas patrias, com profano
Coração, vos fizestes inimigos:
Se lá no reino escuro de Sumano
Receberdes gravissimos castigos,
Dizei-lhe que tambem dos Portuguezes
Alguns traidores houve algumas vezes.

Outra a Tito Vespasiano, no canto iii, estancia cxvii:

E se tu tantas almas só pudeste
Mandar ao reino escuro do Cocyto,
Quando a sancta Cidade desfizeste
Do povo pertinaz no antigo rito:
Permissão e vingança foi celeste,
E não força de braço, ó nobre Tito;
Que assi dos Vates foi prophetisado.
E depois por xesu certificado.

Outra a D. Ignez de Castro, no mesmo canto, estancia cxix :

Estavas, linda Ignez, posta em socego,
De teus annos colhendo doce fruto,
'Naquelle engano da alma, ledo e cego,
Que a fortuna não deixa durar muito ;
Nos saudosos campos do Mondego,
De teus formosos olhos nunca enxuto,
Aos montes ensinando, e ás ervinhas,
O nome que no peito escripto tinhas.

Outra ao Amor, no mesmo canto, estancia cxix :

Tu só, tu, puro Amor, com força crua,
Que os corações humanos tanto obriga,
Dêste causa á molesta morte sua,
Como se fóra perfida inimiga.
Se dizem, fero Amor, que a sede tua
Nem com lagrimas tristes se mitiga,
É porque queres, áspero e tyranno,
Tuas aras banhar em sangue humano.

Outra ao Sol, no mesmo canto, estancia cxxxiii :

Bem podéras, ó Sol, da vista d'estes
Teus raios apartar aquelle dia,
Como da seva mesa de Thyestes,
Quando os filhos por mão de Atreo comia !
Vós, ó concavos valles, que pudestes
A voz extrema ouvir da bocca fria,
O nome do seu Pedro, que lhe ouvistes,
Por muito grande espaço repetistes !

Tantas apostrophes, tão dilatadas, e feitas ás cousas mais remotas, não podiam nascer senão de uma paixão vehementissima. E esta é a que se não póde de nenhum modo considerar em um homem, que conta cousas, as quaes, ainda que sejam em si atrozes e lastimosas, passaram-se comtudo em um tempo muito remoto, e nem lhe tocam na sua pessoa. Eneas, que contava a Dido em Virgilio os successos tragicos, e ha pouco passados, de Troia, de cujas ruinas elle vinha de saír, e que os con-

tava a Dido já instruída bastantemente 'nelles, faz algumas apostrophes; mas ainda 'nestas circumstancias são sempre tão breves, que nunca passam de trez versos.

O mesmo se deve dizer d'aquella digressão, com que, sem rasão, separa o canto v do vi, mostrando que os grandes homens se fazem ainda mais gloriosos pelos escriptos dos homens doutos, que por seus feitos; e que as obras de engenho merecem por isso grandes premios, ainda que não se faz caso d'ellas. Esta digressão lhe leva as ultimas nove estancias do canto v.

Tambem a digressão de quatro estancias, com que acaba o terceiro canto, é impropria de uma narração, que deve ser seguida, e não interrompida; principalmente por cousas, que não devem ter lugar no poema epico, onde a moral se deve ensinar, mais obrando do que instruindo; contra o que faz Camões a Vasco da Gama, introduzindo-o a discorrer sobre os perniciosos efeitos do amor; e separando d'este modo o canto iii do iv, quando um e outro deviam estar intimamente unidos pelo fio da narração.

II

Devem os discursos ser convenientes e decorosos ás paixões dos que os pronunciam. Um coração occupado da dôr e da mágua não considera senão no que o affiige: isto o occupa todo, e não lhe dá lugar a pensar 'naquelles objectos, que, por serem remotos, extraordinarios, e vulgarmente desconhecidos, necessitam de estudo e reflexão, á qual é contraria a perturbação da nossa alma. Representa-nos Camões no canto iii, estancia xxxix, a Egas Moniz com sua mulher e filhos, em figura de réos destinados á morte, implorando a clemencia do rei de Castella: todas as expressões, que lhe põe na bocca, são bem patheticas e naturaes, menos a

De Scinis e do touro de Perillo,

que não lhe podiam verosimilmente occorrer 'naquella conjunctura. Do mesmo modo, é digna de censura, e impropria na bocca de uma senhora, que via a morte diante de si, e que se achava penetrada de uma vivissima dôr, por si, por seus filhos, e por seu marido, a lembrança de Semiramis, de Romulo, e de Remo; personagens, sim, bem conhecidas na historia; porém mal lembradas em uma mulher, e em uma mulher occupada da mágua e da tristesa, como era D. Ignez de Castro, que Camões, nas seguintes estancias do canto III, introduz a falar a el-rei D. Affonso IV:

CXXVI

Se já nas brutas feras, cuja mente
Natura fez cruel de nascimento,
E nas aves agrestes, que sómente
Nas rapinas aéreas tem o intento,
Com pequenas crianças viu a gente
Terem tão piedoso sentimento,
Como co'a mãe de Nino já mostraram,
E co'os irmãos que Roma edificaram;

CXXVII

Ó tu, que tens de humano o gesto e o peito,
(Se de humano é matar uma donzella
Fraca e sem força, só por ter sujeito
O coração a quem soube vencel-a)
A estas criançainhas tem respeito,
Pois o não tens á morte escura d'ella:
Mova-te a piedade sua e minha,
Pois te não move a culpa que não tinha.

No mais é admiravel; principalmente a pintura, que Camões faz da sua miseria, no canto III, estancia cxxv:

Para o céu cristallino levantando
Com lagrimas os olhos piedosos;
Os olhos, porque as mãos lhe estava atando
Um dos duros ministros rigorosos.

No que imitou Virgilio, livro II, Æn. verso 405:

*Ad coelum tendens ardentia lumina frustra:
Lumina: nam teneras arcebant vincula palmas.*

Este discurso de D. Ignez não ha cousa que mais enteneça, e mais pathetica, e 'neste genero póde-se dizer que é um lança de mestre. O discurso de D. Maria, rainha de Castella, a seu pai D. Affonso iv, para o mover a ir soccoffer a seu sogro D. Affonso, rei de Castella, contra os sarracenos, é muito conveniente, e juntamente vivo, pelos fortes motivos, que propõe a seu pai a fim de o mover a esta empresa.

III

Devem os discursos e os pensamentos ser convenientes ao character e costumes dos que fallam. A falla d'aquelle velho, que se refere na estancia xcv e seguintes do canto iv, é bellissima: ella é toda moral, declamando contra a vã gloria, vã cobiça, e temeridade dos homens em commetter os maiores perigos; e por isso muito propria de um velho do vulgo, cujo saber é feito só de experiencias, que olha as cousas por fóra, e tal qual nos descreve Horacio:

*Difficilis, querulus laudator temporis acti
Se puero: Censor castigatque minorum.*

Porém, por isso mesmo não se devia mostrar instruido na mais recondita antiguidade e na fabula, trazendo, para exemplo da temeridade, um Prometheo, um Phaetonte, e um Icaro. Os pensamentos e expressões são tão delicados, que não estão bem na bocca de um homem rude e ignorante.

A Horacio, com ser um poeta doutissimo e engenhoso, não podia deixar de custar muita applicação a sua ode — *Sic te Diva Potens Cypri, etc.*, cuja melhor porção fazem as trez estancias ultimas d'esta falla; quanto mais a um velho ignorante e rustico, fallando de repente.

IV

Devem os sentimentos e discursos, que os representam, accommodar-se ao lugar e ás pessoas a quem se dirigem, assim para mostrar a essas pessoas toda a consideração, que lhes é devida, como para proporcionar o seu discurso á sua capacidade e conhecimentos. Devia pois Camões considerar, que introduzia a fallar Vasco da Gama a um rei de religião mouro e mahometano; e a um homem das costas de Zanguebar. Por consequencia não devia dizer nada que o podesse offender na cousa mais delicada, qual é a religião. Camões porém toma tão pouco cuidado d'isso, que toda esta narração de Vasco da Gama está cheia de opprobrios e maldições contra a sua seita e seus sequazes. Umavez lhe chama *Do Arabio a lei maldita*, como na estancia c do canto IV; outras, como no mesmo canto, estancia XLVIII, diz

..... que o Africano
 Conheça pelas armas quanto excede
 A lei de Christo á lei de Mafamede.

Aos sequazes de Mafoma umas vezes chama *barbaros e nefandos*, como no mesmo canto, estancias LIV e LV, e no canto III, estancia LXXV: outras, *perfidos e inféis*, como no mesmo canto, estancias XLV e CXII: outras, *torpes, Mahometas, e povo cego*, como no dicto canto, estancia LXXX; e no canto IV, estancia XLIX: outras, *perros*, como no canto III, estancia XLVIII. Este modo não era bom para grangear a benevolencia d'aquelle rei, e pagar-lhe o grande beneficio que lhe fazia de o recolher amigavelmente em seu porto.

Devia tambem considerar, que introduzia a fallar o Gama não na Europa, em uma assemblea de sabios e instruidos na antiguidade, mas sim a um rei barbaro

da costa de Zanguebar, a quem era desconhecida à Mythologia antiga, e a historia dos Gregos, Assyrios e Romanos. Por esta razão, devendo ser os exemplos, as comparações, as similhanças e as allusões, tiradas de cousas que o ouvinte conheça, e não o são as de que usa Vasco da Gama, tiradas umas vezes da Mythologia antiga, como a de Progne, Medea e Scyla, no canto III, estancia xxxii; a da ceá de Thyestes, no mesmo canto, estancia cxxxiii; a de Alcides e Theseo, no mesmo canto, estancia cxxxvii: outras dos poemas de Homero e Virgilio, como a de Venus, canto III, estancia cvi; a de Policina e Pyrrho, no mesmo canto, estancia cxxxi; a de Eneas e Ulysses, das magas Circes, Polyphemos, Sereas e Calypsos, no canto v, estancias lxxxvi, lxxxvii e lxxxviii; outras da historia dos Assyrios, como a de Semiramis e de Sardanapalo, canto III, estancia xcii: outras da historia romana, como a de Pompeo, canto III, estancia lxxi; a de Mario e Annibal, no mesmo canto, estancia cxvi; a de Nero, Agrippina e Heliogabalo, no mesmo canto, estancia xcii: além de outros infinitos exemplos, que é escusado referir.

V

A primeira qualidade nos nossos pensamentos, e, por consequencia, nos nossos discursos, deve ser a verdade. Ella é o fundamento sôbre que se sustenta toda a belleza dos pensamentos, que toda se arruina sem esta base. Os mares das costas occidentaes da Africa já tinham sido navegados no tempo de D. João II, por Bartholomeu Dias, que dobrou ainda o Cabo das Tormentas, e costeou parte da Costa oriental da mesma Africa, até o ilheo da Cruz, que fica mais de setenta leguas acima do dito cabo; o que tudo succedeu algum tempo antes da navegação de Vasco da Gama. Camões não

ignorava isto, e assim faz dizer a Vasco da Gama, no canto v, estancia LXV:

Já aqui tínhamos dado um grão rodeio
À costa negra de Africa, e tornava
A prça a demandar o ardente meio
Do céu; e o polo antartico ficava:
Aquelle ilheó deixámos, onde veio
Outra armada primeira, que buscava
O tormentorio Cabo, e descuberto,
Naquelle ilheo fez o seu limite certo.

E se isto assim é, porque se diz no mesmo canto, estancia xxxvii, que pouco antes do Cabo da Boa Esperança iam os nossos

..... cortando
Os mares nunca d'outrem navegados (?)

Porque aqui mesmo, na estancia xli, faz dizer Camões a Adamastor que ha ousadia dos nossos em cortar aquelles mares,

Que eu tanto tempo ha que guardo, e tenho
Nunca arados d'estranho ou proprio lenho: (?)

Estes pensamentos contradizem-se, e é necessario que algum d'elles seja falso, pois o não podem ser ambos.

VI

Finalmente, os pensamentos devem ser convenientes á pessoa e caracter do que falla. Um heroe não o é, se não tem todas as boas qualidades, entre as quaes tem um lugar muito distincto a modestia. Os seus pensamentos devem ser altos e sempre grandes, mas não soberbos. As suas acções e não os seus discursos devem fazer seu elogio. E que cousa mais arrogante que aquel-

las quatro estancias com que o Gama dá fim á sua narração, canto v, estancia LXXXVI?

Agora julga, ó rei, se houve no mundo
Gentes, que taes caminhos commettessem?
Crês tu, que tanto Eneas e o facundo
Ulysses pelo mundo se estendessem?
Ousou algum a vêr do mar profundo,
Por mais versos que d'elle se escrevessem,
Do que eu vi, a poder de esforço e arte,
E do qu'inda heide vêr, a oitava parte?

Dêmos que tudo isto assim seja : não o devia elle dizer. Tambem observo, que as repetidas comparações, que 'nesta narração se acham tiradas dos amantes, as vivas imagens que se fazem do 'amor, o enthusiasmo que se deixa vêr 'nestas materias, e principalmente as ultimas cinco estancias do canto III, mostram um coração todo occupado d'esta paixão amorosa. E assim era, que o de Camões estava todo possuido d'ella, como se vê de sua vida e de seus escriptos, que todos a respiram. Expri-me pois aqui o poeta quaes os seus costumes verdadeiros, porém não os convenientes a um heroe guerreiro, a quem não estão bem estes passatempos de ociosos e efeminados, o que o mesmo Camões reconheceu, fazendo fallar d'este modo a Velloso no canto VI, estancia XLI:

Não é, disse Velloso, cousa justa,
Tratar branduras em tanta asperesa,
Que o trabalho do mar, que tanto custa,
Não soffre amores nem delicadesa.

Dicção.

I

Palavras obscuras.

Já é tempo de fallarmos da elocução e estylo. Este, como já disse, pôde-se considerar, ou nas palavras se-

paradas, ou no contexto da oração. As palavras separadas devem ser claras, puras, e proprias da lingua. Camões, conforme o seu costume, explica-se por muitas, que mais são latinas, que portuguezas; e digò o mesmo que já observei a este respeito nas observações ao I e II canto. Devem ser claras e intelligiveis. Eu não saberia que querem dizer as *Dorcadas* do canto v, estancia xi, se João Franco Barretto não me dissesse que eram as Hesperides, ou ilhas de Cabo-Verde. São também obscuras as palavras da estancia xxvi do mesmo canto; e apenas se percebe o que entende por *compassar a universal pintura*: só se é as cartas de marcar e cosmographicas.

II

Solecismos.

Quanto ás palavras juntas, estas devem ser emendadas, isto é, sem solecysmo: ora eu acho dois em Camões, um no canto v, estancia xxiv, onde diz:

Mas já o planeta que no céu primeiro
Habita, cinco vezes *apressada*

onde *apressada*, na parte feminina, não concorda com *planeta*, masculino. Na mesma falla de concordancia cáe no canto III, estancia xxxiv, fazendo este substantivo *gente* do genero masculino, dizendo:

Eis se ajunta o soberbo Castelhana
Para vingar a injuria de Theresa
Contra o tão raro em *gente lusitano*,
A quem nenhum trabalho agrava, ou peza.

Além de que estes dois ultimos versos são escuros pela incoherencia que têm com o que fica antecedentemente e o que se segue.

III

Versos errados.

Tambem se lhe notam alguns erros na medida do verso. É certo que o verso endecassyllabo, de que se serve Camões, deve ter duas syllabas agudas, necessariamente, que são a *sexta* e a *decima*, ou o verso tenha dez syllabas sómente, porque então a ultima será aguda; ou tenha onze, porque então a penultima será aguda; ou tenha dôze, porque então a ante-penultima será aguda, sendo a penultima e ultima grave. Ora, se esta regra é certa, errou Camões 'neste verso, canto v, estancia XII:

O grãndê rïo òndê bătêndõ sãa.

Tambem na versificação portugueza não tem uso senão duas figuras, de que usavam os latinos, que são a synalepha e syneresis. A razão, porém, da letra *m* no fim de uma dicção, para fazer synalepha da vogal que a precede com a que principia a palavra seguinte, era uma liberdade concedida só aos latinos, e que repugna ao genio da nossa lingua; comtudo, Camões a faz em muitas partes, e principalmente no canto III, estancia LXI:

Que murmurando lavam e Torres-Vedras.

Já Camões tinha caído no mesmo erro, no canto II, estancia XXXIV:

Debatem e na porfia permanecem.

IV

Metaphoras duras.

Não basta que o discurso seja emendado e correcto:

é necessario, além d'isso, que esteja apartado dos mais vicios do ornato. Aos poetas concede-se, não ha dúvida, usar da metaphora com mais alguma liberdade do que aos oradores; mas ainda 'nestes são viciosas as metaphoras duras e dissimilhantes, como seria chamar as náus *nadantes aves*, ao mar *argento*, ás vélas dos navios *pan-das azas*. São pois imitados aquelles versos de Camões no canto iv, estancia XLIX :

Eis mil *nadantes aves* pelo *argento*
Da furiosa Thetis inquieta,
Abrindo as *pan-das azas* vão ao vento
Para onde Alcides pôz a extrema meta.

V

Affectação de sentenças.

A affectação de dizer sentenças, é tão conhecida e clara em Camões, que não necessita de prova. Apenas refere algum feito extraordinario, que não o engrandeça por algumas reflexões e sentenças. Eu me restringirei só ao canto iv. Relatando Camões a perfidia dos irmãos de D. Nuno Alvares Pereira em pelear na batalha de Aljubarrota contra a patria, não lhe escapam as seguintes reflexões, na estancia xxxiii :

Ó tu, Sertorio, ó nobre Coriolano,
Catilina, e vós outros dos antigos,
Que contra vossas patrias, com profano
Coração, vos fizestes inimigos,
Se lá no reino escuro de Sumano
Receberdes gravissimos castigos,
Dizei-lhe que tambem dos Portuguezes
Alguns traidores houve algumas vezes.

Conta elle como o principe D. Fernando quiz antes ficar no captiveiro, que se entregasse Ceuta para seu

resgate; não se contenta com isto, e ajunta a estancia LIII:

Codro, por que o inimigo não venhesse,
Deixou antes vencer da morte a vida;
Regulo, por que a patria não perdesse,
Quiz antes a liberdade vér perdida;
Este, por que se Espanha não temesse,
A cativoiro eterno se convida.
Codro nem Curcio, quido por espanto,
Nem os Decios leaes fizeram tanto.

VI

Ditos jocoseros.

Os ditos jocoseros em nenhuma parte têm menos lugar, que na tragedia e epopeia: elles são reservados á comedia, a fim de fazer rir, e não ao poema epico, cuja gravidade não soffre facilmente esta dissolução. Camões quiz alegrar tambem seus leitores, pelo jocoso que metteu no canto v, estancia xxxiii:

.....
Mas nós, como pessoas magoadas,
A respqsta lhes demos tão crescida,
Que em mais que nos barrêtes se suspeita
Que a cór vermelha levam d'esta feita.

E na estancia xxxiv:

.....
Ó lá, Velloso amigo, aquelle oiteiro
E melhor de descer, que de subir.

VII

Imagens bellas.

Estes são os defeitos mais notaveis de Camões na elocução dos cantos III, IV e v, os quaes em comparação

das virtudes no mesmo genero, são, assim no numero como na grandeza, muito limitados. E para não tornar a fallar nos lugares, que já louvei, como são os de D. Ignez de Castro, do velho da praia, dos dois rios Ganges e Indo, de Adamastor, etc., que todos na elocução são admiraveis, não se podem bastantemente louvar as bellas similhanças que emprega Camões para juntar as cousas. Veja-se como representa a intrepidez e furia de Affonso Henriques no campo de Ourique, comparando-o com o sabujo assanhado, no canto III, estancia XLVII:

Qual, c'os gritos e vozes incitado
Pela montanha, o rábido moloso,
Contra o touro remette, que fiado
Na força está do corno temeroso:
Ora pega na orelha, ora no lado,
Latindo mais ligeiro que forcoso,
Até que enfim, rompendo-lhe a garganta,
Do bravo a força horrenda se quebranta.

E como pinta a perturbação dos mouros com a similhança do incendio, na estancia XLIX:

Bem como quando a flama, que ateadada
Foi nos aridos campos (assoprando
O sibillante Boreas) animada
C'o vento, o secco mato vai queimando:
A pastoral campanha, que deitada
C'o doce somno estava, espertando
Ao estridor do fogo, que se atêa,
Recolhe o fato e foge para a aldêa.

Aquella imagem com que Camões, descrevendo a morte de D. Affonso Henrique, nol-o representa enfraquecido pela doença, é bem achada, canto III, estancia LXXXIII:

.....
A palida doença, lhe tocava
Com fria mão o corpo enfraquecido.

'A estancia que se segue não é menos bella, por outra imagem do luto, que se seguiu á morte d'este heroe:

Os altos promontorios o choraram,
E dos rios as aguas saudosas
Os semeados campos alagaram
Com lagrimas correado piedosas;
Mas tanto pelo mundo se alargaram
Com fama suas obras valerosas,
Que sempre no seu reino chamarão:
Affonso! Affonso! os eccos; mas em vão.

Similhante a esta é a estancia cxxxv do mesmo canto, feita para explicar o sentimento de Coimbra sobre a morte de D. Ignez.

Veja-se como pinta no canto III, estancia cvii, o acampamento das nossas esquadras ao pé da cidade de Tarifa, na celebre batalha do Salado, no tempo de Affonso IV, rei de Portugal, que conduzia as nossas tropas:

Mas já c'os esquadões da gente armada
Os Eborenses campos vão coalhados,
Lustra ao sol o arnez, a lança, a espada,
Vão rinchando os cavallos jaezados,
A canora trombeta embandeirada
Os corações, á paz acostumados,
Vai ás fulgentes armas incitando,
Pelas concavidades retumbando.

Porém, emfim, não ha passagem (quanto eu julgo) mais cheia de imagens vivissimas e naturaes, de hyperboles admiraveis, de translações nobilissimas, de similhanças engenhosas, e outras bellezas da elocução, do que a descripção da batalha de Aljubarrota, dada por D. João I, e D. Nuno Alvares Pereira, contra as iniquas pretensões de Castella sobre o reino de Portugal: esta descripção occupa dezoito estancias, desde a xxvi até á xliii, no canto iv. Quão natural e conforme ao costume das mulheres aquella pintura, quando

Estavam pelos muros temerosas
E de um alegre medo quasi frias,
Rezando as mães, irmãs, damas, e esposas,
Promettendo jejuns e romarias. (1)

Que horror deveria ser o que se experimentou nos animos de todos, quando as mesmas cousas insensíveis pareciam possuidas d'elle, como diz a estancia xxviii:

Deu sinal a trombeta Castelhana,
Horrendo, fero, ingente e temeroso;
Ouviu-o o monte Artabro, e Guadiana
Atraz tornou as ondas de medroso;
Ouviu-o o Douro e a terra transtagana;
Correu ao mar o Tejo duvidoso;
E as mães, que o som terribil escutaram,
Aos peitos os filhinhos apertaram. (!)

Qual seria a furia de D. Nuno, como na estancia xxxiv, pois era tal

..... qual pelos outeiros
De Ceuta está o fortissimo leão,
Que cercado se vê dos cavalleiros,
Que os campos vão correr de Tetuão,
Perseguem-no com as lanças, e elle iroso,
Turbado um pouco está, mas não medroso. (!)

FIM DAS OBSERVAÇÕES DO CANTO III, IV E V.

CANTO VI, VII E VIII

ANALYSE.

Despedidos Vasco da Gama e os portuguezes do rei de Melinde, com todas as demonstrações de affecto e alegria, partem guiados pelo piloto que o mesmo rei lhes deu para os dirigir á India por aquelles mares a elles desconhecidos. Já navegavam com mar quieto, e vento favoravel, quando Bacho, invejoso de sua felicidade, por vêr que fã já a descobrir o Oriente, desce dos céos, mette-se pelas agoas do mar até o mais profundo d'elle, para declarar a Neptuno a sua mágoa, e pedir-lhe vingança para tanto atrevimento, como o dos portuguezes. Aqui vê um grande e magnifico palacio de crystal, em cujas portas se achavam esculpidos os quatro elementos, a guerra dos gigantes, etc. Não se dilata 'nisto: entra no palacio, e Neptuno o recebe á porta, admirado de o vêr 'naquelle lugar. Bacho lhe diz que a sua desgraça o trazia alli; que convocasse todos os deuses do mar; que deante de todos era justo se declarasse, pois que o negocio a todos pertencia. Manda logo Neptuno a Tritão, seu mensageiro, convocar os deuses de todas as partes: toca a sua concha, e logo á sua voz se movem todos. Vem Oceano, vem Amphytrite, vem Nereo com todas suas filhas as Nereides, vem Protheo, etc. A todos juntos fala Bacho, dizendo que o in-

teresse de todos os deuses maritimos e o seu, o obrigavam a vir alli. Que se admirava como ha tanto tempo permittiam que os portuguezes, com nunca visto atrevimento, accommettessem e sulcassem suas aguas : que por si tambem temia que, se chegassem ao Oriente, não escurecessem a sua gloria com suas façanhas; que assim pedia a Neptuno remedio a seus males. Os deuses, cheios de ira, mandam promptamente a Eolo, rei dos ventos, o qual logo os solta furiosos contra a armada portugueza.

Em quanto isto se passava no palacio de Neptuno, guardavam os nossos os quartos da noite, bem desprevenidos do mal futuro. Para afugentar o somno, que os opprimia, relatavam mil contos. Velloso contou o successo dos doze cavalleiros portuguezes, que no tempo de D. João I, convidados por doze damas inglezas, para vingar a honra e formosura do seu sexo, contra os cavalleiros de Londres, debaixo dos auspicios do rei D. João, e da conducta de Alvares Gonçalves Magriço, partiram para aquella capital, e, pelejando contra outros tantos cavalleiros inglezes, os destroçaram e venceram, ficando não menos elles gloriosos, quanto as damas satisfeitas e vingadas do ultraje, que se lhes tinha feito; ellas, com festins e preciosos dons, recompensaram o primor e valentia dos portuguezes.

Ao tempo que isto contava Velloso, eis que apparece uma pequena nuvem, signal certo da futura tempestade. Acautelam-se; porém não foi tão promptamente, que podessem prevenir os ventos, que, dando repentina e furiosamente nas náus, fizeram uma em pedaços, quebraram o mastro a outra, e a todas pozeram 'num evidente perigo. Em tão grande apêrto levanta ao céu a voz Vasco da Gama, e invoca o anjo tutelar: vem logo Venus, traz comsigo as nymphas formosas, coroadas de grinaldas, para com seus amores deterem e mitigarem os ventos, o que conseguido, poz-se logo o mar em bonança. Os nossos continuaram a derrota, e brevemente

se acharam diante de Calecut, cidade do reino do mesmo nome, na India que buscavam.

CANTO VII

Camões principia este canto VII por uma apostrophe e invectiva, que occupa as primeiras quinze estancias. Inectiva contra os Allemães, Inglezes e Francezes, por se rebelarem contra a fé e a Igreja, e, em vez de converterem as armas contra os inimigos do nome christão, converterem-nas contra si e contra a Igreja. Omitto na analyse esta digressão, por não interromper com ella o fio da narração.

Entre o rio Indo, que fica da parte occidental, e o Ganges, que fica para o oriente, jaz um grande territorio, chamado o Gran-Mogol. 'Neste habitam diversos povos, debaixo cada um de seu rei, com diversa lei e religião: uns seguem a Mahometana, outros a Idolatrica. Este grande terreno, que desde o monte Tauro corre entre os dois rios, mette-se pelo mar Indico em fórma de pyramide, cuja ponta confronta com a ilha de Ceilão. 'Nesta ponta está o reino de Calecut, do qual a capital é a cidade do mesmo nome, rica e celebre, cujo rei se chama Samorim. Defronte d'ella acharam os nossos embarcações indianas, que lhe mostraram o caminho para conduzir as náus mais perto; o que feito, mandou Vasco da Gama um portuguez a dar parte da sua chegada ao Samorim. Entre a muita gente que concorria a vê-lo, admirada, veio um mouro chamado Monçaide, que soube d'elle a que vinha, porque entendia a lingua castelhana; leva-o para sua casa e o hospéda, dizendo-lhe que o rei não estava na cidade, mas perto. Depois de comerem, vão ambos á frota, da qual e de Vasco da Gama foi recebido o Monçaide com muito agasalho e alegria. Este, perguntado diligentemente pela

terra, pela religião, e pelo rei, respondeu que aquella provincia se chamava Malabar, em que se não conhecia outra religião senão a dos idolos, governada toda 'nesse tempo antigo por um só rei: que o ultimo, chamado Saramá Perimal, se convertêra á lei mahometana, e, destinando ir passar o resto de sua vida em Meca, ao pé do seu propheta, dividira o Malabar pelos seus, dando a um Cochim, a outro Cananor, a outro Chalé, a um Coulam, e a outro Cranganor; e que em fim a um, a quem tinha grande amor, déra Calecut, cidade nobre e rica, com imperio sobre todas as mais, e que porisso se chama Samorim; que a gente se dividia em trez ordens: a plebe, os naires, e os bramanes. Os naires são os nobres, cuja geração não se mistura com a da plebe, e têm por cousa immunda o serem d'esta tocados: elles seguem todos o partido das armas; os bramanes são os religiosos: não mattam cousa viva, não comem carne; as mulheres entre elles são communs.

Entretanto que Gama d'este modo se informava, corre a fama. Manda mensageiros a buscar o Gama. Este, acompanhado da luzida companhia dos portuguezes, lhe vae ao encontro, e, tendo licença do rei, se dirige a seu palacio. Edificam os de Talavar as suas casas dentro dos arvoredos e jardins, unindo d'este modo os divertimentos do campo com os negocios da cidade. Já entravam os nossos pela cêrca do Samorim, e nos grandes jardins admiravam artificiosamente imitada a historia antiga da India nas expedições de Bacho, da Assyria nas acções de Semiramis, da Grecia nas d'um Alexandre Magno; entre a admiração dos portuguezes, lhes diz o *Catal* (porque assim se chamava o ministro do Samorim, por quem mandára buscar o Gama e que o acompanhava) que entre elles havia profecias, que outra nação havia de vir, cujas acções obscureceriam na India as d'aquelles heróes. Dizendo isto, entraram no palacio do Samorim, o qual, 'num rico leito recostado, recebe a Vasco da Gama e a sua embaixada da parte d'el-rei D.

Manoel; informa-o Vasco, e do fim d'aquella sua jornada, que era travar com elle, por parte de seu senhor, uma eterna alliança para utilidade de ambos os estados. O Samorim lhe respondeu, consultaria o negocio com os seus ministros de estado, e mandou ao Catual que apozentasse, assim a Vasco da Gama, como a seus companheiros, em sua casa; dando-lhe ao mesmo tempo occultas instrucções para se informar de tudo o que dizia respeito aos portuguezes. Executa Catual os mandados do rei; chama o Monçaide, e lhe pergunta por tudo: este lhe diz de que terra eram; qual a sua lei, e valor; e que, se melhor se quizesse informar, lhes perguntasse a elles, que eram verdadeiros, e que fosse vizitar as suas náus: o que elle faz acompanhado de muitos naires, Paulo da Gama os recebe a bordo da capitania: estava esta ornada de toldos e bandeiras de sêda, nas quaes se achavam pintadas as acções guerreiras dos portuguezes. O Catual, entre o estrondoso recebimento, se mostra impaciente por saber a significação d'aquellas pinturas: Paulo da Gama lhe satisfaz a tudo no canto seguinte.

CANTO VIII

Este, que vês pintado com o Thyrso nas mãos, diz Paulo da Gama, é Luzo, filho e companheiro de Bacho, fundador da Lusitania; est'outro é Ulysses, que fundou Lisboa, capital d'aquelle reino; este, que vês em habito de pastor, foi Viriato, que venceu muitas vezes os Romanos, e não foi vencido por força, mas sim com perfidia; est'outro é Sertorio, que, desterrado pelos Romanos, se ajunta aos nossos, e lhes faz uma viva guerra: em outra bandeira estava o conde D. Henrique, tronco dos reis de Portugal; lá se via tambem D. Afonso Henriques, seu filho, celebre pelas suas guerras e victorias contra os Mouros; na mesma estava Egas Moniz, que

tão fiel foi a seu rei, que por elle se sujeitou á morte, á si, a sua mulher e filhos. Finalmente, em outras bandeiras se viam debuxados os illustres feitos de outros heróes portuguezes, como os de D. Fuas Roupinho, S. Theotónio, Mem Moniz, Giraldo, Martim Lopes, D. Mathias, bispo de Lisboa, D. Paio Corrêa, Gonçalo Ribeiro, D. Nuno Alvares Pereira, celebre no tempo de D. João I, Pedro Rodrigues do Landroal, do mesmo tempo, Ruy Pereira, os infantes D. Pedro e D. Henrique, filhos de D. João I, celebres pelas expedições da Africa. Até aqui chega a narração dos heroes portuguezes, que leva 'neste canto as primeiras quarenta e duas estancias.

Em quanto isto se passava em as náus, mandou o Samorim aos sacerdotes e haruspices, que consultassem seus deuses 'naquelle caso. O demonio, servindo-se d'aquella occasião, lhes descobre nas entranhas dos animaes, que aquella gente havia servir de ruina ao Malabar. Bacho da sua parte não faltou em fazer o seu officio: apparece uma noite a um sacerdote mouro, e lhe diz conheça a sua obrigação e defenda a sua lei; que se os portuguezes fizerem assento 'naquellas partes, receberá muito grande damno a lei de Mafoma. Acordado o mouro, convoca logo os da sua seita, e lhes expõe tudo quanto Bacho lhe tinha profetizado: todos elles, de common interesse, conspiram logo em remediar um tão grande mal, e, depois de deliberarem por muito tempo sobre os meios, determinam corromper com dadas o Catual, em cuja mão estava o bom successo da sua empreza. Assim o fazem, e persuadem-lhe que aquelles portuguezes eram piratas, sem assento certo, sem lei e sem rei.

Trabalhava Vasco da Gama por falar ao Samorim segunda vez, e o Catual em o impedir, persuadindo juntamente ao rei, que os portuguezes não eram quem diziam, mas sim corsarios, que vinham a destruir e tomar aquellas costas.

O Samorim, por uma parte temeroso e receiado, por outra cobiçoso da conveniencia que se lhe descobria no commercio da Europa, se achava perplexo sobre o partido que tomaria. Resolve-se em fim mandar chamar a Vasco da Gama: diz-lhe as suspeitas justas, que contra elle tinha, de ser aquella sua embaixada fingida: 1.º porque lhe diziam que era pirata; 2.º porque assim parecia, não sendo crível que rei algum da ultima parte do occidente mandasse a tão distantes terras; 3.º porque não trazia presentes dignos de um rei, como o que elle fingia: pede que lhe dissesse a verdade, porque de qualquer modo não o offenderia. Respondeu-lhe Gama que não crêse nos mouros; porque, para ser pirata, a que proposito vir das ultimas terras do occidente? que ser elle mandado por el-rei D. Manuel, não era isto incrível a quem soubesse os altos pensamentos d'este rei; que esta empreza já tinha sido tentada e adiantada por seus antecessores; que não reparasse em não lhe trazer presentes reaes, porque não tinha vindo senão a descobrir o Oriente; que o deixasse ir, e então veria as magnificas offertas do rei. Movido o rei Samorim d'esta resposta, dá permissão ao Gama de ir ás náus e mandar a fazenda que quizesse: vae-se ter com o Catual, relata-lhe a licença do rei, elle pede prompta embarcação. O Catual o leva logo ao caes, e alli, longe do Samorim, põe o negocio em demora até tanto excesso, que temendo chegasse á noticia do Samorim esta vexação, o deixou ir, com condição porém de mandar vir das náus fazenda bastante para se resgatar d'aquella prisão: o que feito, deixando com a fazenda Alvaro e Diogo, se lhe concedeu finalmente tornar ás náus, d'onde mais não quiz sair, com tenção de se partir logo que chegassem os feitores portuguezes, que com a fazenda estavam na cidade.

OBSERVAÇÕES.

Costumes.

I

O primeiro canto d'estes tres que examinámos consta todo d'um nó e sua solução. Os portuguezes, navegando prosperamente, e já quasi chegando á terra desejada, causam em Bacho uma commoção extraordinaria de ira misturada de inveja : desce ao profundo das aguas, implora a ajuda de todos os deuses maritimos ; todos estes se interessam com Eolo para que largue os ventos ; estes levantam uma terrivel tempestade no mar. Os nossos se vêem 'num perigo quasi extremo: — eis aqui o nó e a difficuldade. Elle é formado por quem devia ser. Desde o principio temos visto que Bacho é quem se oppõe a todos os designios dos portuguezes do descobrimento da India. A ficção do palacio de Neptuno no profundo das agoas, o conselho dos deuses, convocado pelo Tritão, e o resultado, tudo está engenhoso e bem feito. O decoro e verosimilhança se guarda, attendendo sómente ao que a fama e mythologia antiga dos vãos deuses nos dizem.

Vasco da Gama, em tanto apêrto e perigo, invoca o anjo tutelar dos mares, por cuja ajuda se tinha livrado e Paulo do naufragio. Acode Venus com as nymphas, adornadas de proposito para enamorar : mostram-se aos ventos Boreas, Noto e mais : uma tal vista lhes quebranta as forças, fazendo succeder o amor á ira e furia, em que se achavam. Eis aqui a solução, que, conforme o nó e enredo principal d'este poema, tambem está boa, pois é feita pela deusa, que se suppõe tomou a protecção e defesa d'aquella frota.

II

Não se pôde porém supportar a incoherencia, que se vê, em invocar Vasco da Gama um anjo e ser soccorrido por uma falsa e gentilica deidade : vicio em que já caíu Camões em outro canto atraz, e em que necessariamente ha de caí'r qualquer poeta, que, tomando um heróe christão, usar de máquinas tomadas da idolatria ; pois, ou ha de fazer idolatrar a seu heróe, invocando algum dos falsos deuses, o que é inverosimil e impio, ou ha de fazer implorar alguma intelligencia celeste, e vê-lo assistido de algum falso e chimerico deus. Tambem o modo de dissolver a difficuldade, por meio dos enamoramentos, é todo tirado do genio de Camões, que sempre para aqui propendia. Bem se vê porém que podia ser feita por um modo mais decente, e nem porisso menos engenhoso.

III

Do que temos dito se vê, que 'neste nó e solução se inclue tudo o que pôde conduzir para fazer um todo; nem este incidente, para ter tudo o que lhe é preciso, necessita de nada que se lhe ajunte. Toda aquella historia pois dos doze cavalleiros portuguezes, feita por Veloso desde a estancia **XLI** até **LX**, é inverosimil, é estrangeira á fabula, é d'uma digressão impropria e despegada, e faz finalmente com que esta fabula dos *Lusiadas* não seja *uma e simples*, mas *episodica*. Chama Aristoteles, no capitulo **ix** da sua *Poetica*, *episodicas* aquellas fabulas, que têm episodios, que não são ligados uns com outros, nem necessaria nem verosilmilmente, porque a fabula, como elle mesmo diz no capitulo **vii**, deve ter *unidade*, e esta consiste em que todas as partes, que compõem a fabula do poema, devem ser tão bem ligadas, e ter entre si uma tão grande relação, que, tirando-se

se uma ou transpondo-se, a fabula fique ou inteiramente mudada, ou destruída. Quando se mistura e intro-mette em uma fabula uma acção, que não faz parte da acção principal, pôde-se esta tirar de todo, sem deixar algum vazio e sem mudar a acção que faz a materia do poema. Uma fabula é pois *episodica*, quando tem qual-quer parte que não é sua, que é estranha, que é pega-da, e que se pôde cortar sem a fabula ter algum prejuizo. Ora, toda aquella historia é d'esta natureza: ella não é ligada com a acção nem necessaria nem verosimil-mmente, porque nem o que antecede nem o que se segue tem necessaria ou verosimil connexão com ella. É verosimil sim, que Veloso com seus companheiros, para expellir o somno, dissessem alguns contos e historias: mas não é nem necessario nem verosimil (mas sómente pos-sivel) que a historia, que contassem, fosse justamente a dos doze cavalleiros. É pois esta parte alheia da fabula e não propria, accrescentada e não unida á acção, pois d'ella se pôde separar sem o mais leve prejuizo.

Toda aquella narração a respeito de Hyppiryle, no livro iv e v da Thebaida de Stacio, não é feita sem occa-sião; comtudo, julgam todos que é uma digressão im-portuna, e não episodio, por não ter connexão com a acção principal, qual é a contenda de Polynices e Eteo-cles sobre o reino de Thebas: o mesmo pois se deve di-zer da de Camões.

IV

O mesmo se deve dizer das cinco ultimas estancias do canto iv, que não são mais que uma digressão em que Camões mostra que a honra e a gloria não se alcançam senão pelos trabalhos, suores e perigos grandes, como fez Vasco da Gama. Camões quasi não fez tenção de aca-bar canto algum senão com semelhantes dissertações, tão alheias dá natureza do poema, que não das instruc-ções de voz, mas de obra; como contrárias á sua unida-

de, que pede uma tão grãnde connexão em suas partes, que todas se unam e nasçam umas das outras, e façam um corpo contínuo, e não interpolado por qualquer cousa que seja: É isto o que succede ordinariamente aos poetas, que tomaram para seus poemas acções simples, como é a dos *Lusiadas*. Estas, como são seccas de si e pobres de incidentes, para os poetas lhes darem aquella extensão e grandeza de que necessitam, conforme a natureza do poema, se vêem obrigados a procurar de fóra cousas que possam supprir a esterilidade de sua materia; e assim cáem facilmente em episodios e digressões improprias da acção e do fim d'ella, como vemos succede a cada passo a *Camões*, e é facil de vêr a quem fór intelligente, e sem parcialidade examinar a sua obra.

CANTO VII

V

Isto mesmo se observa no canto VII, no qual as primeiras quinze estancias não têm connexão com a acção do poema. O poeta em propria pessoa faz uma apostrophe aos portuguezes, dizendo-lhes que ainda que sejam uma pequena porção da terra e da egreja, excedem as mais nações em dilatar a fé; que os *Allemaes*, rebellando-se da egreja; os *Inglezes*, formando um novo genero de christandade; os *Francezes*, fazendo guerra a outros principes catholicos; os *Italianos*, dados ao ocio e delicias, não fazem mais que enfraquecel-a, já impugnando-a directamente, já accommittendo aquelles que a professam, e não aos seus inimigos. Que tem isto com o descobrimento da *India*? O officio do poeta é pintar, e não prégar.

VI

No restante d'este canto não faz *Camões* outra cousa

do que narrar (seguindo quasi os passos da historia) o que passou Vasco da Gama depois que chegou a Calecut até dar a sua embaixada ao Samorim. A variedade dos successos dão bem ao poeta que pintar, e não é necessario fingir incidentes para fazer maravilhosa a sua fábula.

VII

Na estancia LXXVIII, principiando a tractar dos grandes homens de Portugal, insignes em armas e fidelidade, invoca as nymphas do Tejo e do Mondego a que o ajudem em caminho tão arduo e dilatado. É esta a terceira invocação; e agora vejo que estas tres invoções correspondem ás tres cousas, que elle no principio do poema se propoz cantar, que eram: 1.º as guerras e varões assignalados, que na Asia fundaram o novo imperio: a isto corresponde a primeira invocação na IV e V estancia do canto I; 2.º os reis de Portugal, que dilataram o imperio portuguez, assim na Europa como na Asia e Africa: a isto corresponde a invocação que se vê na estancia I do canto III, em que tracta aquella materia; 3.º os illustres portuguezes, que por suas acções immortalisaram seu nome: e a esta parte corresponde finalmente a invocação no fim do canto VII, que serve de introdução ao canto VIII, onde tracta miudamente dos mais celebres portuguezes até o reinado de D. João I. O que me confirma mais na opinião, que não veio ao pensamento a Camões o tomar a Vasco da Gama por unico heróe do seu poema; mas sim, tomando occasião d'esta acção do Gama, se propoz fazer celebres os portuguezes por seus reis e pelos grandes homens, que, assim em Portugal como no Oriente, se fizeram conhecidos por seu valor e fidelidade.

VIII

De qualquer modo que isto seja, é certo que Camões

com as ultimas nove estancias, cortou outra vez o fio ao seu poema, queixando-se, fóra de lugar, da sua má fortuna e da ingratidão d'aquelles mesmos, que elle tinha esclarecido com seu canto, por não terem recompensado o seu trabalho. Elle protesta de não celebrar mais a alguém, que o não mereça, sob pena de não ser agradecido.

IX

N'este canto se vêem desfeitas finalmente todas as difficuldades e embaraços, pela chegada das nossas náus a Calecut, e descobrimento da India e sua navegação. No fim d'elle principiam a sobrevir novas difficuldades sobre a tornada de Vasco da Gama para Portugal, o que era necessario para completar a acção, que não simplesmente o descobrir a navegação da India, mas levar d'esta descoberta noticias certas ao rei, que tinha sido o auctor d'esta tentativa. A primeira difficuldade, pois, que encontra Vasco da Gama, é nascida da ignorancia do Samorim e seus ministros da qualidade de semelhantes homens, e se seriam na verdade quem diziam ser, ou se era gente de que podesse haver algum temor. D'aqui nascem as informações, que manda o Samorim tirar ao seu Catual, e por consequencia a demora da retirada de Vasco da Gama. No canto seguinte crescem grandemente estas difficuldades, como veremos.

CANTO VIII

X

O Catual, para melhor se informar de tudo, vai a bordo das náus portuguezas, onde é recebido por Paulo da Gama com toda a pompa nautica: as náus, em signal de festa, se embandeiram; nas bandeiras estavam debuxa-

das varias figuras : quem são ? pergunta curiosamente o Catual. Paulo da Gama, 'naquellas pinturas, lhe mostra representados os portuguezes mais celebres, e suas acções gloriosas por que se fizeram famosos. Tudo isto é uma ficção do poeta, imitada de Virgilio no livro I da Eneida, onde Eneas vê pintada, em alguns quadros no templo de Dido, a ruina de Troia, da qual diz bem Jacintho Freire na sua *Arte Poetica*, liv. III, cap. XII: «Não é mui verosimil que a historia de tantas batalhas, acções e retratos de homens illustres, coubessem nas bandeiras ; e dado que coubessem, não são as bandeiras lugar proprio para estarem pintadas acções insignes ; pois 'nellas o que unicamente se põe, para serem conhecidas, são as armas do principe a que pertencem. Mais seguro iria Camões se 'nesta parte imitasse a Virgilio, o qual, querendo fazer menção das acções memoraveis, fingiu-as postas em uns quadros, e não em bandeiras. Melhor lugar tinham estes feitos portuguezes pintados em paineis na camara do capitão.»

XI

Na estancia XLV continuam a crescer as difficuldades de se expedir Vasco da Gama. Os haruspices, mandados pelo Samorim, acham nas entranhas das victimas agouros contrarios aos portuguezes. Bacho, apparecendo ao sacerdote mouro, faz por meio d'elle conspirar todos os mouros, que estavam em Calecut, á inteira perda dos portuguezes e de suas náus. O Catual e mais principaes da cidade, corrompidos e induzidos pelos mouros, obram com elles de commum concerto. Tudo isto são embarços. Vasco da Gama persuade o Samorim ; dá-lhe este licença para ir ás náus ; embarça porém isto o Catual : nova difficuldade. Deixa-o finalmente ir, mas retém-lhe dois companheiros com a fazenda na cidade, esperando d'este modo dilatar as nossas náus, para se-

rem queimadas pelas que se esperavam de Méca. Ultima difficuldade. As ultimas quatro estancias são de fóra da acção, e uma digressão, sobre o muito que pôde o interesse no coração humano, alheia inteiramente da materia.

XII

Em todos estes tres cantos, e nos que se seguem, é muito para observar que Camões quasi sempre fala por si, e raras vezes por interposta pessoa: o que é um defeito muito consideravel no poema epico, onde, conforme todos dizem, deve reinar o dramatico, isto é, onde o poeta deve falar mais por pessoas interpostas, que por si; porque o poeta é imitador, e verdadeiramente é então que imita quando nos representa os homens pintados em seus discursos. O poeta, diz Aristoteles no capitulo xxv de sua Poetica, deve falar pouco por si mesmo, porque não é nisto em que elle se mostra imitador. Todos os outros poetas imitam raras vezes, e não levam muito adeante sua imitação, ao mesmo tempo que Homero, depois de falar pouco de si mesmo, introduz logo alguma das suas personagens, ou homem, ou mulher, ou outra qualquer cousa que tenha costumes, porque tudo tem costumes em seu poema: até aqui Aristoteles. É verdade que a epopêa é misturada de narração e drama; mas o dramatico se deve metter em toda a parte, e o epico raras vezes. Pôde ser que dos poemas de Homero e Virgilio a quarta parte não seja narrativa.

XIII

Para supplemento á observação x, deve-se advertir que o poeta deve dispôr e ordenar de tal modo a fabula, que não só não venha a repetir-se o mesmo segunda vez, mas nem ainda haja occasião verosimil de o fazer. Quan-

do Enéas diz que chegou ao Epiro, onde era rei Heleno, então casado com Andromacha, filha de Priamo, na conversação que teve com esta princeza captiva, sobre a causa de sua jornada, era muito verosimil que ella lhe perguntasse os successos dos Troianos, e que Enéas respondesse a um tão justo e necessario desejo. Virgilio porém, que via esta difficuldade, fez sobrevir Eleno, e d'este modo impediu esta narração, que por outra parte seria necessaria 'neste lugar, e ao mesmo tempo fastidiosissima, pois que repetiria o mesmo que ha pouco tinha contado a Dido. O mesmo Virgilio faz reconhecer a Enéas, nos quadros que encontrou no templo de Dido, não o que elle pouco depois havia de relatar áquella rainha, mas alguns passos do cerco de Troia, que não teriam lugar na sua narração. Por estes exemplos nos mostrou este grande poeta quanto se deve fugir das repetições das mesmas cousas. Camões não se acatou 'neste ponto quanto devia: elle faz explicar brevemente a Paulo da Gama, deante do Catual, os mesmos successos e os mesmos heroes, com pouca differença, que já largamente tinha exposto seu irmão Vasco da Gama ao rei de Melinde. Camões devia considerar que, ainda que o rei de Melinde e o Catual sejam pessoas diferentes, ás quaes verosimilmente se poderiam contar as mesmas cousas, o leitor do seu poema sempre é o mesmo, ao qual, devendo elle procurar todos os deleites possiveis no seu poema, seria cousa absurda o enfastial-o com repetições importunas.

Costumes.

I

Todos os costumes estão bem notados nas personagens d'estes três cantos. Bacho e Venus, que formam o enredo principal do canto vi, obram em conformidade dos costumes, interesses e inclinações, que Camões lhes

tem dado. Vasco continúa 'nelle a ser heroe, e não desmente o seu character; elle não treme nem chora no meio d'uma tão horrivel tempestade: fica intrepido, e cuida em remover o perigo, implorando a ajuda do céu. Tudo isto é digno d'um heroe christão. No canto VII, todos os costumes são muito semelhantes ao que diz a historia. No VIII, os mouros obram em consequencia do que lhes tinha profetizado seu sacerdote; o Catual obra em consequencia das dadas e presentes com que os mouros lhe tinham comprado a sua ajuda. Um rei perplexo entre dois partidos é facil inclinar-se áquelle onde se lhe descobre conveniencia. Estes costumes têm toda a bondade que é compativel com elles: têm similhaça, conveniencia e egualdade.

II

D'isto porém, que temos dito, se devem exceptuar duas personagens em que Camões não formou os costumes como devia. A primeira é a do Monçaide mouro: esta pessoa está 'neste poema sem costumes, o que é um grande defeito. Diz-se não ter costumes aquella pessoa, que o poeta põe no poema, nua, sem a revestir de certo character, de certas inclinações, de certos costumes, os quaes, declarados ou pelo poeta, ou pela mesma personagem, seja em seus discursos, ou em suas acções, nos dão a conhecer que resoluções e que partido tomarão estas pessoas 'nestas ou 'naquellas occasiões, 'nestes ou 'naquelles encontros. São muito necessarios estes costumes em todas as pessoas, mas principalmente 'naquellas, que fazemos obrar em o nosso poema; e a razão é, porque as acções não se fazem verosimeis sem que saibamos que houveram causas e motivos sufficientes d'ellas. Estes motivos em um agente racional costumam ser, ou as reflexões que faz o entendimento, ou as propensões e interesses da vontade; pelo que é indispensavelmente necessario revestir o homem anticipada-

*

mente d'algum d'estes motivos, para o não fazer obrar precipitadamente e sem causa: o que é absurdo em um homem racional. Isto supposto, parece-me que o Moncaide não tem costumes: elle conversa amigavelmente com o portuguez que Vasco da Gama mandou, recolhe-o em sua casa, dá-lhe de jantar, vae com elle ás náus, informa fielmente de tudo o Gama, e em fim toma o partido dos portuguezes, e os favorece em toda a parte. Para se considerar semelhante inclinação em um mouro parece-me que não basta o saber elle a lingua castelhana, e assim gostar de se entreter com os que a entendiam. O que eu sei é que Virgilio, para fazer crível em Dido o recebimento dos Troianos, preparou isto d'outro modo: não só no primeiro livro, verso 301, diz que Jupiter rogado por Venus mandára Mercurio a Carthago para dispôr os animos da rainha e cartaginezes a hospedarem os Troianos, o que na verdade fez,

..... *ponuntque ferocia Pani*
Corda volente Deo: in primis Regina quietum
Accipit in Tuceros animum mentumque benigna;

mas tambem nos mostra a mesma rainha Dido instruída já antes e interessada na fortuna dos Troianos, pois mandou pintar, no templo que edificava, a historia do cerco e ruina de Troia.

III

A segunda pessoa, cujos costumes não observou bem Camões, foi a de seu mesmo heroe Vasco da Gama. Um heroe, que se propõe por exemplo, para a imitação, e por objecto da admiração, deve ter todas as boas qualidades, e estas 'num gráu sublime e heroico. Entre estas deve haver uma que forme o seu character e distinctivo dos mais heroes e sobresáia as mais: estes os costumes d'um heroe, que o poeta deve cuidar se conservem constantemente em todo o curso da acção epica. Mas não

basta isto: um modelo para nos mover, é necessario não só que 'nelle achemos que imitar, mas tambem que de-sejar e amar. A virtude faz-se amavel mais pela gloria que a cerca, do que por sua força interior; do que se segue que não basta que um heroe seja ornado de todas as virtudes: é necessario além d'isso que seja feliz. A virtude deve apparecer 'nelle combatida, mas sempre victoriosa, e isto não só no desfecho do enredo principal, mas ainda nos encontros particulares. Uma virtude heroica triumphá de tudo; nada póde abater a sua gloria. O céu se arma em sua defeza, e não se lhe póde offerecer difficuldade que exceda suas forças. Todas as vezes pois que o heroe se representa fóra d'esta situação, desmente o seu character.

Representa-nos Camões a Vasco da Gama, nos primeiros sete cantos de seu poema, como um verdadeiro heroe, que sáe sempre com gloria dos maiores perigos do mar, das tempestades e dos reis das terras por onde passa. A intrepidez com que na mesma barra de Lisboa triumphá das lagrimas de seus parentes e da lastima de todos, já o põem um gráu acima de tudo o que é humano. Esta heroicidade vae depois crescendo á medida dos perigos. Vasco da Gama chega em fim a Calecut cheio de gloria e de triumphos. Não se lhe devia conservar até o fim esta felicidade. O céu, que o favoreceu no mar, desampara-o porventura na terra? Assim parece quando Camões nol-o representa, já preso na estancia xc do canto VIII:

Insiste o Malabar em tél-o preso;

já comprando com a fazenda a liberdade, na estancia xcii do mesmo canto:

Diz-lhe que mande vir toda a fazenda
Vendível, que trazia, para terra,

.....
O Gama, que o damnado peito encerra,
Consente, porque sabe por verdade
Que compra com a fazenda a liberdade;

já entregue, sem recurso algum, ao capricho do Cautual para exercitar com elle mil indignidades, como se vê na estancia LXXIX do referido canto :

Embarcação que o leve ás náus lhe pede;
Mas o máu regedor, que novos laços
Lhe maquinava, nada lhe concedê,
Interpondo tardanças e embaraços :
Com elle parte ao caes, por que o arrede
Longe quanto poder dos regios passos,
Onde, sem que seu rei tenha noticia,
Faça o que lhe ensinar sua malicia.

Devia pois o poeta, ou occultar inteiramente estes successos, ou fazer vencer ao Gama, pela sua prudencia e ainda por ajuda de maquinas, estas e semelhantes difficuldades, e não representar-nol-o em um estado tão humilhativo, que não excita já em nós a admiração, mas a lástima e compaixão.

Sentimentos.

I

A respeito dos sentimentos não ha que notar para censurar, mas para louvar. Aquelles sentimentos de Vasco da Gama no canto VI, estancia LXXXIII, quando viu a morte deante de si na tempestade que se levantou antes de chegar a Calecut, são nobres, e mostram a grandeza de sua alma :

Oh ! ditosos aquelles que poderam
Entre as agudas lanças Africanas
Morrer em quanto fortes sostiveram
A sancta fé nas terras mauritanas !
De quem feitos illustres se souberam,
De quem ficam memorias soberanas,
De quem se ganha a vida com perdel-a,
Doce fazendo a morte as honras d'ella.

Camões soube aproveitar-se dos que Enéas teve em si-

milhante occasião: veja-se Virgilio no livro I da Eneida, verso xcviII, *o ter quaterque beate*, etc. e conhecer-se-ha a connexão d'este lugar com o de Camões. A tempestade que este aqui descreve, tambem é imitada da de Virgilio 'neste mesmo livro, verso xci.

II

É tambem muito louvada aquella fala do Monçaide ao Catual, em a qual o informa da condição da gente portugueza, de sua religião e de seu valor, no canto vii, estancia lxiX :

Tem a lei d'um profeta, que gerado
Foi sem fazer na carne detrimento
Da mãi; tal que por bafio está approvedo
Do Deos que tem do mundo o regimento:
O que entre meus antigos é vulgado,
D'elles é, que o valor sanguinolento
Das armas no seu braço resplandece;
O que em nossos passados se parece.
Etc.

Porém, a dizer a verdade, este louvor, ainda que verdadeiro, na bocca d'um mouro, no qual, ao mesmo tempo que engrandece os portuguezes setts inimigos, abate deante d'um ministro tão principal os seus, e isto seth preparação prévia, me parece um pouco improprio. Passemos á elocução.

Dicção.

I

Metaphoras duras.

Na elocução e estylo, são para notar algumas palavras barbaras, e algumas translações duras e muito remotas, como são: *animal de Helle*, em lugar de *ouvro*,

canto VI, estancia LXIII; *experimentar a scita epicurea*, por *banquetear-se*, canto VII, estancia LXXV; *vital necessidade*, por *necessidade da vida*, canto VIII, estancia LXIII; *os moradores do Carneiro*, pelos *habitadores da zona torrida*, canto VIII, estancia LXVII; *liquido estanho*, por *mar*, canto VIII, estancia LXXIII; *curral*, canto VII, estancia II, é palavra baixa; *multiplicar na policia da Europa rica*, em lugar de *na rica e policiada Europa*, canto VII, estancia XII, é uma metonymia mui dura; *bafo de Deus*, em lugar de *espírito de Deus*, canto VII, estancia LXIX, é desusado; *madre que nos céus está em essencia*, canto VII, estancia II, não se entende facilmente.

Observo em segundo lugar alguns versos errados, ou por não ter a sexta syllaba aguda, como é necessario, o que se vê no canto VI, estancia XXXI:

No vosso reino este caminho abriram.

canto VI, estancia XLII:

De contar cousa fabulosa ou nova.

e no canto VIII, estancia LXXXI:

Corruptos pela Mahometana gente.

ou porque elidiu o diphtongo ou vogal aguda nas palavras que assim acabam, principiando a seguinte por vogal, como se vê no canto VI, estancia XXXVII:

Já lá o soberbo Hypotades soltava,

canto IX, estancia LXIII:

Aqui a fugace lebre se levanta,

canto VI, estancia XXIII:

Mar sempre cria, e ás vezes pela aréa,

e no canto II, estancia LIII:

Estrangeiros na terra, lei e nação.

Outros por uma synalepha de quatro vogaes, como se vê
no canto vi, estancia xv :

Que no mar nasce e a Arabia em cheiro passa.

III

Jogos pueris de palavras.

Tambem descubro em Camões uma affectação pueril
em procurar jogos e trocadilhos de palavras e equivo-
cos, o que é não pequeno defeito em um poema epico,
onde tudo deve ter magestade e gravidade. Podem ser-
vir de exemplo os versos seguintes; canto vi, estan-
cia xiv :

De ver que commettendo tal caminho,
Entre no reino d'agoa o rei do vinho.

canto vi, estancia xxxiv :

Se accendem as deidades d'agoa em fogo,

canto vii, estancia vi :

Guarda-lhe por entanto um falso rei
A cidade Mahometana terrestre,
Em quanto elle não *guarda* a santa lei
Da cidade Hyerosolima celeste.

canto viii, estancia lviii :

Não era de *espantar* se se *espantasse.*

canto viii, estancia lxxiv :

Mas antes *descaçar* me deixaria
No nunca *descaçado* e fero gremio.

e no canto viii, estancia lxxviii :

Que *mande* da fazenda, em fim *lhe manda.*

Estes lugares, confrontados com os seguintes, fazem

palpavel esta affectação, como adiante se vê: canto III, estancia LXXXIII:

Quando quem em fim *vencendo* andava,
Da larga e muita idade foi *vencido*.

canto III, estancia LXXXII:

Da Lusitania postos em *fugida*,
O Miralmumini só não *fugio*,
Porque antes de *fugir* lhe *foge* a vida.

canto III, estancia XCI:

Por causa dos *privados* foi *privado*.

canto III, estancia CXXXII:

As obras com que *amor* matou de *amores*.

e no canto IV, estancia LIH:

Codro, por que o inimigo não *vencesse*,
Deixou antes *vencer* da morte a vida.

IV

Pinturas bellas.

Mas, deixando os defeitos de Camões, occupemo-nos antes em admirar as suas bellezas 'nesta parte. É admiravel a pintura que elle nos faz de Tritão no canto VI, estancias XVI e XVII:

Tritão, que de ser filho se gloria
Do rei da Salacia veneranda,
Era mancebo grande, negro e feio,
Trombeta de seu pae e seu correio.

Os cabellos da barba, e os que descem
Da cabeça nos hombros, todos eram
Uns limões prenhes d'agoa, e bem parecem
Que nunca brando pente conhecêram:
Nas pontas pendurados não fallecem
Os negros mexilhões que alli se geram.
Na cabeça por gorra tinha posta
Uma mul grande casca de lagosta.

Esta pintura é energica : é d'aquellas, que chamamos particulares e individuaes ; a circumstancia, porém, de que mais abaixo Camões faz menção, é ridicula, e juntamente obscena e escusada : para que é preciso dizer no principio da estancia XVIII, canto VI :

O corpo nú e os membros genitae
Por não ter ao nadar impedimento,
Mas porém de pequenos animaes
Do mar, todos cobertos cento a cento : etc. (?)

No mesmo canto, estancia XXXIX, é muito para notar e admirar a linda pintura que Camões faz dos guardas da náu, luctando com o somno pezado, que de noite tanto os opprimia :

Vencidos vêm do somno, e mal despertos;
Bocejando a meúdo se encostavam
Pelas antenas, todos mal cobertos
Contra os agudos ares que assopravam :
Os olhos, contra seu querer abertos,
Mas esfregando os membros estiravam,
Remedios contra o somno buscar querem,
Historias contam, casos mil referem.

Não menos mestre se mostra na descripção da tempestade, desde a estancia LXI até LXXXV : que cousa mais bem imitada, que aquella ultima estancia :

Assim dizendo, os ventos que luctavam,
Como touros indomitos bramando,
Mais e mais a tormenta accrescentavam
Pela miuda enxarcia assoviando ;
Relampagos medonhos não cessavam,
Feros trovões, que vem representando
Cair o céu dos eixos sobre a terra,
Comsigo os elementos terem guerra. (1)

E que similhaça mais natural para mostrar a inquietação e desassocego d'um pensamento fluctuante e per-

plexo, do que a de que usa Camões no canto VIII, estancia LXXXVII :

Qual o reflexo lume do polido
Espelho de aço, ou de crystal formoso,
Que do raio solar sendo ferido,
Vae ferir 'noutra parte luminoso :
E, sendo da ociosa mão movido,
Pela casa do moço curioso
Anda pelas paredes e telhado,
Trémulo aqui, e alli desascegado. (1)

Não se póde explicar mais vivamente a inquietação da alma.

FIM DAS OBSERVAÇÕES DO CANTO VI, VII E VIII.

CANTO IX e X

ANALYSE.

Continuavam-se em ter presos os dois feitores, que com a fazenda estavam em Calecut, com o sentido de demorarem as nossas náus até que podesse chegar de Meca a frota dos navios mercantis dos mouros, com os quaes podessem destruir e metter a pique as náus portuguezas. Foi de toda esta maquinação avisado Vasco da Gama por meio do Monçaide, o qual, ainda que christão occulto, era participante dos conselhos dos mouros. Mandou Vasco da Gama aos dois portuguezes, que estavam em Calecut, que logo, occultamente, se recolhessem ás náus: elles o fizeram, mas não tão ás escondidas, que os não descobrissem e prendessem. Vasco da Gama, vendo seus designios frustrados, faz represa em alguns mercadores da cidade, que tinham passado ás náus para commerciareem; manda levantar as ancoras e pôr tudo em ar de partir. Então o Samorim, movido dos clamores e lagrimas das mulheres, fillos e parentes dos mercadores, para lh'os restituir lhe manda os feitores com a fazenda. Vasco da Gama remette os malabares, menos alguns que comsigo levou, e torna a tomar a navegação para Lisboa: então Venus, para dar aos portuguezes algum descanso e refresco pelos males passados, lhes prépara uma ilha, onde elles desembarcam. Alli, ajudada

das frechas de Cupido, faz as Nereides enamoradas dos portuguezes. Camões pinta aqui sem reserva os gostos mais lascivos, de que é justo não fazer a analyse: basta dizer que cada portuguez se abraça com sua Nereide; Thetis se ajuncta com Vasco da Gama. E até aqui o canto ix.

No canto x se nos representam as Nereides e Thetis com seus amantes pela mão, conduzindo-os ao cume d'um monte, lugar mais delicioso da ilha: lá, em um grande palacio de crystal, estava preparado um magnifico banquete, onde os portuguezes, assentados cada um ao pé de sua dama, passam alegre e divertidamente o tempo em manjares e festejos; lá canta a bella nympa, com uma dóce voz, aquelles varões portuguezes que se fizeram illustres na India. Camões invoca de novo Calliope, e vae dizendo o que cantava a deusa, predizendo e abrindo os segredos do futuro, que tinha sabido de Protheo. Depois de ter engrandecido as acções e valor dos governadores da India, e dos mais celebres generaes que se distinguiram no Oriente, ella conduz Vasco da Gama e os portuguezes a um lugar mais elevado, onde lhes mostra uma esphera de crystal, em que se viam os circulos celestes, e no meio d'elles o globo terrestre, cujas partes lhe descreve, principiando pela Europa e passando depois á Africa, em cujas costas orientaes se demora, predizendo como sobre ellas estenderiam os portuguezes suas conquistas. Finalmente descreve a Axia, em cujas partes, principalmente na India e ilhas adjacentes, fariam os portuguezes muitas proezas e conquistariam muitos reinos. Depois d'isto despediram-se os portuguezes da ilha, e, acompanhados cada um da sua nympa, se tornaram felizmente a Lisboa, onde, com a noticia do descobrimento do Oriente, foram recebidos por el-rei D. Manuel e por toda a corte com extraordinaria alegria, e premiados como pedia o seu merecimento.

OBSERVAÇÕES.

Como as observações que podíamos fazer 'nestes dois cantos, quanto aos costumes, sentimentos e estylo, vêm a dar nas que já temos feito nos cantos precedentes, só nos dilataremos no que diz respeito á fabula, que é o seguinte:

No canto ix, para a tornada dos portuguezes á sua patria, accresce o embaraço da retenção dos feitores em Calecut, por cujo respeito tambem se demoram as náus. Esta difficuldade é dissolvida pelo Monçaide, que, como amigo dos portuguezes, lhes dá parte dos occultos designios e sinistros motivos dos mouros em fazer alli demorar as náus até que chegassem as de Meca, pelas quaes as nossas podessem ser fundidas. Depois d'este obstaculo dissolvido, na estancia xii, canto ix, principia a solução do nó principal. Os portuguezes, descoberto o Oriente, se partem, levando noticias certas da India e suas visinhanças, que era o que elles por tantos mares e perigos procuravam havia um anno e tres mezes, depois que partiram de Lisboa. Esta a solução.

Porém, sendo uma regra que a solução se deve fazer por aquellas mesmas pessoas que urdiram o enredo e formaram o nó, nem ainda apparecem aqui Venus e Bacho para desatarem o que urdiram; comtudo a razão pedia que Bacho, por algum novo incidente, cedesse da sua ira contra os portuguezes, para que, assim como esta em quanto durava, era a causa de não conseguirem os nossos o que pretendiam, assim, acabada a mesma, se vissem livres das difficuldades que os embaraçavam. Assim o practicou Homero, cuja lliada se dissolve pela verosimil reconciliação de Achilles com os Gregos, motivada pela morte de Patroclo, seu grande amigo, que

queria vingar. Assim o practicou Virgilio, fazendo ceder a Juno da sua ira contra os Troianos, á vista da incerteza da victoria entre Turno e Enêas, que contendiam entre si.

Tambem é muito para notar a ficção da ilha de Venus. Ella é toda fundada sobre o amor de Venus e das Nereides, as quaes deusas, não sendo já para comnosco senão uns nomes vãos e sem significado, é inverosimil semelhante ficção, e não pôde subsistir; além de que parece se não contenta o espirito sem se lhe dizer em que parte d'aquelles mares estava situada aquella ilha: assim faria melhor Camões, fingindo esta ilha em alguma das Anquidivas, perto de Calecut, onde os portuguezes, depois que d'alli partiram, desembarcaram para se provêr de agoa e mantimentos. O que porém se não pôde soffrer é, que Camões attendesse 'nesta sua ficção tão pouco á modestia e pudor natural, que sem freio algum descreyesse com as côres mais vivas os deleites mais illicitos e lascivos, que se podem imaginar; com razão por isso censurado por Mr. Voltaire no seu Tractado do Poema Epico, onde diz assim:

«Eis aqui outra ficção que é muito do gosto dos portuguezes, e que me parece conforme ao genio italiano. É esta uma ilha encantada, que aparece de repente para alivio e refresco de Vasco da Gama e de sua frota. Dizem que esta ilha tem servido de modelo á ilha de Armida, descripta por Tasso alguns annos depois: lá, é que Venus, ajudada dos conselhos do Pae Eterno, e junctamente das frechas de Cupido, faz as Nereides enamoradas dos portuguezes. 'Nella se pintam, sem modo algum, os deleites mais lascivos; cada portuguez se abraça com sua Nereide; Thetis alcança á sua parte Vasco da Gama, esta deusa o leva a um alto monte, d'onde lhe mostra todos os reinos da terra, e lhe prediz os destinos futuros de Portugal.

«Camões, depois de se dar sem reserva á descripção licenciosa d'esta ilha, e dos gostos em que os portugue-

zei se engolfaram, toma o expediente de informar o leitor, estancia LXXXVIII e LXXXIX do canto IX, que toda esta ficção não significa outra cousa, mais que o gosto que um homem de bem experimenta em fazer sua obrigação: Porém, havemos de confessar necessariamente, que se uma ilha encantada, cuja deusa é Venus, e onde as nymphas fazem mil caricias aos marinheiros, depois d'uma dilatada viagem, é uma allegoria, não é certamente tirada de gostos e prazeres honestos. Sei que um traductor (•) de Camões pretende que 'neste poema, Venus é Maria Sanctíssima, e Marte é evidentemente Jesu Christo: está hem, eu não o contradigo; mas confesso que se não poderia admittir similhante cousa. Esta nova allegoria servirá para dar razão de tudo. Já não nos admiraremos que Vasco da Gama em uma tempestade invoque a Jesu Christo, e que Venus o venha soccorrer: Bacho e Nossa Senhora se acharão juntos com toda a naturalidade.»

As ultimas oito estancias do canto IX, contêm uma apologia, em que, com o exemplo da fabula, defende a sua allegoria da ilha de Venus, e uma exhortação aos homens grandes para que se não deixem vencer da cobiça e ambição, mas antes que sirvam fielmente á patria e ao rei, assim por meio de seus sabios conselhos, como pelas armas, se querem ter lugar 'nesta ilha. Do mesmo modo as ultimas doze estancias do canto X se gastam em dizer que a sua voz está enrouquecida já, e que não quer cantar a gente surda e occupada da cobiça. Dirige-se em seguida a D. Sebastião, e, depois de lhe fazer um breve quadro dos trabalhos dos portuguezes em extender o seu imperio, o exhorta a favorecel-os, livrando-os de tributos, servindo-se de seu prestimo e experiencia para seu conselho. Faz depois um breve louvor de si na poesia e nas armas, e que não lhe falta senão ser accito d'elle rei,

(*) Manoel de Faria e Sousa, seu commentador e não traductor.

e que, se isto alcança, e elle fizer o que seu coração lhe predizia, que cantará os seus louvores e acções.

É escusado advertir que estas duas digressões são umas peças ingeridas e alheias ao poema, e por isso não só escusadas, porém nocivas á continuação e unidade do mesmo poema.

FIM:

APPENSO

ANALYSE DOS LUSIADAS DE CAMÕES

Não obstante estarem já expostos á venda alguns exemplares d'este livro, julgámos dever augmentar o seu merecimento, addicionando-lhe, com a devida venia, os artigos publicados no *Jornal do Commercio*, *Instituto*, e *Conimbricense*. Prestámos assim a devida homenagem ao merecimento litterario d'aquelles artigos, que continuarão a ser lidos, occupando d'este modo o logar que lhes compete; o que não succede geralmente com as publicações feitas em jornaes, por certo menos duradouros que os livros.

Os commentadores são competentes, e estão á altura do auctor da *Analyse*; e a proficiencia com que se dedicaram a um exame tão detido, se não fôra o nome de Jeronymo Soares Barbosa, seria de per si sufficiente recommendação para o livro, que publicámos.

Pela nossa parte agradecemos summamente as benevolas expressões, que nos dirigem tão respeitaveis escriptores: são ellas um honroso galardão e recompensa ao desejo, que temos, de vêr engrandecida a litteratura do nosso paiz, e para o que folgariamos de poder concorrer mais-efficazmente.

O illustrado auctor do artigo publicado no *Jornal do Commercio* notou a falta d'um prologo, ou cousa semelhante, em que se dêsse uma noticia explicativa da apparição da *Analyse dos Lusitadas*; sendo que d'este modo se lançaria muita luz sôbre alguns pontos da *Analyse*, elucidando-se o leitor, ao menos pela confrontação de datas.

Hoje, com effeito, esta falta, que não pôde ser supprida immediatamente: no entanto, procuraremos obter dos herdeiros do distincto philologo alguns apontamentos biographicos, que publicaremos com o 3.º volume do *Mundo Allegorico*, uma das obras mais importantes de Jeronymo Soares Barbosa, a qual possuímos, e cuja impressão está quasi concluida.

Coimbra, 31 de Dezembro de 1859.

O Editor.

Jornal do Commercio n.º 1874

Jeronymo Soares Barbosa, o excellente philologo, auctor da *Grammatica Philosophica*, é hoje um nome geralmente ignoto nas regiões da litteratura, que por auctoridade propria se dispensou de todas as habilitações, até das rudimentaes. Pois era um homem de verdadeiro merito, que dava e sabia o *por que* das cousas; e aquella sua grammatica é um trabalho de prestimo, que devia ser bem consultado e meditado por muitos dos nossos escriptores antes de se metterem a discreatear de estheticas e plasticas. Os que têm verdadeira vocação e talento, que são alguns, lucrariam muito aprendendo. Os que não têm lição nem estro, que são infinitos, lucrariam ainda mais desenganando-se. Haveria menos audacias de ignorancia, menos contrabando litterario, e mais obra proveitosa, mais palavras correspondendo a cousas e a ideias.

O opusculo posthumo de Jeronymo Soares, agora dado á luz pelo sr. Ruy Fernandes, é tambem um livro útil, e a sua publicação um bom serviço ás bellas-lettras. Louvando porém a utilidade do livro não queremos dizer que cegamente adoptámos todos os principios n'elle expostos; affirmámos unicamente, que ha entre esses principios *muitos* cuja applicação deve ser estudada.

A *Analyse dos Lusíadas* é uma critica, ás vezes demasiadamente severa, ás vezes demasiadamente arbitraria, mas frequentemente sensata e justa, e em todo o caso digna de ser lida e pensada.

— Criticar Luiz de Camões! dirão attonitos os que innocentemente julgam criticas os encarecimentos ajustados ou os acintosos ultrajes, ahi cada vez mais vulgares.

— Por que não, se Luiz de Camões foi homem, e como homem sujeito a erros, e se em certos casos também?

— O príncipe dos poetas errou!

— Como todos os príncipes.

— Que blasphemia!

E as boas almas, indignadas d'esta incompreensível temeridade, para maior expressão de horror, vão esconder a face inflammada em pejo nas folhas dos *Lusiadas*, que nunca abriram!...

Não ha obra nem ha homem impeccavel. A absolute perfeição não é da terra. As famas panicas, e os julgamentos do odio, são extremos egualmente viciosos e condemnaveis aos olhos da boa razão. Nos mais altos ingenhos ha de haver maiores ou menores máculas, que muitas vezes servem para lhes realçar as bellezas. A somma comparativa d'estas e d'aquellas gradúa os merecimentos. Não é pois desacato notar essas máculas, antes muito importa advertilas para acautellar os inexpertos. *Alíquando bonus dormitat Homerus*, é dictado velho. Que mal pôde vir de apontar onde e como os grandes espiritos adorimeceram? Com isso não se prejudica a reputação nem a authoridade, e melhora-se a doutrina e o ensino!

A taes discussões e exames só se esquivava o talento mysterioso, que logra foras de profundo, porque nunca veio á superficie, e a sciencia avára, que vive e morre inédita. Quem produz está sujeito a enganar-se, e nem por isso deve abster-se, se o que produz pôde ser proficuo. Onde ha luz sem sombra? E porque ha sombra não se accenderá a luz? Ferivel absurdo, que levaria á perpetuidade das trevas!

As mais bellas producções do espirito são justamente as que devem ser mais cuidadosamente depuradas pela analyse, porque são essas as que exercem maior influencia. A mediocridade servil, que não sabe nem pôde discriminar, imita-as, e imita

de ordinario o menos bom, porque não tem fôlego para chegar ao optimo. Assim se perverte o gôsto, e se damnam com o contagio do máu exemplo as mais florentes esperanças.

Á critica, á boa critica, judiciousa, illustrada, imparcial, cumpre atalhar estes perigos, indicandô nos melhores authores o que é para seguir, e o que é para evitar. E menos mal do que a outros fazem a estes as rectas severidades, porque do excellentes lhes sobra para viverem na posteridade, e do inferior elles mesmos se corrigiriam, se podessem ter seguido os aperfeiçoamentos successivamente elaborados pelo tempo.

A *Analyse dos Lusíadas* é uma obra escripta com estes intuitos. Aos improvisadores ignaros de nada servirá, porque esses lêem tanto o poema de Camões como os seus commentadores, e só conhecerá estas cousas de nome. Aos estudiosos, porém, ha de aproveitar devéras, sóbre tudo sendo lida com discernimento. Por fortuna o numero dos estudiosos é já consideravel na mocidade brilhante, que procura sériamente habilitar-se — muito mais consideravel do que por certo imaginam os presumidos, que, julgando-se authores, *se escrevem réus*, como diz Vieyra.

Assim como Jeronymo Soares, esclarecido pelo desinvolvimento dos conhecimentos humanos, argúe no poema de Camões viciós, que mais eram da epocha litteraria do que do homem, como é, entre outros, a intervenção das *máquinas* mythologicas, assim tambem se devem prevenir na *Analyse* os preconceitos que influiram no espirito do illustre philologo, posto que mais recente e chegado a nós. Seria até para desejar que, vindo agora a lume o opusculo, alguma noticia e informação preliminar o precedesse como correctivo. Ha cousas, excellentes n'um periodo determinado, que, passada a sua estação, carecem de addicionamentos e precauções para serem verdadei-

considerar estas navegações e estas armás meros accessorios d'aquelle grande feito, quando nos está dizendo a razão evidente, que foram partes essenciaes e componentes d'elle?

A *claresa*, que o author da *Analyse* louva nã Proposição citada, está justamente n'essa exprobrada incorporação, de que denominou, menos exactamente, accessorios. Observando os rigores da brevidade, como elle os entendeu e quiz applicar, ficaria radicalmente prejudicada aquella recommendavel e tão necessaria claresa. É um inconveniente e um perigo, que o proprio dictador *De Arte Poetica* previu n'este exemplo:

..... *Brevis esse laboro*
Obscurus fo.

Como se vê, as exclusividades escolares, por demasias de zêlo, cegaram a tal ponto aquelle espirito, aliás illustrado, que de muito reverenciar um principio o levaram a infringir outros. Isso têm os systemas absolutos, que se fazem hyperbolicos, e acabam por absurdos.

Citámos apenas um exemplo para authorisar a opinião com a demonstração. Ha muitos mais analogos. Se os colligiramos todos, não seria este um artigo, senão um livro. Não se pense contudo que absolvemos de todo o peccado o grande poeta, com ser tão grande como o acatámos.

Errou, decerto, já o dissemos. Tem muita vez razão, Jeronymo Soares, quando nota os seus erros. Não a tem sempre, é o que pretendemos concluir; não a tem em todos os logares que marca, nem por todos os modos que designa; não a tem principalmente, quando na averiguação substitue ao seu natural e claro juizo o despotismo compressivo dos praxistas.

A correccção prudente nunca ha de ser imperiosa

ou excessiva; e para se vêr quanto lhe cumpre acatellar-se, bastará recordar como o nosso douto Antonio Ferreira a aconselhava ao seu amigo Bernardes:

... Diligente a lima assim reforme

Teu verso, que não entre pelo são,

Tornando-o, em vez de ornal-o, então disforme.

Se assim deve ser do poeta para consigo, manifesto é que para com este não poderá ser menos reportado e equitativo o crítico justo, a quem incumbe um austero dever de imparcialidade no julgamento, attendendo á avaliação dos meritos pelos meritos, não á observancia de uma disciplina ou á posição de um jugo.

A analyse *por comparação*, que é o methodo seguido por Jeronymo Soares, é sempre propensa á paixão.

Não se aprecia bem o que o poeta *faz*; em relação aos seus intuitos, quando se mede com anticipada prevenção o que elle *devia fazer*, para seguir outros. A individualidade fecunda do genio desaparece; ficam sómente as áridas generalidades das regras inalteraveis.

Immobilidade de regras para o estro, para o raio divino, para a emanação sublime da omnipotencia creadora! Eis o que nunca podémos comprehender, e o que a razão se nega a aceitar. As regras não são mais do que observações generalizadas; abstracções tiradas dos factos, prescripções deduzidas dos progressos do genio. Em que consistem, porém, os factos litterarios, onde se attestam os progressos do genio poetico? Nas obras primas do espirito. Se a actividade d'este não pára, se apparecem successivamente novas obras primas, fundidas em moldes desconhecidos, inflammando o enthusiasmo por modos diversos, o que se segue? Segue-se que o circulo das regras, pela propria natureza e condição d'ellas, ha de inevitavelmente ampliar-se ou modificar-se.

Segue-se que essa immobilitade, por tanto tempo imposta, era uma coisa impraticavel, insensata, contradictoria, blasphema!

No afamado prologo do drama de *Cromwel*, V. Hugo com a sua nervosa e pictoresca phrase, resume energeticamente a doutrina moderna, a doutrina já hoje universal, que só faz dependente a musa d'essa poderosa trindade, creadora e fecunda, que se chama — verdade, inspiração e natureza. A palavra eloquente do poeta-philosopho é uma authoridade, que importa aqui ouvir, porque vem a proposito:

«Digamol-o ousadamente (escreve elle), estão consumados os tempos. Fôra na verdade singular que «n'esta epocha jorrasse por toda a parte a liberdade «como a luz, mænos no que nativamente é mais livre no mundo — a elaboração do pensamento! Cãa «pois o camartello demolidor sôbre as theorias, as «poeticas, e os systemas. Esbroemos essa argamassa «velha, que esconde e pollue o frontispicio da arte. «Não ha essas regras, não ha esses modelos; ou, «antes, as verdadeiras regras são as leis geraes da «natureza, que pairam sôbre a arte inteira, e as leis «especies, que em cada composição resultam das «condições de existencia proprias de cada assumpto «e sujeito. Umã são interiores, são eternas, e ficam: «as outras são exteriores, são variaveis, e servem «uma vez. As primeiras são o travamento e arcabouço, que sustenta o edificio: as segundas são os «andaimes, que servem para construir e se renovam «com as obras. Aquellas, em summa, são o esqueleto: estas a vestidura. Essas regras não se escrevem nas poeticas. Richelet nem as suspeitou. O «genio, que adivinha mais do que aprende, extrae, «para cada composição, as primeiras da ordem geral das coisas, as segundas do conjuncto peculiar do argumento, em que trabalha, não á maneira do «alchymista, que accende as suas fornalhas, sopra

«o fogo, esbrazeia o cadinho, analysa e destroe; mas a feição da abelha, que revôa em azas de oiro, «pousa em cada flor, e lhe suga o mel, sem que a flor perca o brilho, nem a corolla o perfume!»

Quando esta revolução das ideias começava, fóra e longe das nossas lettras, em tentativas balbuciantes, Jeronymo Soares morreu sem ter visto alvorecer a nova aurora. Ainda que visse, sería provavelmente mais forte o preconceito das maximas em que nascêra e vivêra.

Como diz com muito acêrto o sr. Rivara no excellentè prologo ás *Reflexões sobre a lingua portugueza* de Francisco José Freire (o citado Candido Lusitano), publicadas em 1842 pela Sociedade Propagadora dos conhecimentos uteis, ainda então se *acreditava sinceramente*, que o antigo codigo d'essas maximas bastava para *supprir o ingenho*. O erro que transluz na *Analyse* é este — é tambem o de uma epocha. Basta prevenil-o para lêr com fructo uma obra em que ha por outro lado muito conveniente materia de ensino.

Jeronymo Soares é um homem convencido de theorias absolutas; mas não um detractor obstinado. O crítico faz muitas vezes sobresaahir judiciosamente as bellezas reaes do poeta, como são as boas imagens, a pintura das Nereidas e o alarido dos nautas, as descripções da formosura de Dione e da batalha de Aljubarrota, os discursos de Dione a Jupiter e o do embaixador do Gama ao rei de Melinde, etc. Outras vezes são justas as suas censuras, como as que se applicam aos trocadilhos e affectações, a diversas imperfeições metricas, e ás imagens falsas. Finalmente, discrimina com tacto e saber o que é original e o que é imitação, apontando judiciosamente as similhanças.

Merece a meditação e o respeito dos escriptores o seu parecer relativamente ao modo por que se

devem formular os pensamentos. Transcrevemol-o como excellente amostra de um prudente discernimento: «A primeira qualidade nos nossos pensamentos (diz) e, por consequencia; nos nossos discursos, deve ser a *verdade*. Ella é o fundamento sóbre que se sustenta *toda a belleza* dos pensamentos, que *toda se arruina sem esta base*.» Já antes d'elle tinha, por outros termos, Francisco José Freire aconselhado o mesmo na sua *Arte Poetica*, escrevendo: «Se as imagens phantasticas bem pintadas dão alma á poesia, as que são formadas sem juizo e sem arte lhe tiram toda a vivesa, e os bons intelligentes *as reputam por cadaveres*.» A advertencia não será inutil aos que julgam bastante para obter primazias a *quantidade* de figuras e conceitos, sem olhar com grande escrupulo á *sua qualidade*.

Resumindo, a *Analyse dos Lusíadas* é livro d'uma escóla prejudicada pelos progressos litterariós, e como tal deve ser consultado com a necessaria circumspecção: mas é obra curiosa por muitos titulos, prestante a muitos respeito, de bom conselho em muitos casos. A sua publicação deve pois ser tida em conta de um mimo de estimação, e ao editor cabem por isso justos louvores.

(*Em seguida tracta o artigo de duas outras obras recentemente publicadas, e conclue*):

Aqui temos pois tres livros, de que póde com razão ufanar-se a bibliographia portugueza, porque todos tres, em seu gráu e em seu genero, são dignos de attenção e estima pela proficiencia, pela seriedade e pela utilidade. A execução typographica d'elles, é tambem essencialmente esmerada e decorosa para os prelos nacionaes. Finalmente são estes em todas as suas condições, livros recommendaveis, que a imprensa deve commemorar por honra sua e da patria.

M. L.

Instituto n.º 17

(de 1859)

Digno assumpto de celebres pennas ha sido, por várias vezes, a magestosa epopeia do principe dos poetas de Hespanha.

Considerada sob diferentes faces, n'ella tem encontrado o politico sábias maximas para a boa governação dos povos, o philosopho exactissimas descrições dos admiraveis phenomenos da natureza, o rhetorico bastos exemplos para confirmar os seus preceitos, o philólogo uma rica mina de elocuções de extremada propriedade e belleza.

Com quanto, porém, hajam sido todos estes estudos de grande interesse e valia, obrigando-nos a reverenciar tão famoso poema, não nos consta, ainda assim, que alguém o considerasse na sua contextura, cotejando-a com os preceitos, que, por unanime consenso dos criticos, regulam a organização de obras similhantes.

Essa difficil mas proveitosa empresa commetteu-a Jeronymo Soares Barbosa, e ninguem, cremos nós; lhe contestará a competencia.

Sendo-lhe familiares os munumentos dos mais esclarecidos ingenhos da antiguidade, conhecia tambem os da moderna litteratura, e todos os codigos do bom gósto. Ousámos, porisso, affirmar que nunca o principe dos poetas da península Iberica foi tão bem avaliado, nunca teve panegyrista mais fino, nem censor mais imparcial e judicioso.

Sempre nos mereceu grande respeito este insigne humanista, pela excellencia dos seus escriptos; porém

a *Analyse dos Lusíadas*, á conta da perspicuidade, e erudição, em que se estrema, eleva-o-ha, sem dúvida, a mais alta cathegoria, do que a que occupava entre os cultores das boas lettras.

E a ellas fez um importante serviço o sr. Ruy Fernandes, dando á luz tão precioso inedito. Felicitamol-o por este generoso serviço, e ainda pelo esmero e nitidez da impressão, que honra o estabelecimento, que dignamente dirige.

A obra de Soares Barbosa divide-se em várias secções, e cada uma em duas partes distinctas. No primeiro canto, por exemplo, descreve a proposição, a invocação, a dedicação, e o principio da narração poetica dos Lusíadas; discute, depois, a propriedade d'este titulo, avalia os dotes da proposição, e da invocação, e tracta das virtudes da narração.

A cada um d'estes objectos dedica uma dissertação especial, mas amplifica-a, ou restringe-a, conforme o exige a natureza e importancia da materia.

Aponta com o mais delicado discernimento as bellezas e defeitos d'esta celebre epopeia, mas sem exaggerar umas, nem diminuir os outros; faz-nos vêr o quadro tal qual é, com todos os claros e escuros, mas, ainda assim, de tão peregrina formosura, que enleva o entendimento, e arrebatava a admiração.

A *Analyse dos Lusíadas* é, em verdade, uma das mais notaveis producções da moderna Litteratura Portugueza, e composta de molde para a nossa mocidade estudiosa: vêr-se-a ella com mão nocturna e diurna, como lhe recommendamos com o mais vivo empenho.

Preceptivo quizeramos até fôsse o seu estudo, que fiâmos grangearia maior lucro d'este estudo, que do trabalho de decorar a Epistola aos Pisões de Quinto Horacio Flacco, como é de uso nas escholâs.

R. de Gusmão.

Comimbricense n.º 608

(da 1859)

O sr. Olympio Nicolau Ruy Fernandes, digno administrador da Imprensa da Universidade, acaba de prestar mais um serviço ás lettras patrias, tomando o encargo de dar ao prelo a obra posthuma do distincto litterato Jeronymo Soares Barbosa — *Analyse dos Lusitadas de Camões*.

É esta publicação de notavel merecimento, em que o seu sabio auctor, com uma critica imparcial, analysa detidamente os defeitos e as bellezas da obra do principe dos poetas portuguezes.

O sr. Olympio tinha já promovido a publicação de outras producções litterarias de muita valia; mas sem dúbida esta ultima é uma das mais estimaveis, que lhe devemos.

Recommendo-a ao público, não fazemos mais do que o nosso dever.

Instituto n.º 9

(de 1859)

EXCELLENCIAS DA ELOQUENCIA POPULAR, COMPOSTAS NA LINGUA ITALIANA POR LUIZ ANTONIO MURATORI, TRADUZIDAS NA PORTUGUEZA POR JERONYMO SOARES BARBOSA.Editor — *Olympio Nicolau Ruy Fernandes.*

Inedita se conserva grande parte dos monumentos de nossa litteratura. Com quanto se haja explorado, alguns annos ha, esta rica mina, desenterrando do pó das bibliothecas muitas preciosidades; jaz, ainda assim, envolto em esquecimento inglorio avultado numero de obras, que merecem ser conhecidas do público, e que sómente o poderão ser pelas diligencias de um ou outro apaixonado de nossas letras.

Raros são, todavia, esses apaixonados, e d'elles a mór parte mal póde soffrer o empate das quantias que é mistér dispender n'estas publicações.

É necessaria uma abnegação generosa, para metter hombros a taes empresas, que são, em geral, pouco lucrativas, quando não prejudiciaes aos que as tentam.

Ao diminuto numero d'estes benemeritos das letras, pertence o sr. Olympio Nicolau Ruy Fernandes, que tomou a seu cargo a publicação de alguns ineditos do celebre Jeronymo Soares Barbosa.

O ultimo, que temos presente, são as *Excellencias da Eloquencia Popular, compostas na lingua italiana por Luiz Antonio Muratori, e traduzidas na portugueza por aquelle famoso humanista.*

Compõe-se esta obrinha de quatorze capitulos, dedicados cada um a seu particular assumpto, mas referindo-se todos ao que constitue o titulo.

Nobre foi o empenho de Muratori, pertendendo desterrar da oratoria sagrada o estylo florido, e expressões argutas; nobre e gloriosa foi, tambem, a resolução de Barbosa de vulgarisar no seu paiz tão sã doutrina.

Entre nós, desgraçadamente, tocou a ultima decadencia aquelle genero de eloquencia; nem ha já levantalo d'este vergonhoso abatimento os singulares esforços d'esses poucos varões insignes, que, como astros refulgentes em céu entenebrecido, ahí se extremam na oratoria do púlpito.

Apparece, porisso, muito a proposito o livrinho das *Excellencias da Eloquencia Popular*; estudem-no os que se dedicam á prédica, leiam-no ainda os que amam este formoso ramo de conhecimentos, que nem uns nem outros hão de dar por mal empregado o tempo que n'este estudo e leitura consummirem.

Instituto n.º 19

(de 1859)

POESIAS DE NICOLAU TOLENTINO DE ALMEIDA,
OBRAS POSTHUMAS E ATÉ HOJE INEDITAS.

Editor — *Olympio Nicolau Ruy Fernandes.*

Aos cuidados e boas diligencias do sr. dr. Francisco da Fonseca Corrêa Torres, thesoureiro mór na Sé de Coimbra, devemos a publicação, que annun-

ciamos, das obras posthumas do nosso bem conhecido poeta Nicolau Tolentino.

Comprehende esta collecção sonetos, endeixas, glosas, decimas e quadras, escriptas com aquella pureza e elegancia que caracteriza a linguagem familiar das suas produções poeticas, e que sôbre tudo no genero epigrammatico lhe grangeára merecido applauso.

O sr. dr. Fonseca movido de louvavel zêlo pelas letras patrias esmerou-se, em que a edição das obras posthumas do nosso poeta fôsse de todo o ponto accurada e correctâ.

Para esta publicação o sr. dr. Fonseca teve á vista um manuscrito todo da propria letra do sabio academico Francisco Manuel Trigoso, cujo credito e auctoridade litteraria são um testemunho insuspeito da authenticidade d'aquelle inedito.

As poesias contidas n'este manuscrito, o sr. dr. Fonseca addicionou outras, que encontrára na bibliotheca da Imprensa da Universidade entre os manuscritos do seu antigo director, e mui douto philologo Joaquim Ignacio de Freitas, que andava colligindo as poesias de Nicolau Tolentino para dar á luz uma collecção completa d'ellas, quando a morte veio colhel-o no meio das suas laboriosas tarefas litterarias.

Esta nova edição das obras ineditas d'aquelle poeta, é no mesmo formato da edição das outras obras do mesmo auctor, que Rolland publicára em Lisboa, em 1828, e ás quaes serve de complemento.

Assim, graças ás doudas investigações do nosso amigo, não teremos a lamentar, entre tantas outras, a perda das obras posthumas d'aquelle estimavel poeta, que, apezar de certos defeitos, que o seu genio, e tambem as peculiares circumstancias da sua vida, nem sempre lhe permittiam occultar em seus versos, occupa um logar distincto no nosso parnaso.

J. M. de Abreu.

MUNDO ALLEGORICO OU O PLANO DA RELIGIÃO
CHRISTÃ, REPRESENTADO NO PLANO DO UNI-
VERSO, DEDICADO AO CLERO DA NAÇÃO POR-
TUGUEZA.

Original posthumo de Jeronymo Soares Barbosa, deputado que foi da Juncta da Directoria Geral dos Estudos e Escolas do Reino, na Universidade de Coimbra, e Socio da Academia Real das Sciencias de Lisboa, etc.

Publicada sob a protecção do Em.^{mo} Sr. Cardeal Patriarcha, e dos Ex.^{mos} Srs. Arcebispos e Bispos.

Editor — *Olympio Nicolau Ruy Fernandes.*

«É o objecto d'esta Obra (diz o Escriptor quasi no fim do seu preambulo) mostrar o Plano da Religião Christã, representado e formalizado no Plano do Universo. É este um como Theatro immenso, cuja architectura, decorações e vistas estaveis e permanentes, são formadas pelos grandes corpos, que o adornam, e que parecem gyrar sempre á roda de nós; os Ceos, digo, com todos os seus astros e a Terra com todos os animaes, plantas e productos, que a compõem e revestem. N'esta Terra, como em uma grande scena, apparecem, desde o principio do mundo até agora successivamente, varios actores, que, debaixo das mesmas personagens e figuras, representam, em diferentes actos e em diferentes tempos, os mesmos dramas, dirigido tudo pela Providencia, a fim de manter e adiantar a sua grande obra da Religião eterna, e da Igreja Christã, composta de bons, e de máus, e rodeada de Nações incredulas, como espectadores interessados, cooperam por diferentes modos para o mesmo fim.

N'este magnifico Theatro tudo é allegorico e representativo, quer sejam objectos, quer acções. Os objectos da Natureza, assim mudos, como são, têm sua linguagem bem expressiva: pois chamando de contínuo as nossas atenções pelas impressões vivas, agradaveis, estupendas e uniformes, que fazem sobre nossos sentidos, por estes transmittem aos espiritos intelligentes grandes verdades, que o homem não pôde vêr senão n'este espelho. Deus os creou para isto principalmente, e só o atheu é que pôde dizer que nada significam, senão o que offerecem á vista. Ora, assim como todos estes objectos da Natureza são significativos, assim o são tambem todos os acontecimentos da Historia do Povo de Deus, combinados com os dos Povos e Nações infieis. Todos elles são precursores, e propheticos de outros, que na serie dos seculos lhes succederam, e hão de succeder até o fim do mundo. O reino de Deus, e o Mundo-Politico serão sempre o que foram.

«Nada ha de novo debaixo do Sol. O que foi ha de ser sempre; de sorte que os factos dos homens, que precederam, vêm a ser umas imagens, representações, e allegorias reaes dos que lhes succederam, e hão de succeder. O Mundo-Historico é uma figura, como o é o Mundo-Physico, com a differença d'esta ser estavel e permanente, e aquella successiva e transitoria.

«Por isto, que acabámos de dizer, já se vê que o Plano Divino da Religião, explicado pelo Plano tambem Divino do Universo, não pôde deixar de unir em si todos os methodos, que seguiram nos Tractados da verdadeira Religião os que procuraram adaptal-os á capacidade commum dos homens, unindo n'elles a força do raciocinio com o prazer da imaginação, e servindo-se das mesmas imagens, similhaças e comparações, tiradas dos objectos sensiveis, para com ellas fazerem perceber o que o ôlho

do homem nunca viu, nem o ouvido ouviu, nem veio jámais ao pensamento do mesmo, deixado a si. Os que para isto se ajudaram da Poesia não podiam deixar de assim o fazer. Porém aquellas imagens e figuras são pela maior parte de pura invenção, e partos do ingenho e da phantasia. As que nós, porém, empregámos no nosso Plano têm a vantagem de serem as mesmas, que Deus escolheu, e destinou na Natureza e na Revelação, para nos pintar e proporcionar as verdades invisiveis e sublimes da sua Eterna Sabedoria. Assim não podem ellas deixar de ser as mais acertadas, e as mais proprias para este fim.

«Por esta razão nenhuma das allegorias, que propomos, tanto no Physico, como no Historico, é arbitraria. Todas são fundadas sôbre a Revelação, que não nos pôde enganar na sua escolha, como nem tão pouco nas verdades, que debaixo d'ellas esconde. Verdade é, que a Escriptura nem em todos os objectos da Natureza, e factos da Historia, nos faz esta applicação do que é — visivel ao que é invisivel. Mas, feita ella uma e outra vez, em objectos e factos da mesma especie, é de razão, que, pela regra da analogia, se estenda a outros, que estão na mesma classe e paridade. Quando S. Paulo nos diz, que as cousas de Deus invisiveis se fazem visiveis nas mesmas obras da criação, se bem se entendem, nenhuma d'ellas exclue d'esta applicação; antes as comprehende n'ella todas. Se pois alguma vez por paridade de razão estendemos a allegoria a algum objecto, ou acção, a que a Revelação a não estende, ella entra nas Regras, Axiomas, e Principios geraes, que fazem a base de todo o Plano.» etc., etc.

O prospecto geral d'esta obra acha-se publicado nos jornaes — *Domingo*, n.º 81 e seguintes; *Nação*, n.º 2756 e seguintes; *Campeão do Vouga*, n.º 468; *Ordem Publica*, n.º 12.

CORRECÇÕES DA ANALYSE DOS LUSIADAS

Aproveitámos a occasião de publicar este Appenso, para inserir a seguinte tabella, que devemos á es-crupulosa revisão de pessoa mui competente 'nestas materias; e reservámo-nos para em outra edição ob-servar todas as demais correcções, que, por menos importantes, não inserimos agora, porém que não podem deixar de ser tomadas em consideração. A especialidade do assumpto, a antiguidade do ma-nuscripto, e a deterioração em que se achava em parte, deu logar a tantos erros, alguns dos quaes vão adiante corrigidos.

O Editor.

<i>Pag.</i>	<i>Lin.</i>	<i>Erros</i>	<i>Emendas</i>
7	23	Crasso	Prasso
11	18	Cycleio	Cyclio
21	31	Não sou da terra	Nem sou da terra
23	5	ferendis	serendis
"	9	cinclutes	cinctutes
24	4	Affonso e o segundo	Affonsos e o terceiro
"	9	Roma	Romana
24	27	vai	vão
29	33	ou'	outro
31	19	Niobe	Dione
32	1	"	"
"	18	Ruy	rei
33	32	lhe	lhes
34	4,11	Niobe	Dione
37	19	Moura	Maura
38	15	Só	Sós
"	34	de fogo	do fogo
40	3	morra	moura
"	7	Calado	Calada
"	14	ensinara	ensinava
"	32	P'ra	Por
41	10	benigno	benino
"	14	ao interprete	do interprete
42	2	LXXXVIII	LXXXII

<i>Pag.</i>	<i>Lin.</i>	<i>Erros</i>	<i>Emendas</i>
45	25	ii ego	non ego
"	26	fideie	fudit,
48	2	Peryneos	Pyreneos
50	21	defesa	defensa
52	34	S. Elmo	Sant'Elmo
53	21	tormentos	tormentas
56	3	Macobrio	Macrobio
57	7	Monomopata	Monomotapa
58	31	Antimacho	Antimacho
"	34	Maleagro	Meleagro
59	6	Maleagri	Meleagri
61	9	mares ;	mares)
64	1	necessarios	necessarios
"	8	elle	ella
66	10	Alcacer	Alcacere
"	16	indina	dina
"	21	ferozes	feroces
"	22	Heniochos	Heniochos,
"	29	Taure	Tauro
70	30	levantando	alevantando
73	12	Policina	Polyxena
74	6	antartico	Antarctico
77	22	lavam	lava
79	6	Quiz antes	Quiz mais
80	26	campanha	companha
"	27	esperando	despertando
"	31	Henrique	Henriques
81	20	ao sol	co'o sol
82	15	Ceuta	Ceita
"	19	Turbado	Turvado
86	23	Talavar	Malabar
87	9	Executa Catual	Executa o Catual
88	5	Mathias	Matheus
"	20	diz conheça	diz que conheça
91	21	até LX	até LXVII
92	20	Hypripyle	Hypsipyle
95	26	bor ao	bordo
100	14	301	306
"	18	Pani	Poeni
"	20	Tuceros animum men- tumque benigna	Teucros, animum men- temque benignam
103	2	o ter	O ter que
"	"	biate	beati
"	14	antigos	antiguos
104	30	II	I
105	17	Mahometana	Hierosolyma

